

ALFAGUARA

H.G. Wells

O homem invisível



ALFAGUARA



H. G. Wells

O homem invisível

Tradução, prefácio e notas
Braulio Tavares

© by the Literary Executors of the Estate of H. G. Wells
Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Objetiva Ltda.
Rua Cosme Velho, 103
Rio de Janeiro — RJ — Cep: 22241-090
Tel.: (21) 2199-7824 — Fax: (21) 2199-7825
www.objetiva.com.br

Título original
The Invisible Man

Capa
Victor Burton

Imagem de capa
Cultúra Images / Latinstock

Revisão
Tamara Sender
Patrícia Sotello Soares
Héllen Dutra

Conversão para e-book
Abreu’s System Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W48h
Wells, H. G. (Herbert George)
O homem invisível [recurso eletrônico] / H. G. Wells ; tradução, prefácio e notas Bráulio Tavares. - Rio de Janeiro : Objetiva, 2011.
recurso digital

Tradução de: *The invisible man*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

174p. ISBN 978-85-7962-103-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Tavares, Bráulio, 1950-. II. Título.

11-5368. CDD: 823

CDU: 821.111-3

Prefácio

O homem invisível (1897) foi o quinto livro publicado por H. G. Wells depois de sua estreia em 1895 com *A máquina do tempo*. Com o sucesso imediato do primeiro livro, ele mergulhou numa atividade frenética, porque ainda no mesmo ano publicou o romance fantástico *The wonderful visit*, além de sua primeira coletânea de contos, *The stolen bacillus and other incidents*. Em 1896, saiu o clássico *A ilha do dr. Moreau* e logo depois *As rodas do acaso*, este um romance a respeito do hábito recente de fazer longos passeios de bicicleta. E, no princípio de 1897, foi lançada sua segunda coletânea, *The Plattner story and others*. Wells escrevia com a celeridade de um jornalista profissional, e toda sua obra desta fase inicial tem as mesmas características: originalidade de ideia e de abordagem, narrativa rápida e cheia de ação; eventuais digressões teóricas que justificam a premissa fantástica, de maneira aceitável, para o leitor comum. Na nota biográfica incluída na edição da Penguin Books para este livro, Patrick Parrinder assim comenta seu período como estudante de Ciências: “Ele era fascinado pelos postulados teóricos e pelos horizontes imaginativos das ciências naturais, mas não tinha paciência com os detalhes práticos e as tarefas repetitivas e rotineiras do trabalho de laboratório.” Esta descrição também se aplica a Wells como escritor: o que o seduz na literatura não é o trabalho meticuloso da produção de uma frase perfeita; é o arrebatamento produzido por uma ideia vívida e original.

O tema da invisibilidade é tão antigo quanto o das viagens no tempo; Wells apenas deu a ambos uma premissa com aparência científica — que, afinal de contas, é tudo quanto é necessário numa obra de literatura. O leitor de um romance científico espera do autor um mínimo de conhecimento da ciência, algum respeito ao método científico e ao bom-senso, e habilidade para articular um raciocínio que pareça justificar o que acontece no livro. O leitor sabe que viagens no tempo e homens invisíveis são fantasias; mas o leitor dos anos 1890 descobriu que essas fantasias podiam ser justificadas na linguagem de seu dia a dia, no espírito do seu tempo.

Wells não foi o primeiro a explorar a invisibilidade num contexto moderno. O romance em três volumes *The invisible gentleman*, de James Dalton (1833), foi bastante popular em sua época, mas num contexto de fantasia. Criaturas misteriosas e invisíveis aparecem em contos clássicos, frequentemente reeditados em antologias, como “What was it?”, de Fitz-James O’Brien (1859), “Le Horla”, de Guy de Maupassant (1887), e “The damned thing”, de Ambrose Bierce (1893).

Por outro lado, o próprio Wells afirmou ter se inspirado, em primeiro lugar, no poema humorístico “The perils of invisibility”, de W. S. Gilbert (1836-1911), o libretista de Arthur Sullivan numa série de óperas cômicas que fizeram grande sucesso no teatro da era vitoriana. O protagonista do poema, Old Peter, recebe da fada Picklekin o dom da invisibilidade, mas o mesmo não acontece com suas roupas:

“(…) *A well-bred fairy (so I’ve heard)*
Is always faithful to her word:
Old PETER vanished like a shot,
But then — HIS SUIT OF CLOTHES DID NOT! (…)
So there remained a coat of blue,
A vest and double eyeglass too,
His tail, his shoes, his socks as well,
His pair of — no, I must not tell. (…)”[\[1\]](#)

Provavelmente as sugestões visuais do poema deram a Wells o primeiro impulso para a criação das situações do seu Homem Invisível — já contaminadas de certa comicidade, e iniciando-se, *in media res*, com o personagem, já invisível, às voltas com camuflagens e disfarces.

A originalidade maior de Wells não reside no uso do tema, mas na explicação razoavelmente convincente que ele inventou. Wells fez isto com brilhantismo: seu homem invisível não recorre a um chapéu mágico ou uma capa encantada (como ocorre nos contos de fada e nos romances de cordel), mas obtém sua invisibilidade por meio de um estudo da refração e reflexão óptica, do uso de “centros irradiadores de uma espécie de vibração etérea” com o uso de dínamos e de um motor a gás. O leitor sabe que é impossível; mas quando um leitor quer ser seduzido, basta-lhe uma mentira atraente; ele quer acreditar, mas não acreditará em qualquer coisa. A “voluntária suspensão da descrença” que Coleridge diagnosticou, de modo definitivo, como indispensável à leitura de um texto fantástico, só ocorre quando o leitor sente no autor firmeza imaginativa bastante para levá-lo não apenas além da realidade, mas além das fantasias anteriores. Wells descreve todo o aspecto teórico do processo no Capítulo XIX e mostra as experiências preparatórias de Griffin no Capítulo XX, de modo que, quando este torna a si próprio invisível, o leitor (principalmente o de 1897) já está pronto para aceitar tudo.

Além de tratar de modo diferente o processo que causa a invisibilidade, Wells também o fez com suas consequências. O romance de Dalton era basicamente uma fantasia moralizante, em que, segundo observou o crítico John Clute, todas as medidas eram tomadas para mostrar que o protagonista não ganharia nada com a sua condição. Wells, mesmo incluindo uma mensagem moral em sua narrativa (o Homem Invisível é punido por sua arrogância e sua misantropia), dedica-se mais a explorar até o fim as consequências práticas da invisibilidade, colocando seu personagem em circunstâncias que tanto lhe trazem benefícios quanto desvantagens. A descrição do passeio de um homem nu e invisível pelas ruas geladas de Londres, nos Capítulos XXI, XXII e XXIII, transforma em pesadelo o sonho de qualquer leitor que deseja usar a premissa da história para um *wish fulfillment*, para uma realização de fantasias sem compromissos. Julio Verne queixava-se de que Wells inventava situações cientificamente impossíveis; mas as aventuras dos personagens de Wells têm uma textura realista, e de conhecimento *in loco* de tipos sociais, mais espessa e mais verossímil que as de Verne.

Até o encontro do Homem Invisível com o dr. Kemp, nós o vemos através dos olhos de pessoas comuns, interioranas, aqueles ingleses das classes mais baixas que Wells conhecia tão bem. Ele os vê alternadamente com carinho e com sarcasmo; não os despreza e não os idealiza; trata-os de igual para igual. Este lado realista do livro mostra como Wells foi capaz de manter ao longo da vida inteira uma carreira de sucesso escrevendo tanto romances fantásticos quanto romances *mainstream* — romances de costumes, de análise psicológica e de observação social. Seu conhecimento das pessoas comuns e sua empatia com elas lembram a obra de Philip K. Dick, outro autor que tentou manter duas carreiras literárias em paralelo.

Wells tem seus defeitos. Os diálogos muitas vezes não dizem grande coisa e parecem estar ali apenas para obedecer à convenção dramática de que quando dois personagens estão juntos precisam falar sobre algo. Aqui e acolá o texto apresenta pequenos erros de continuidade, ou pequenas pontas deixadas soltas sem um esclarecimento final. O autor tinha consciência disso. Em sua autobiografia, ele reconhece: “Os críticos não precisam vir me informar de que uma boa parte da minha obra é escrita com desleixo, mal-acabada, impaciente. Grande parte dela foi redigida às pressas e revisada sem muita atenção, e há partes que têm uma textura tão pálida e pastosa quanto o rosto de uma freira alimentada com goma.” Suas qualidades como escritor não são as do estilista, e sim as do autor que mal tem tempo de colocar no papel o jorro de imagens que lhe brota na mente.

Em todo caso, Wells impressiona pela notável visualidade de seu modo de escrever. Seu livro é contemporâneo dos primeiros anos do cinema, mas a rápida sucessão das peripécias e a intensa ação física

parecem uma prefiguração dos filmes de perseguição que fariam sucesso nas telas a partir da virada do século. Existe algo das comédias de Buster Keaton ou Harold Lloyd nas trapalhadas dos habitantes de Iping tentando prender o Homem Invisível, na cena em que Griffin é perseguido dentro da loja de departamentos, e depois na cena da taverna em que o sr. Marvel tenta se proteger de sua fúria. E um clima de tensão e suspense, lembrando a fase britânica de Alfred Hitchcock, está presente nos capítulos dos roubos ao vicariato e à loja de adereços teatrais. A cena final do corpo de Griffin reaparecendo aos poucos inspirou as metamorfoses ou desaparecimentos graduais com que o cinema nos maravilhou em filmes sobre vampiros, lobisomens e monstros como o de dr. Jekyll e mr. Hyde. Wells descreve com elegância as imagens, surpreendentes para sua época, de alguém que retira as ataduras e barbas que lhe cobrem o rosto para revelar o Nada por trás delas, ou de como uma roupa sendo vestida ou despida por alguém invisível parece executar movimentos inexplicáveis, sozinha, no ar. Objetos não são movidos: movem-se, diante dos olhos espantados das testemunhas. Tudo em Wells é visual e concreto. Se a prosa também se compõe, como afirmava Ezra Pound sobre a poesia, de “música verbal”, “imagem” e “ideia”, foi em cima destes dois últimos itens que Wells criou sua obra e sua fama, bem como um modelo seguido por centenas de autores de ficção científica até os nossos dias.

Braulio Tavares

H. G. Wells

O homem invisível

Capítulo I

A chegada do estranho

O estranho apareceu no princípio de fevereiro, em pleno inverno, por entre um vento cortante e rajadas de neve, na derradeira nevasca do ano; cruzou a colina vindo da direção da estação de trem de Bramblehurst,¹ e carregava uma pequena mala na mão enluvada. Estava agasalhado da cabeça aos pés, e a aba do seu chapéu de feltro mole escondia cada centímetro do seu rosto, com exceção da ponta lustrosa do seu nariz; a neve havia se acumulado sobre seus ombros e seu peito, e cobria com uma crosta branca a maleta que ele carregava. Ele cambaleou para dentro da hospedaria Coach and Horses mais morto do que vivo, e jogou a mala no chão.

— Um fogo! — exclamou. — Por caridade! Um quarto e um fogo bem aceso!

Bateu com os pés no chão, sacudiu para os lados a neve acumulada e seguiu a sra. Hall até o saguão para se registrar. E com esta apresentação, e um par de soberanos atirados sobre a mesa, ele se instalou no albergue.

A sra. Hall acendeu a lareira e o deixou ali, enquanto ia ela própria preparar-lhe uma refeição. Um hóspede aparecendo em Iping em pleno inverno era uma sorte extraordinária, ainda mais um hóspede que não se dava o trabalho de regatear, e ela queria mostrar-se digna dessa sorte. Assim que encaminhou o preparo do bacon e desferiu algumas reclamações ríspidas para fazer despertar Millie, sua preguiçosa criada, ela levou toalha, pratos e copos para a sala e começou a arrumar a mesa com estardalhaço. Ficou surpreendida ao ver que, embora o fogo já ardesse, o hóspede ainda estava de casaco e chapéu, parado de costas para ela, e observando pela janela a neve que caía no pátio. Mantinha às costas as mãos enluvadas, e parecia imerso em reflexões. Ela observou que a neve caída sobre seus ombros começava a gotejar sobre o tapete.

— Não quer tirar o casaco e o chapéu, senhor? — perguntou-lhe. — Posso mandar secá-los na cozinha.

— Não — disse ele sem se virar.

Ela ficou em dúvida se tinha escutado bem e estava a ponto de repetir a pergunta quando ele se virou e disse com firmeza:

— Prefiro ficar com eles.

Ela notou então que ele estava usando óculos de lentes azuladas com protetores laterais; além disso, usava barbas volumosas cujos pelos cobriam por completo o restante de sua fisionomia.

— Tudo bem, senhor, como preferir — respondeu. — Daqui a pouco a sala estará mais quente.

Ele não respondeu e virou-lhe as costas novamente. A sra. Hall, sentindo que suas tentativas de entabular conversa não eram bem recebidas, terminou de pôr a mesa em rápido *staccato* e retirou-se. Quando voltou à sala, o visitante permanecia ali de pé como uma estátua, as costas curvadas, a gola erguida, a aba gotejante do chapéu virada para baixo e escondendo por completo seu rosto e suas orelhas. Ela depositou os ovos e o bacon sobre a mesa com ênfase considerável e anunciou, mais do que disse:

— Seu jantar está servido, senhor.

— Obrigado — disse ele, imediatamente, e não se moveu enquanto ela não se retirou e fechou a porta. Só então ele deu uma volta e se aproximou da mesa, com certa impaciência.

Ao atravessar a copa rumo à cozinha, ela escutou um som que se repetia a intervalos regulares. *Tac, tac, tac...* o som de uma colher sendo rapidamente agitada numa tigela. “Essa menina!”, exclamou ela. “Vejam como ela demora!” E, enquanto ela mesma terminava de preparar a mostarda, brindou Millie com uma longa arenga de reclamações por sua lentidão. Tinha preparado o presunto e os ovos, posto a mesa, feito tudo, enquanto Millie (que bela ajudante!) sequer tinha preparado a mostarda! E ela com um hóspede acabado de chegar! Terminou de encher o pote de mostarda e, colocando-o com certa pomposidade numa bandeja de chá preta e dourada, levou-a para a sala.

Bateu à porta e entrou em seguida. Quando o fez, viu o visitante mover-se rapidamente, de modo que ela teve apenas o vislumbre de um objeto branco desaparecendo sob a mesa. Teve a impressão de que ele estava apanhando algo caído no chão. Ela largou o pote de mostarda sobre a mesa, e só então percebeu que o sobretudo e o chapéu do homem tinham sido tirados e estavam agora numa cadeira diante do fogo, enquanto um par de botas encharcadas ameaçava de ferrugem a grade de metal. Ela se encaminhou resoluta para recolhê-los.

— Acho que vou ter que secar isto eu mesma — disse, numa voz que não admitia réplicas.

— Deixe isso aí — falou o visitante, numa voz abafada, e, voltando-se, a sra. Hall viu que ele tinha erguido a cabeça e a encarava. Por alguns momentos ela o contemplou de boca aberta, perplexa demais para poder dizer alguma coisa.

Ele segurava um lenço branco sobre a parte inferior do seu rosto, escondendo por completo a boca e o queixo, e era a isso que se devia o som abafado de sua voz. Mas não foi isso que provocou um sobressalto na sra. Hall, e sim o fato de que toda a testa do homem por cima dos óculos azuis estava coberta por ataduras brancas, e o mesmo ocorria com suas orelhas, sem deixar exposto um centímetro sequer do seu rosto, com exceção do nariz, que era cor-de-rosa e adunco. Um nariz tão brilhante, rosado e lustroso quanto ela notara no momento em que ele entrou na estalagem. Ele vestia agora um casaco de veludo marrom-escuro, com uma gola alta, forrada de linho negro, levantada em torno do pescoço. O cabelo negro e espetado, escapando por entre as ataduras, projetava-se para fora em formas que pareciam caudas e chifres, dando àquela cabeça a mais curiosa das aparências. Aquela cabeça toda cercada de panos e bandagens era tão diferente do que a boa senhora tinha imaginado que ela permaneceu ali, imobilizada.

O homem não tirou o lenço da frente do rosto, mas o manteve ali erguido com uma mão, que ela percebeu agora estar enluvada; e mantinha fixos sobre ela aqueles inescrutáveis óculos azuis.

— Deixe o chapéu — disse ele, procurando pronunciar as palavras de modo bem distinto através do pedaço de tecido.

Os nervos dela começaram a se recobrar do choque, e ela voltou a pousar o chapéu na cadeira em frente ao fogo.

— Eu não sabia, senhor — balbuciou ela —, e... — Deteve-se, embaraçada.

— Obrigado — disse ele secamente. Virou-se para olhar a porta e depois voltou a encará-la.

— Vou secar tudo bem direitinho, senhor, agora mesmo — disse ela, e, agarrando as roupas, deixou às pressas o aposento. Ao cruzar a porta, deu uma última espiada na direção daquela cabeça coberta de bandagens e óculos azuis, e viu que o homem mantinha o lenço erguido diante do rosto. Um calafrio a sacudiu enquanto ela fechava a porta atrás de si, e em seu rosto estavam estampadas a surpresa e a perplexidade. “Nunca imaginei”, murmurou ela, “puxa vida!”. Partiu na direção da cozinha e desta vez, ao chegar lá, estava preocupada demais para dar atenção ao que Millie estaria fazendo.

O visitante permaneceu sentado enquanto ouvia os passos dela se afastando. Ainda relanceou os olhos para a janela, antes de abaixar o lenço e retomar sua refeição interrompida. Levou uma garfada à boca,

olhou desconfiado para a janela, e depois de outra garfada ergueu-se, sempre segurando o lenço, cruzou a sala e puxou para baixo a persiana até encostá-la na cortina de musselina que vedava os vidros inferiores. Isso deixou a sala à meia-luz, e ele, aparentemente satisfeito, voltou à mesa e retomou sua refeição.

— O pobre coitado sofreu um acidente, ou uma cirurgia, ou alguma coisa desse tipo — exclamou a sra. Hall. — O susto que aqueles curativos me deram!!!

Ela pôs mais carvão no fogo, armou o cavalete à frente dele e estendeu em cima o casaco do hóspede.

— E aqueles óculos! Deus, aquilo parecia mais um mergulhador do que um ser humano! — Ela pendurou o cachecol na extremidade do cavalete. — E segurando o lenço por cima da boca o tempo todo. Falando, e tudo... Vai ver que a boca dele está ferida. É bem capaz. — Ela fez meia-volta, como quem lembra algo de súbito. — Deus me perdoe! Millie, você *ainda* não foi capaz de aprontar as batatas?!

Quando a sra. Hall voltou para tirar a mesa após o jantar do forasteiro, viu confirmadas suas suspeitas de que ele tinha a boca ferida ou desfigurada por algum acidente, porque agora estava fumando um cachimbo, e, durante todo o tempo que ela permaneceu na sala, ele nem uma só vez desamarrou, para fumar, o lenço que agora lhe cobria a parte inferior do rosto. E não foi por distração, porque ela o flagrou pelo menos uma vez olhando o cachimbo que ardia de lado. Estava sentado de costas para a janela, e, agora que tinha acabado de comer e beber, e estava bem agasalhado, falou de maneira menos agressiva e lacônica do que antes. O brilho das chamas se refletia nas lentes dos seus óculos, dando-lhes uma vivacidade que até então lhes faltara.

— Tenho alguma bagagem — disse ele — na Estação de Bramblehurst. Seria possível mandar buscá-la? — Ouviu com a cabeça inclinada a explicação da dona da hospedaria, e exclamou: — Amanhã?! Não há uma maneira mais rápida?

Pareceu bastante desapontado quando ela lhe disse que não. Ela tinha certeza? Não havia sequer algum homem com uma carroça, que pudesse trazê-las?...

A sra. Hall aproveitou com entusiasmo aquela iniciativa para tentar entabular uma conversação.

— É uma ladeira muito perigosa daqui até lá, senhor — disse ela. — Uma charrete virou ali, há mais de um ano. Morreu um senhor, para não falar no cocheiro. Acidentes acontecem o tempo todo, não é mesmo?

Mas o visitante não mordeu a isca.

— É... — foi tudo que disse através do lenço, e continuou a fitá-la através daquelas lentes impenetráveis.

— Sem falar no tempo que as pessoas levam para ficar boas — prosseguiu ela. — Veja o caso do meu sobrinho Tom. Cortou o braço com uma foice quando trabalhava no campo, e, meu Deus! Três meses e nada menos do que isso teve que passar até poder trabalhar de novo. Não pude acreditar. E desde então as foices me dão uma sensação ruim.

— Sei como é — disse o visitante.

— Teve um momento em que ele achou que precisaria fazer uma operação... para ver o quanto aquilo foi grave, senhor.

O hóspede deu uma gargalhada seca, um som que parecia um latido.

— Foi mesmo?... — perguntou.

— Foi assim mesmo, senhor, e não foi brincado para quem tinha que cuidar dele, o que foi o meu caso, pois minha irmã já tinha os seus pequenos para se preocupar. Havia muitos curativos nele, senhor, e o tempo todo era curativo para tirar, curativo para pôr... Se me permite dizer, senhor...

— Pode me conseguir fósforos? — perguntou ele de repente. — Meu cachimbo apagou.

A sra. Hall empertigou-se. Muito rude da parte dele falar naquele tom, depois de toda a atenção que

ela lhe dera. Encarou-o por um instante, depois se lembrou dos dois soberanos, e saiu para buscar os fósforos.

— Obrigado — foi tudo que ele disse quando ela os trouxe, e dando-lhe as costas, virou-se outra vez para a janela. Não era nada encorajador; visivelmente, a conversa sobre operações e curativos o incomodava. E já que ele não lhe permitiu dizer nada, a sra. Hall retirou-se, pois os modos arredios do homem a incomodavam, e naquela noite Millie serviu-lhe de bode expiatório.

O visitante permaneceu ali o resto da tarde, até depois das quatro, sem lhe dar nenhum pretexto para uma nova incursão. Durante a maior parte do tempo ficou quieto; pareceu-lhe que não fez outra coisa senão continuar fumando diante do fogo, talvez dormitando de tempos em tempos.

Uma ou duas vezes alguém o teria escutado remexer o carvão da lareira, e a certa altura caminhou indo e vindo pela sala durante alguns minutos. Parecia estar falando consigo mesmo. E depois a cadeira rangeu quando ele voltou a sentar-se.

Capítulo II

As primeiras impressões do sr. Teddy Henfrey

Por volta das quatro da tarde, quando já começava a escurecer e a sra. Hall criava coragem para ir perguntar ao hóspede se ele queria um pouco de chá, entrou na hospedaria o sr. Teddy Henfrey, o relojoeiro local.

— Deus do céu, sra. Hall! — exclamou. — Que tempo terrível para quem calça botas leves! — Lá fora a neve caía ainda mais forte.

A sra. Hall concordou e viu então que ele trazia consigo sua maleta.

— Já que está aqui, sr. Teddy — disse ela —, será que poderia dar uma olhada no relógio grande da sala?... Ele trabalha bem e bate as horas sem erro, mas o ponteiro pequeno está parado no seis.

Ela o conduziu até a sala, bateu à porta e os dois entraram.

O novo hóspede (ela o viu assim que olhou para dentro) estava sentado na poltrona diante da lareira, aparentemente cochilando, com a cabeça cheia de curativos inclinada para um lado. A única luz no aposento era o brilho vermelho do fogo — que parecia transformar seus óculos em dois sinais de perigo numa ferrovia, mas não chegava a iluminar o restante do rosto —, além dos últimos vestígios da luz do dia, que entravam pela porta recém-aberta. Tudo era sombrio e indistinto, ainda mais aos olhos dela, que tinha acabado de acender o lampião no bar; mas por um segundo pareceu-lhe que o homem para quem olhava tinha uma enorme boca escura escancarada, uma bocarra negra que ocupava toda a metade inferior do seu rosto. Foi apenas uma impressão momentânea: a cabeça toda enfaixada de branco, os óculos imensos, e aquele abismo escancarado por baixo deles. Mas nesse instante o homem sobressaltou-se, sentou-se empertigado na poltrona e levou a mão ao rosto. Ela abriu a porta por inteiro, para clarear melhor a sala, e então pôde avistá-lo melhor, segurando o cachecol de encontro ao rosto, tal como fizera antes com o lenço. Ora, pensou ela, foi apenas um efeito das sombras.

— Importa-se, senhor, se um cavalheiro entrar para dar uma olhada no relógio?... — perguntou ela, já refeita daquele susto momentâneo.

— O relógio?... — disse ele, olhando em torno de si com ar sonolento, falando através da mão erguida. E em seguida, já mais desperto: — Oh, certamente.

A sra. Hall saiu para buscar uma lâmpada enquanto o hóspede se erguia, espreguiçando-se todo. Por fim chegou a luz; o sr. Teddy Henfrey, ao entrar na sala, deparou-se com aquela figura coberta de curativos, e sua reação, como afirmou depois, foi de incredulidade.

— Boa tarde — disse o estranho, fitando-o (como disse o sr. Henfrey depois, referindo-se aos óculos: “Como uma lagosta.”).

— Espero não estar incomodando — disse o sr. Henfrey.

— De modo algum — disse o estranho. — Embora eu ache que este aposento é para meu uso pessoal.

— Eu pensei, senhor — disse ela —, que o senhor iria preferir que o relógio...

— Sim, sim — disse ele — mas de um modo geral, prefiro ficar sozinho, sem ser perturbado. — Percebendo um certo retraimento na atitude do relojoeiro, completou: — Agradeço por providenciar o

conserto do relógio, agradeço bastante.

O sr. Henfrey tinha pensado em pedir desculpas e retirar-se, mas ao ouvi-lo mudou de ideia. O estranho postou-se então de costas para o fogo, as mãos às costas, e continuou:

— Quando o conserto do relógio estiver acabado, gostaria de um pouco de chá. Mas não antes disso.

A sra. Hall estava para deixar o aposento — desta vez não fez qualquer tentativa de puxar conversa, pois não queria ser esnobada diante do sr. Henfrey — quando o hóspede lhe perguntou se já tinha tomado alguma providência para mandar buscar suas coisas em Bramblehurst. Ela respondeu que tinha conversado a respeito disso com o carteiro, e que um portador se encarregaria de trazer a bagagem na manhã seguinte.

— Tem certeza de que não pode ser antes? — perguntou ele.

Sim, ela estava certa disso e o afirmou com certa frieza.

— Preciso explicar-lhe algo. Não o fiz antes por estar muito cansado e com frio quando cheguei. Eu pratico investigações experimentais.

— É mesmo, senhor? — disse ela, bem impressionada.

— E minha bagagem contém uma porção de aparelhos e instrumentos.

— Devem ser coisas muito necessárias, senhor.

— E é claro que preciso retomar o meu trabalho tão cedo quanto possa.

— Claro, senhor.

— Minha razão para vir a Iping — continuou ele, acentuando bem as palavras — foi acima de tudo um desejo de... solidão. Não quero ser perturbado durante meu trabalho. Além das minhas obrigações, tive um acidente...

“Foi o que pensei”, disse ela consigo.

— E em vista disso preciso de certo recolhimento. Meus olhos, às vezes, ficam muito sensíveis, e preciso ficar num aposento escuro por algumas horas. Trancado. É só de vez em quando... agora, por exemplo, não é o caso. E nessas horas a menor perturbação, como por exemplo a entrada de uma pessoa estranha no meu quarto, me incomoda dolorosamente. Gostaria que isso ficasse bem entendido.

— Sem dúvida, senhor — disse a sra. Hall. — E, se me permite dizer...

— Isso é tudo, creio — disse o estranho, com aquele seu tom capaz de encerrar qualquer discussão quando lhe convinha. A sra. Hall teve que guardar suas simpatias e seus comentários para outra ocasião.

Depois que a sra. Hall deixou a sala, ele continuou em frente ao fogo, bem atento, conforme relatou o sr. Henfrey, ao conserto do relógio. O relojoeiro retirou não apenas os ponteiros, mas o próprio mostrador, e os mecanismos internos; e tentou proceder da maneira mais lenta e discreta possível. Trabalhava com a lâmpada posta ao lado, e o anteparo verde projetava um círculo de luz sobre suas mãos e as peças do relógio, deixando o resto da sala na penumbra. Quando ele erguia a vista, manchas esverdeadas pareciam dançar diante dos seus olhos. Sendo por natureza um indivíduo curioso, tinha removido as engrenagens do relógio — uma medida totalmente desnecessária — com o propósito de demorar-se ali um pouco mais e talvez encetar uma conversa com o estranho. Mas o homem permanecia ali postado, imóvel e sem produzir um som. Tão imóvel que aquilo começou a dar nos nervos do sr. Henfrey. Teve a impressão de estar sozinho no aposento; mas quando ergueu a vista ali estava o vulto difuso com a cabeça enfaixada e as grandes lentes coloridas fitando-o sem cessar, por entre uma miríade de reflexos verdes que flutuavam no ar. Era uma visão tão estranha aos olhos de Henfrey que durante cerca de um minuto os dois se encararam sem dizer palavra. Então o relojoeiro abaixou a vista. Que situação incômoda! Era melhor dizer alguma coisa. Talvez comentar que o tempo estava frio demais para aquela época do ano?

Ergueu os olhos a fim de preparar sua primeira investida.

— Veja só, este tempo... — começou.

— Por que não termina logo e vai embora? — disse o homem, cuja postura rígida denunciava agora sua condição da raiva reprimida. — Tudo que precisa fazer é fixar o ponteiro na haste. Está apenas fingindo.

— Oh, claro, senhor, só mais um minuto. Não percebi...

O sr. Henfrey encerrou seu trabalho mais que depressa e sumiu dali. Mas não sem se sentir irritado.

— Dane-se! — murmurou consigo mesmo, enquanto descia pelo vilarejo por entre as rajadas de neve. — Um relógio precisa de uma revisão de vez em quando! — E depois: — Qual o problema de se olhar para alguém? Será feio por acaso? — E mais adiante: — Se fosse procurado pela polícia não estaria tão bem disfarçado!

Na esquina da rua Gleeson ele avistou Hall, que casara havia pouco tempo com a proprietária do Coach and Horses, e que agora conduzia o único coche de Iping, quando necessário, até Sidderbridge Junction. Era justamente dessa direção que ele se aproximava agora, e, a julgar pelo modo errático de dirigir, tinha feito algumas paradas ao longo do trajeto.

— Olá, Teddy! — disse ele de passagem.

— Você devia ir direto para casa! — gritou Teddy.

Hall puxou as rédeas sem se fazer de rogado.

— O que disse?

— Um freguês muito estranho acabou de se hospedar no Coach and Horses.

E passou a fazer para Hall uma vívida descrição do estranho hóspede.

— Dá para se pensar que é um disfarce, não é mesmo? Se um sujeito se hospedasse na minha casa, eu iria querer olhar para a cara dele. Mas as mulheres, ah, as mulheres confiam em qualquer estranho. Ele está instalado na sua casa e nem sequer disse como se chama, Hall.

— Não diga! — exclamou Hall, que era um indivíduo de compreensão um pouco lenta.

— Claro! Por uma semana. Seja ele quem for, você não vai se ver livre dele antes de uma semana. E ele tem uma porção de bagagens para chegar amanhã, pelo que disse. Vamos torcer para que não sejam malas cheias de pedras.

Passou a contar a Hall como sua tia em Hastings tinha sido enganada por um hóspede que chegou com malas vazias, e acabou plantando a suspeita na mente do outro.

— Vamos, vamos! — gritou Hall, estalando as rédeas. — Preciso saber o que está se passando.

Teddy seguiu seu caminho, agora com a consciência razoavelmente tranquila.

Em vez de “saber o que estava se passando”, no entanto, Hall, logo ao entrar em casa, acabou recebendo uma descompostura da esposa pelo tempo que tinha passado em Sidderbridge; suas tímidas perguntas foram respondidas de maneira brusca e pouco elucidativa. Mas as suspeitas despertadas por Teddy continuaram a prosperar na mente do sr. Hall. “Vocês, mulheres, pensam que sabem tudo”, murmurou ele, decidido a descobrir o quanto pudesse a respeito do hóspede assim que se apresentasse uma oportunidade. E depois que o estranho se deitou para dormir, por volta das nove e meia, o sr. Hall encaminhou-se com ar decidido para a sala e examinou com rigor a mobília de sua esposa, só para mostrar quem mandava ali; por fim apanhou e estudou com cuidado uma folha de cálculos matemáticos que o estranho tinha deixado à toa. Quando foi se deitar, deu instruções à sra. Hall para que examinasse com o máximo cuidado a bagagem do forasteiro, quando esta fosse entregue no dia seguinte.

— Cuide dos seus negócios, Hall — retrucou a esposa —, e eu cuido dos meus.

Estava ainda mais inclinada a tratar o marido com rispidez porque o estranho tinha um modo bem peculiar de ser estranho, e ela ainda não tinha conseguido formar uma opinião muito clara a seu respeito. No meio da noite, acordou assaltada por um pesadelo em que apareciam cabeças brancas como gigantescos nabos, perseguindo-a, oscilando na extremidade de pescoços longuíssimos, e com grandes olhos negros. Mas

ela era uma mulher sensata; deixou que o medo se dissipasse, virou-se para o outro lado e tornou a adormecer.

Capítulo III

As mil e uma garrafas

E assim foi que, no dia 9 de fevereiro, quando a neve acumulada começava a se derreter, aquele indivíduo singular pareceu cair dos céus para instalar-se em Iping. Na manhã seguinte sua bagagem foi trazida através das estradas lamacentas, e era uma bagagem notável. Havia um par de baús, tais como um homem prático levaria consigo, mas além deles vinha também um caixote de livros — livros grandes, grossos, alguns deles totalmente cobertos por uma caligrafia incompreensível, e cerca de uma dúzia ou mais de caixas e engradados cheios de objetos acondicionados em palha, que pareceram a Hall, quando ele mexeu na palha cheio de curiosidade, garrafas de vidro. O estranho, ainda encapotado, de chapéu, luvas e cachecol, saiu impaciente ao encontro da carroça de Fearenside, enquanto Hall trocava uma ou duas frases casuais, preparando-se para ajudar a descarregar os volumes. O homem aproximou-se sem notar a presença do cachorro de Fearenside, que estava farejando sem muita atenção as pernas de Hall.

— Vamos trazer logo isto para dentro — disse o estranho. — Já esperei muito tempo.

E ele desceu os degraus, indo na direção da traseira da carroça, onde agarrou um dos engradados menores.

No momento em que o cão de Fearenside percebeu sua aproximação, no entanto, seu pelo eriçou-se todo e ele começou a rosnar ameaçadoramente. E quando o estranho desceu os degraus, o cão saltou-lhe em cima, dando um bote na sua mão.

— Êpa! — gritou Hall, pulando para trás, pois não era nenhum herói quando se tratava de cães; e Fearenside berrou: “Deita!”, e estalou o chicote.

Ambos viram que, se a mão do estranho conseguiu escapar ao bote, uma segunda investida do cachorro rasgou-lhe a perna da calça. Nesse instante a ponta do chicote de Fearenside atingiu o animal, que, ganindo de dor, recuou e se escondeu entre as rodas da carroça. Tudo isso não durou mais que um meio minuto em que ninguém teve tempo de dizer nada, a não ser gritar. O estranho examinou a luva, que tinha um leve arranhão, olhou a calça e fez menção de abaixar-se para consertar-lhe o rasgão, mas mudou de ideia e voltou a subir às pressas os degraus da entrada, sumindo no interior da hospedaria. Os outros ouviram seus passos apressados afastando-se pelo corredor e subindo as escadas atapetadas, rumo ao quarto de dormir.

— Você é mesmo um bruto! — exclamou Fearenside, descendo da carroça, chicote em punho, para o cachorro que o espiava através dos raios de uma roda. — Venha cá! Agora!

Hall estava atarantado.

— Ele foi mordido — disse. — Melhor eu ir lá dentro e ver o que há.

Entrando na hospedaria, ele cruzou com a sra. Hall no saguão.

— O cachorro da carroça — disse. — Mordeu-o!

Subiu logo a escada e, como a porta do hóspede estava entreaberta, empurrou-a e foi entrando sem cerimônia, cheio de boa vontade.

As cortinas estavam descidas, deixando escuro o aposento. Ele teve um vislumbre de uma coisa muito singular, algo como um braço sem mão gesticulando em sua direção e um rosto que consistia em três

grandes manchas brancas e irregulares, como as pétalas de um amor-perfeito. Um soco violento o atingiu em pleno peito, atirando-o para trás; a porta foi batida com violência e trancada por dentro. Foi tão rápido que não lhe deu tempo de registrar nada além de uma sucessão de imagens sem sentido, um soco, uma pancada. E ali ele ficou, caído na passagem mal-iluminada, imaginando o que era aquilo que acabara de ver.

Minutos depois, ele se reuniu ao pequeno grupo que se formara diante do Coach and Horses. Lá estava Fearenside, recapitulando mais uma vez o que acontecera; lá estava a sra. Hall, dizendo que o cachorro não tinha nada que andar mordendo seus hóspedes; lá estava Huxter, o dono da loja do outro lado da rua, fazendo perguntas; e Sandy Wadgers, que trabalhava na forja, avaliando tudo com ar de juiz; além de mulheres e crianças, todos falando sem parar: “A mim é que ele não mordia, isso sim”, “Não está certo andar assim com cachorros”, “E mordeu por que, afinal?” e assim por diante.

O sr. Hall, olhando-os do alto dos degraus, não conseguia crer que tivesse visto algo tão extraordinário no andar de cima. Além do mais, seu vocabulário era muito limitado para poder descrever todas as suas impressões do fato.

— Ele disse que não quer ajuda — falou, em resposta a uma indagação da esposa. — Vamos subir logo essa bagagem.

— Ele devia mandar cauterizar a ferida, e logo — disse ela —, principalmente se estiver inflamada.

— Eu matava esse cachorro, isso sim — disse uma mulher que se juntara ao grupo.

De repente o cachorro voltou a rosnar.

— Vamos logo com isso — disse uma voz irritada no umbral da porta, e ali estava o estranho, encapotado, com a gola erguida e a aba do chapéu abaixada. — Quanto mais rápido trouxerem isso, melhor.

Um transeunte anônimo asseverou, depois, que ele tinha trocado de luvas e de calças.

— O senhor se feriu, moço? — perguntou Fearenside. — Sinto muito se o cachorro...

— Nem um pouco — disse o estranho. — Nem me roçou a pele. Vamos, vamos logo com isso.

E praguejou em voz baixa, segundo o testemunho do sr. Hall.

Assim que a primeira caixa foi, de acordo com suas instruções, carregada para a sala, o estranho atirou-se a ela com enorme energia, abrindo-a, e espalhando a palha do seu interior pelo chão, sem a menor consideração para com o tapete da sra. Hall. Dali de dentro ele começou a extrair garrafas — pequenas garrafas bojudas contendo pós, garrafas pequenas e estreitas contendo fluidos brancos ou coloridos, garrafas azuis e alongadas com rótulo de “Veneno”, garrafas de bojo arredondado e gargalo estreito, enormes garrafas de vidro verde, enormes garrafas de vidro branco, garrafas com rolhas de vidro e rótulo fosco, garrafas com finas cortiças, garrafas com tampas de madeira, garrafas de vinho, garrafas de óleo vegetal — retirando-as e dispondo-as em fileiras no armário sobre o mantel da lareira, sobre a mesa junto à janela, ao longo do piso, na estante de livros... por toda parte. A farmácia local não chegaria a ter nem metade daquele sortimento; era uma cena impressionante. Caixa após caixa foram abertas e somente garrafas brotavam lá de dentro, até que todas estavam vazias e a mesa coberta de palha; as únicas coisas retiradas dali além das garrafas foram uma certa quantidade de tubos de ensaio e uma balança de precisão, cuidadosamente embalada.

Assim que a última caixa ficou vazia, o estranho foi para o lado da janela e pôs-se a trabalhar, não se incomodando nem um pouco com a palha amontoada pelos cantos, com o fogo da lareira que se extinguiu, nem com o baú e o resto da bagagem que já tinham sido carregados para o andar superior.

Quando a sra. Hall trouxe-lhe o jantar, ele estava tão absorvido no trabalho, pingando pequenas gotas das garrafas nos tubos de ensaio, que não percebeu sua chegada senão quando ela empurrou a palha para o chão com um gesto enérgico e pousou a bandeja sobre a mesa, com certa ênfase, ao ver o estado em que se encontrava sua sala. Ao ouvir o ruído ele virou um pouco a cabeça e logo lhe deu as costas

novamente. Mas ela percebeu que ele tinha removido os óculos, os quais estavam pousados na mesa à sua frente, e teve a impressão de que suas órbitas eram extraordinariamente profundas. Ele pôs os óculos novamente, e só então virou-se para encará-la. A sra. Hall estava prestes a queixar-se a respeito da palha sobre o tapete quando ele se antecipou.

— Gostaria que não entrasse aqui sem bater — disse ele, naquele tom de exasperação extrema que lhe parecia tão característico.

— Eu bati, mas achei que...

— Pode ser. Mas nas minhas investigações... minhas investigações, que são muito urgentes, muito importantes... a menor perturbação, a batida de uma porta... Devo insistir que...

— Certamente, senhor. Pode correr o trinco por dentro, se preferir. Como achar melhor.

— Sim, boa ideia — disse o estranho.

— Essa palha, senhor, se me permite dizer...

— Não se preocupe. Se a palha lhe causar algum problema, ponha na conta. — E murmurou algo baixinho, dando a impressão de que praguejava.

Era uma figura tão estranha, ali parado, tão agressivo, a ponto de explodir, com uma garrafa numa mão e um tubo de ensaio na outra, que a sra. Hall ficou alarmada. Mas era uma mulher resoluta.

— Neste caso — disse —, eu gostaria de saber, senhor, o que considera...

— Um xelim. Ponha um xelim a mais na conta. Acho que é o bastante, não?

— Então está combinado — disse a sra. Hall, começando a forrar a toalha sobre a mesa. — Se lhe convém...

Durante a tarde inteira ele trabalhou com a porta trancada e, conforme o testemunho da sra. Hall, em silêncio total na maior parte do tempo. Mas a certa altura ouviu-se uma pancada e um entrechocar de garrafas, como se algo tivesse esbarrado na mesa, o estilhaçar de um vidro arremessado ao chão com toda a força, seguido por passos rápidos atravessando a sala. Temendo que algo pudesse acontecer, ela foi depressa até a porta e ficou escutando, com receio de bater.

— Não posso ficar assim... — resmungava ele. — Não posso. Trezentos mil, quatrocentos mil! Toda essa multidão! Fui enganado! Isso vai levar a vida inteira! Paciência... Ora paciência! Idiota, idiota!...

Ouviu-se um ruído de botas aproximando-se da direção do bar, e a sra. Hall, com muita relutância, abandonou seu posto sem escutar o restante do solilóquio. Quando voltou ali a sala estava silenciosa, salvo pelo rangido da cadeira e o ocasional tilintar de uma garrafa. Tinha passado; o estranho estava de novo entregue ao trabalho.

Quando lhe trouxe o chá, ela reparou nos cacos de vidro no canto da sala, perto do espelho, e uma mancha amarela que tinha sido cuidadosamente limpa. Ela fez um gesto indicando o local.

— Ponha na conta — disse o visitante, secamente. — E pelo amor de Deus não me perturbe. Se causei algum prejuízo, ponha na conta. — E concentrou-se em conferir item por item uma lista num caderno aberto à sua frente.

Um pouco depois, já pelo fim da tarde, um grupo estava reunido na pequena cervejaria de Iping Hanger.

— Pois vou dizer uma coisa — disse Fearenside com ar misterioso.

— E então?... — disse Teddy Henfrey.

— O sujeito de quem vocês estão falando, o que meu cachorro mordeu. Ele é negro. Ou pelo menos as pernas dele são. Eu vi através da calça rasgada e do corte na luva. A gente espera ver uma pele cor-de-rosa, é ou não é? Bem: não tinha. Tudo preto. Garanto a vocês, ele é tão negro quanto meu chapéu.

— Caramba! — exclamou Henfrey. — Este é um caso muito estranho, porque o nariz dele é cor-de-rosa, parece até pintado!

— Isso é verdade — concedeu Fearenside. — Não se discute. E vou dizer a vocês o que estou pensando. O homem é malhado, Teddy. Preto aqui, branco ali... em manchas. Por isso que ele tem vergonha. Deve ser uma espécie de mestiço, só que em vez de as cores se misturarem vieram em partes separadas. Eu já ouvi falar de coisas assim antes. E é muito comum nos cavalos, qualquer um pode ver.

Capítulo IV

O sr. Cuss entrevista o estranho

Narrei as circunstâncias da chegada do estranho em Iping, com certa minúcia de detalhe, a fim de que a curiosa impressão produzida por ele possa ser compreendida pelo leitor. Mas, com exceção de dois incidentes, as circunstâncias de sua estadia podem ser descritas bastante por alto, até o extraordinário dia da festa no clube. Pequenos atritos com a sra. Hall continuaram a acontecer de vez em quando, por questões de disciplina doméstica, mas em todos os casos, até o final de abril, quando surgiram os primeiros sinais dos seus apertos financeiros, ele livrou-se de todos os problemas pelo simples expediente de pagar por eles. Hall não simpatizava com ele, e, sempre que a ocasião se apresentava, manifestava a opinião de que deviam livrar-se daquele personagem; mas demonstrava essa antipatia disfarçando-a de modo exagerado, e evitava o hóspede sempre que podia.

— Espere até o verão — dizia-lhe a sra. Hall, com sabedoria —, quando os artistas começam a chegar.² Então, vamos ver. Ele pode ser mandão, mas conta paga em dia é conta paga em dia, e não se discute.

O estranho nunca ia à igreja e, na verdade, parecia não fazer distinção entre o domingo e os dias de semana, inclusive quanto aos seus hábitos. Na opinião da sra. Hall, ele tinha acessos de energia que o levavam a acordar cedo em alguns dias e trabalhar sem parar; em outros, levantava-se tarde, andava pelo quarto, resmungando em voz alta, fumando, cochilando na poltrona diante da lareira. Não mantinha nenhum contato com o mundo para além do vilarejo. Seu temperamento continuava instável; na maior parte do tempo, sua atitude era a de um homem sofrendo uma agonia insuportável, e aqui e acolá ouviam-se coisas sendo arrebetadas, amassadas, partidas ou despedaçadas em acessos súbitos de violência. Parecia sofrer de uma irritação crônica de intensidade fora do comum. Adquiriu o hábito de falar consigo mesmo em voz baixa, mas a sra. Hall, embora o escutasse com toda aplicação, não via pé nem cabeça no que conseguia perceber.

Raramente deixava seus aposentos durante o dia, mas ao anoitecer punha-se a caminhar, todo encapotado, fizesse bom ou mau tempo, e escolhia as trilhas mais desertas e mais protegidas por árvores e barrancos. Seus óculos exagerados e seu rosto fantasmagórico, coberto de bandagens, protegido pela aba do chapéu, costumavam surgir de forma desagradável, do meio da escuridão, diante de trabalhadores do campo que voltavam para casa, e Teddy Henfrey, certa noite, ao sair cambaleando do Scarlet Coat, por volta das nove e meia, apavorou-se vergonhosamente ao avistar aquele crânio branco como o de uma caveira (pois o estranho caminhava com o chapéu na mão), iluminado de relance pela porta aberta do bar. Crianças que o avistavam depois do entardecer costumavam ter pesadelos; era difícil saber se ele detestava as crianças mais do que elas o detestavam, ou se era o contrário; a única coisa certa era a antipatia existente de parte a parte.

Era inevitável que uma pessoa de aparência e fisionomia tão notáveis se tornasse um tópico frequente nas conversas, num vilarejo como Iping. As opiniões se dividiam ferrenhamente quanto a sua ocupação. A sra. Hall, por exemplo, tinha uma opinião bem-formada a esse respeito. Quando indagada, dizia sempre que ele era um “investigador experimental”, escandindo as sílabas como quem atravessa uma

corda bamba. Se lhe perguntassem o que era um investigador experimental, ela diria em tom superior que a maior parte das pessoas educadas sabia muito bem do que se tratava, e que o cavalheiro “descobria coisas”. Tinha sofrido um acidente, dizia ela, que descoloriu temporariamente seu rosto e suas mãos, e sendo um homem de personalidade sensível, evitava tornar público esse fato.

Na ausência dela, contudo, circulava a versão de que ele seria um criminoso tentando escapar à justiça, e todo aquele disfarce era para evitar ser reconhecido pela polícia. Tal ideia tinha brotado da cabeça do sr. Teddy Henfrey, embora não se soubesse de nenhum crime de grande repercussão a partir de meados ou final de fevereiro.³ Já na imaginação do sr. Gould, professor assistente temporário da National School, esta teoria ganhou nova forma: o estranho seria um anarquista disfarçado, preparando explosivos, e o sr. Gould se dispunha a proceder a qualquer investigação para desmascará-lo, desde que tivesse tempo para tanto. Tais investigações, contudo, limitaram-se a encarar desafiadoramente o estranho sempre que se cruzavam, ou fazer perguntas a seu respeito a pessoas que jamais o tinham visto. Nada de positivo foi comprovado.

Outra corrente de opinião era liderada pelo sr. Fearenside, endossando a sua versão do “homem malhado” ou alguma variante dela; era o caso de Silas Durgan, que foi ouvido declarar que “se ele resolver se mostrar nas feiras vai ficar rico num piscar de olhos”, e que, tendo suas tinturas de teólogo, comparou o estranho ao “homem de um só talento”.⁴ Havia ainda outra teoria segundo a qual o homem não passava de um lunático inofensivo; e esta tinha a vantagem de explicar todos os fatos sem deixar nenhum de fora.

Entre estes grupos principais havia os que não conseguiam se decidir e os que optavam pelo meio-termo. Os habitantes do Sussex têm poucas superstições, e foi apenas depois dos acontecimentos do começo de abril que a possibilidade de uma intromissão sobrenatural começou a ser sussurrada pelas ruas do vilarejo, e mesmo assim apenas entre o elemento feminino.

Mas as pessoas de Iping, independentemente do que pensassem sobre ele, eram unânimes num aspecto: todas o antipatizavam. Seu jeito irritadiço, que talvez fosse aceito com mais naturalidade entre trabalhadores urbanos, era algo chocante para aqueles pacatos moradores do Sussex. Seu jeito frenético de gesticular, que a toda hora lhes causava espanto; as caminhadas obsessivas após o anoitecer, que o faziam surgir de surpresa rodeando esquinas tranquilas; seu modo brutal de repelir qualquer tentativa de aproximação; seu gosto pela penumbra, que o fazia viver de portas trancadas, cortinas descidas, lâmpadas e velas extintas... quem poderia considerar tudo isso um comportamento normal? Afastavam-se quando ele surgia numa rua, e depois que sumia os jovens brincalhões erguiam a gola do casaco, abaixavam a aba do chapéu e passavam a caminhar de maneira frenética, imitando-o. Havia uma canção bem popular naquela época, chamada “The bogey man” [O bicho-papão]. A senhorita Statchell a interpretou numa festa beneficente da escola (para a compra de lâmpadas para a igreja); desse dia em diante, sempre que ele passava por um grupo, um ou dois compassos da canção eram assobiados, desafinadamente ou não; e crianças que andavam na rua à noite gritavam à sua passagem: “Bogey Man!” — e corriam, trêmulas de medo feliz.

Cuss, um prático local de medicina doméstica, era um dos mais devorados pela curiosidade. Aquelas bandagens inquietavam seu interesse profissional, e os relatos sobre as mil e uma garrafas causavam-lhe ciúme. Ao longo dos meses de abril e maio ele esperou uma chance para entabular conversa com o estranho, até que, por volta do feriado de Pentecostes, não pôde mais aguentar e usou como pretexto para procurá-lo uma lista de subscrições para a contratação de uma enfermeira para a vila. Ficou surpreso ao saber que o sr. Hall sequer sabia o nome do hóspede. “Claro que perguntei seu nome”, disse a sra. Hall, uma afirmativa totalmente inverídica, “mas não escutei direito o que ele falou”. Parecia-lhe tão idiota não saber até aquela altura o nome dele!

Cuss bateu na porta da sala e entrou. Ouviu-se uma voz praguejando lá dentro. A sra. Hall ouviu a voz de Cuss dizendo “Desculpe incomodá-lo”, mas então a porta se fechou e ela não distinguiu o resto do

diálogo.

Ela ouviu um murmúrio de vozes durante os dez minutos seguintes, depois um grito de espanto, um barulho de pés no assoalho seguido da queda de uma cadeira, uma risada sarcástica, passos rápidos na direção da porta, e então Cuss reapareceu, o rosto pálido, olhando por cima do ombro. Deixando a porta aberta atrás de si, e sem dar pela presença dela, ele atravessou o saguão segurando o chapéu e desceu os degraus da frente; tudo que ela ouviu foram seus passos se afastando pela rua. A sra. Hall ficou parada junto à porta da frente, olhando a porta da sala ainda aberta. Ouviu então uma risada satisfeita do estranho, seus passos (mas não pôde avistá-lo) e então a porta sendo batida, deixando o local em completo silêncio.

Cuss foi dali direto à procura de Bunting, o vigário, na outra extremidade do vilarejo.

— Acha que eu sou doido? — perguntou abruptamente, logo que entrou no seu apertado gabinete de estudo. — Pareço estar insano?

— O que aconteceu? — perguntou o vigário, colocando um fóssil de amonita sobre as páginas soltas onde rascunhava seu próximo sermão.

— O sujeito lá da hospedaria...

— Sim, e então?

— Me dê algo para beber — disse Cuss, jogando-se sobre uma poltrona.

Quando seus nervos foram sossegados por um copo de xerez barato — a única bebida disponível no vicariato —, ele começou a relatar o encontro que tivera.

— Entrei na sala e comecei a explicar que era uma lista de subscrições para contratar a enfermeira. No momento em que entrei ele estava sentado na poltrona, todo encolhido, e enfiou as mãos nos bolsos. Estava fungando. Disse a ele que ouvira comentar que ele tinha interesse em coisas científicas. Ele disse que sim e fungou de novo. Fungava o tempo todo; era evidente que tinha pegado um bom resfriado. Não admira, todo cheio de roupas daquele jeito! Fui explicando a ele a ideia a respeito da enfermeira, e o tempo todo mantive meus olhos abertos. Garrafas e produtos químicos por toda parte. Balanças, tubos de ensaio enfileirados, e um cheiro de enotera.⁵ Muito bem, será que ele topava fazer um donativo?... Ele disse que ia pensar. Perguntei de repente se ele estava pesquisando algo. Disse que sim. Era uma pesquisa demorada?... Ele pareceu contrariado. “Muito demorada”, respondeu, parecendo uma garrafa que estoura e manda a rolha para o alto. Eu disse “oh”, e aí ele explodiu. Estava fervendo, e minha pergunta fez a chaleira transbordar. Ele tinha recebido uma receita para preparar, uma receita muito importante. Só não disse para quê. Perguntei se era receita médica. “Dane-se!”, ele disse. “O que está querendo descobrir?!” Pedi desculpas. Ele fungou e tossiu, cheio de pose. E recomeçou a falar. Contou que tinha estado trabalhando nessa receita, com cinco ingredientes, e que colocou o papel em cima da mesinha e virou a cabeça. Então veio um sopro de vento da janela. O papel voou. A lareira era aberta, disse ele, e o golpe de vento levou a folha de papel direto para o fogo. Num instante ela estava queimando, as fagulhas subindo pela chaminé. Quando viu o que estava acontecendo, ele correu para salvar o papel. E então, quando estava me contando isto, para ilustrar a história, estendeu o braço, assim.

— E então?

— Não tinha mão: era apenas uma manga vazia. Meu Deus! Pensei que aquele, sim, era um aleijão sério. Tem um braço mecânico, pensei, e está sem ele agora. Mas logo vi que havia algo de estranho. Como é que a manga do casaco ficava erguida no ar e aberta, se não havia nada dentro dela? Nada, nada, isso eu garanto. Nada até a junta do cotovelo. Eu pude ver o interior da manga até ali, havia um rasgão no tecido e a luz entrava... Exclamei “Meu Deus!” e ele parou o gesto, olhou-me com aqueles óculos pretos que usa, e então olhou para a manga.

— E então?

— Isso foi tudo. Ele não disse uma palavra, ficou apenas me encarando e enfiou depressa a mão no

bolso. “Bem, como eu estava dizendo”, disse ele, “eu estava trabalhando com essa receita e ela acabou se queimando”. Tossiu, como que me convidando a falar. “Como diabo”, disse eu, “como diabo você pode mexer uma manga vazia desse jeito?” “Manga vazia?” “Sim, uma manga vazia.”

“Então a manga está vazia?”, perguntou ele. ‘Você viu a manga vazia?’ E ficou de pé. Fiquei de pé também. Ele deu três passos, bem devagar, e parou perto de mim. Fungou com raiva. Eu não me mexi, mas quero ser enforcado se aquela cabeça coberta de faixas e aqueles óculos dele não deixam um sujeito nervoso, encarando-o ali, bem de frente.

“Você disse que viu uma manga vazia?”, ele insistiu. ‘Certamente’, eu disse. Um homem de rosto descoberto, sem óculos, encarando outro daquela forma, fica logo desconcertado. Então ele puxou bem devagar a manga do bolso e ergueu o braço como se quisesse me mostrar de novo. Fez isso muito lentamente. Pareceu levar séculos. ‘Bem?...’, eu disse, pigarreando, ‘está vendo? Nada dentro dela’. Afinal eu precisava dizer alguma coisa! Já estava amedrontado, de vez que podia enxergar a manga toda pelo lado de dentro. Ele a estendeu para mim, bem devagar... assim... até que o punho estava a alguns centímetros do meu rosto. É muito estranho ver uma manga vazia à nossa frente, daquele jeito! E então...

— Sim?...

— Uma coisa... uma coisa que parecia um polegar e um indicador... uma coisa apertou meu nariz!!!

Bunting explodiu numa gargalhada.

— Juro, não havia nada ali! — exclamou Cuss, com a voz se esganiçando no final da frase. — Para o senhor é muito engraçado, mas só posso dizer que me deu um susto medonho. Dei um tapa no braço dele e fugi daquela sala... deixei-o lá.

Cuss se interrompeu. Não havia como duvidar da sinceridade do seu pânico. Ele virou o corpo, desanimado, e serviu-se de um segundo copo do excelente xerez barato do vigário.

— Quando bati na manga — prosseguiu —, garanto que senti exatamente como se houvesse um braço de verdade dentro dela. Mas não havia braço nenhum! Não havia nem sombra de braço!

O sr. Bunting remoeu aquilo em silêncio durante algum tempo, e depois seus olhos se fixaram em Cuss com um ar de suspeita.

— É uma história extraordinária — disse ele. Sua expressão era grave e profunda. E repetiu, com uma ênfase judicial: — É de fato uma história das mais extraordinárias.

Capítulo V

Um roubo no vicariato

Os fatos que cercaram o roubo cometido no vicariato chegaram ao nosso conhecimento, principalmente, através do vigário e de sua esposa. O roubo se deu durante a madrugada da segunda-feira de Pentecostes, dia que em Iping era dedicado às festividades no clube local. A sra. Bunting, ao que parece, acordou bruscamente, durante aquele momento de calma que antecede o nascer do sol, com a forte impressão de que a porta do seu quarto havia sido aberta e fechada. A princípio não quis chamar o marido, mas sentou-se na cama e ficou à escuta. Ouviu então as pisadas suaves de pés descalços saindo do quarto vizinho e encaminhando-se pela passagem que conduzia à escada. Assim que teve certeza do que ouvia, ela acordou o Reverendo Bunting da maneira mais silenciosa que pôde. Ele evitou acender a luz, pôs os óculos, o roupão e as chinelas, e saiu para a passagem a fim de escutar. Ouviu distintamente alguém remexendo em objetos na mesa do seu escritório, no andar térreo, e depois um forte espirro.

Diante disso ele voltou ao quarto, armou-se com o instrumento mais óbvio, o atizador da lareira, e desceu a escada sem fazer barulho. A sra. Bunting ficou observando-o do alto.

Eram cerca de quatro horas, e o momento mais escuro da noite já tinha passado. Havia uma vaga claridade no salão, mas a porta aberta do escritório era como uma boca negra bocejando. Tudo estava quieto a não ser pelos estalidos da escada à medida que o sr. Bunting descia os degraus, e os leves rumores que vinham do escritório. Então ouviu-se um estalo mais forte, uma gaveta foi aberta, papéis foram remexidos. Depois, uma voz praguejou; um fósforo foi riscado e uma luz amarelada brotou no interior do escritório. A essa altura o sr. Bunting já estava no térreo e, pela fresta da porta entreaberta, pôde avistar a escrivaninha, a gaveta aberta, a vela ardendo sobre a mesa. O intruso não estava à vista. O vigário parou no salão, sem saber o que fazer, enquanto a sra. Bunting, com o rosto pálido mas resoluto, desceu por sua vez as escadas, para juntar-se a ele. Uma coisa sustentava a coragem do sr. Bunting: a ideia de que o ladrão era alguém dali do vilarejo.

O casal ouviu então um tilintar de moedas e percebeu que o ladrão tinha encontrado suas reservas financeiras domésticas — duas libras e dez xelins em soberanos de ouro, no total. Aquele som impulsionou os nervos do sr. Bunting a uma ação decidida. Segurando o atizador com firmeza, ele invadiu o escritório, seguido de perto pela esposa, e gritando com ferocidade: “Renda-se!” Então ele se deteve. Aparentemente não havia ninguém no aposento.

E no entanto a sua convicção de que um instante antes havia alguém se movendo ali equivalia a uma certeza. Por meio minuto, talvez, os dois ficaram ali parados, boquiabertos, e então a sra. Bunting atravessou o escritório para olhar atrás do biombo, enquanto o Reverendo, movido pelo mesmo impulso, agachou-se para espiar embaixo da escrivaninha. Então a sra. Bunting olhou atrás das cortinas da janela, enquanto ele olhava pela chaminé, cavucando-a com o atizador. Depois a sra. Bunting esquadrinhou a cesta de papéis enquanto seu marido abria a tampa do depósito de carvão. Por fim os dois se imobilizaram e olharam-se com ar interrogativo.

— Eu seria capaz de jurar... — disse o sr. Bunting.

— E a vela? — retrucou ela. — Quem acendeu essa vela?
— E a gaveta? — tornou ele. — E o dinheiro, que não está mais lá?
Ela foi apressadamente para o saguão.
— De todas as coisas estranhas que já vi...

Nisso ouviu-se um tremendo espirro no corredor. Os dois correram precipitadamente para lá e ouviram a porta da cozinha bater com força.

— Traga a vela — ordenou o sr. Bunting, e seguiu na frente. Ouviu-se então o som de ferrolhos sendo abertos do outro lado da porta.

Quando abriu a porta da cozinha, ele viu que a porta dos fundos estava sendo aberta, e o clarão cinzento da alvorada mostrava as formas escuras do jardim lá fora. Ele teve certeza de que nada passou pela porta. Ela se abriu, ficou aberta por alguns instantes, e em seguida foi batida com força. Quando isso aconteceu, a vela que a sra. Bunting trouxera do escritório bruxuleou e apagou-se. Passou-se um minuto ou mais até que eles por fim entraram na cozinha.

E a cozinha estava deserta. Voltaram a trancar por dentro o ferrolho da porta dos fundos, examinaram toda a cozinha, a copa, o quartinho da pia, e finalmente desceram ao porão. Não havia vivalma no interior da casa, por mais que os dois procurassem.

A luz do dia veio encontrar o vigário e sua esposa, com roupas postas às pressas, ainda a percorrerem perplexos os aposentos da casa, portando uma vela acesa da qual não precisavam mais.

Capítulo VI

A mobília que enlouqueceu

Bem, acontece que no começo da noite da segunda-feira de Pentecostes, antes que Millie encerrasse o seu trabalho daquele dia, o sr. e a sra. Hall ergueram-se ao mesmo tempo e desceram juntos ao porão. O que iam fazer ali era um assunto privado, e tinha algo a ver com a densidade específica da cerveja servida aos fregueses. Mal tinham chegado lá embaixo quando a sra. Hall percebeu que se esquecera de trazer consigo a garrafa de salsaparrilha guardada no quarto conjugado que dividiam. Como era ela a especialista e principal executora daquele procedimento, coube a Hall a tarefa de subir novamente para trazer a garrafa.

Ao chegar ao patamar, ficou surpreso ao ver que a porta do estranho estava aberta. Ele entrou em seu próprio quarto e encontrou a garrafa no local indicado pela esposa.

Ao descer, percebeu que os ferrolhos internos da porta da frente estavam destrancados, e a porta estava fechada apenas com o trinco. Com um relâmpago de inspiração, ele fez uma ligação entre esse fato, o aspecto do quarto do estranho no andar de cima e as teorias do sr. Teddy Henfrey. Porque ele recordava distintamente ter ficado segurando a vela enquanto a sra. Hall corria os ferrolhos, naquela mesma noite. Vendo como estava a porta naquele instante ele se deteve, surpreso, e depois, ainda com a garrafa na mão, subiu ao andar superior. Bateu à porta do estranho. Nada de resposta. Bateu de novo; e então abriu de vez a porta e entrou.

Como ele esperava, a cama e o quarto estavam vazios. E o que era mais esquisito, mesmo para sua mente um tanto opaca, é que sobre a cadeira e sobre a grade aos pés da cama estavam dobradas as roupas do hóspede, as únicas roupas que ele aparentava possuir, além das ataduras que o cobriam. Até mesmo seu chapéu de abas largas estava descuidadamente pendurado num dos postes da cabeceira.

Parado no meio do quarto, Hall ouviu a voz de sua esposa, lá do fundo do porão, produzindo aquela rápida escamoteação de sílabas, e a entonação interrogativa elevando as últimas palavras numa nota aguda, típicas dos habitantes do Sussex quando impacientes.

— George! Pegou o que eu pedi?

Ouvindo isso ele correu ao encontro dela.

— Janny — disse ele, dos degraus do porão —, é verdade o que Henfrey disse! Ele não está no quarto, e a porta da frente está destrancada!

A princípio a sra. Hall não o entendeu, mas assim que ele se explicou melhor ela resolveu ver o quarto com seus próprios olhos. Hall, ainda de garrafa em punho, foi na frente.

— Ele não está lá, mas a roupa está! — disse ele. — Para onde foi sem roupas?! É uma coisa esquisita.

Ao subirem os degraus do porão, ambos (como depois se verificou) julgaram ouvir a porta da frente se abrir e se fechar, mas, quando a viram fechada e sem ninguém nas proximidades, nenhum dos dois comentou o fato com o outro naquele momento. A sra. Hall ultrapassou seu marido no corredor e subiu as escadas primeiro. Nisso, ouviu-se um espirro em algum ponto nas proximidades. Hall, que subia logo atrás da esposa, pensou que tinha sido ela a espirrar. Ela, indo à frente, julgou que fosse o marido. Escancarando a

porta, examinou o quarto.

— Muito curioso! — exclamou.

Ouviu alguém fungar às suas costas e, virando-se, admirou-se em ver o marido alguns metros atrás, ainda no degrau superior; mas logo ele juntou-se a ela. Entrando no quarto, a sra. Hall inclinou-se e pôs a mão sobre o travesseiro e embaixo das cobertas.

— Está frio — disse. — Ele saiu há uma hora ou mais.

Quando disse isso, um fato extraordinário aconteceu. As cobertas da cama mexeram-se, sua parte central ergueu-se no ar formando uma espécie de pico, e depois tudo aquilo voou por cima da grade, exatamente como se alguém as tivesse agarrado e jogado para longe. No mesmo instante o chapéu pousado no poste da cama também se ergueu, descreveu um voo no ar e chocou-se com o rosto da sra. Hall. O mesmo ocorreu com a esponja sobre a pia de rosto; e em seguida a cadeira jogou para longe as calças e o casaco nela pousados e, ao som de uma risada escarninha semelhante à do estranho, levantou-se no ar, pareceu fazer mira na direção da sra. Hall com suas quatro pernas e arremeteu. Ela soltou um grito e virou-se para correr, mas as pernas da cadeira a atingiram pelas costas, empurrando-a para fora do quarto juntamente com o marido, aos trambolhões. A porta bateu com violência e foi trancada por dentro. A cadeira e a cama pareceram executar um bailado de triunfo por alguns segundos, e depois tudo ficou em silêncio.

A sra. Hall viu-se num estado de quase prostração, amparada pelos braços do marido. Foi com a maior dificuldade que ele e Millie, a quem o barulho havia despertado, conseguiram levá-la para o andar térreo e dar-lhe um estimulante.

— São os espíritos — disse a sra. Hall, quando se refez. — Eu sei que são os espíritos. Já li no jornal. Mesas e cadeiras que pulam, se mexem...

— Tome mais um gole, Janny — disse o sr. Hall. — Vai lhe fazer bem.

— Tranque a porta! — exclamou ela. — Não deixe aquele homem voltar. Eu quase adivinhei... devia ter percebido. Com aqueles óculos, aquela cabeça enfaixada e sem querer ir à missa no domingo... E todas aquelas garrafas, muito mais do que é decente uma pessoa ter! Ele botou espíritos na minha mobília, minha mobília tão antiga e tão boa! Minha mãe costumava sentar naquela cadeira quando eu era pequena. Pensar que a cadeira agora me agrediu!

— Mais um golezinho, Janny — disse Hall. — Você está nervosa.

Millie foi mandada até o fim da rua, já banhada pela luz dourada do amanhecer, para acordar o sr. Sandy Wadgers, o ferreiro local. O sr. Hall enviava seus cumprimentos e mandava dizer que os móveis estavam se comportando de uma maneira muito estranha. Será que o sr. Wadgers podia dar um pulinho até a hospedaria?... O sr. Wadgers era um homem de conhecimentos e cheio de recursos. Encarou o pedido com uma expressão grave.

— Que eu me dane se isso não for feitiçaria — declarou. — Vão precisar de ferraduras para se proteger de gente desse tipo.

Quando chegou, tinha uma expressão preocupada. Pediram-lhe que subisse ao andar superior, mas ele não tinha pressa. Preferiu discutir o assunto ali mesmo, na entrada. Do outro lado da rua, o aprendiz de Huxter começou a abrir as janelas da tabacaria e foi convidado a participar da discussão. O sr. Huxter naturalmente juntou-se a eles um minuto depois. Era o talento anglo-saxão para decisões parlamentares voltando a afirmar-se; houve uma longa troca de opiniões e nenhuma atitude foi tomada.

— Primeiro vamos considerar os fatos — insistia o sr. Sandy Wadgers. — Precisamos ter certeza de que estamos agindo corretamente se arrombarmos aquela porta. Uma porta sempre pode ser arrombada, mas depois que a gente arromba uma porta não pode desarrombá-la.

E nesse instante para surpresa de todos a porta no andar de cima abriu-se por iniciativa própria, e

quando eles ergueram os olhos cheios de espanto viram descendo as escadas a figura tão familiar do estranho, envolto em seu capote, olhando para todos com aquelas lentes azuis e impenetráveis. Desceu muito empertigado, vagarosamente, sempre a encará-los; caminhou através do saguão e ali se deteve.

— Vejam aquilo! — disse ele. Todos os olhos seguiram na direção para onde seu dedo enluvado estava apontando, e viram uma garrafa de salsaparrilha pousada junto à porta que dava acesso ao porão.⁶ Então o homem passou para a sala, e de modo brusco e desatencioso, bateu a porta na cara de todos.

Nem uma palavra foi dita até que morreram os últimos ecos da batida da porta. Todos se entreolharam.

— Bom, isso explica as coisas — disse o sr. Wadgers, e deixou o dito pelo não dito.

— Eu iria até lá e perguntaria a ele sobre isso — disse Wadgers ao sr. Hall. — Eu exigiria dele uma explicação.

O esposo da proprietária precisou de algum tempo para se recompor. Bateu na porta, abriu-a e conseguiu ainda dizer:

— Perdão, mas eu...

— Vá para o inferno! — berrou o estranho com voz trovejante, e depois: — E feche a porta quando sair!

E isso encerrou o assunto.

Capítulo VII

O desmascaramento do estranho

Eram cerca de cinco e meia da manhã quando o estranho fechou-se na sala do Coach and Horses, e ali ele permaneceu até o meio-dia, com as cortinas cerradas, a porta trancada, sem que ninguém ousasse chegar perto, depois do modo como enxotou o sr. Hall.

Até aquela hora ele ficou sem se alimentar. Por três vezes tocou a campainha, a terceira delas de modo furioso e insistente, mas ninguém veio atendê-lo.

— Ele que vá para o diabo! — disse a sra. Hall.

Por fim começaram a chegar aos seus ouvidos os boatos sobre uma tentativa de roubo no vicariato, e todos começaram a somar dois mais dois. O sr. Hall, secundado por Wadgers, foi se encontrar com o sr. Shuckleforth, o magistrado, para pedir orientação. Ninguém ousava subir ao andar de cima, nem tinha ideia do que o estranho estaria fazendo. De vez em quando ouviam-se seus passos ruidosos, e por pelo menos duas vezes uma saraivada de imprecações, ruído de papel rasgado e de garrafas espatifando-se.

O grupo de pessoas assustadas mas curiosas não parava de aumentar. A sra. Huxter apareceu; alguns jovens trajando jaquetas pretas sob medida e gravatas da moda — pois era segunda-feira de Pentecostes — vieram contribuir para as informações desconstruídas que ali circulavam. O jovem Archie Harker destacou-se por sua iniciativa de entrar pelo beco e espreitar através das venezianas cerradas. Não viu nada, mas voltou com o ar de quem tinha visto alguma coisa, e logo foi cercado por todos.

Era uma bela segunda-feira de Pentecostes, e, ao longo da estrada que cortava o vilarejo, enfileirava-se uma dúzia de barracas, uma tenda de tiro ao alvo, e, no relvado perto da forja, estavam estacionados três carroções pintados de amarelo e marrom, junto aos quais algumas pessoas com trajes exóticos montavam um rинque para arremesso de bolas contra uma fileira de cocos. Os homens trajavam jérsei azul e as mulheres, aventais brancos e chapéus com enormes plumas. Wodger, dono do pub Purple Fawn, e o sr. Jaggars, o sapateiro, que também vendia bicicletas usadas, estavam juntos esticando sobre a rua varais com bandeiras britânicas e insígnias da realeza, que tinham servido para comemorar o primeiro Jubileu da Rainha Vitória.

E dentro da hospedaria, na penumbra artificial da sala, onde apenas um facho de luz solar penetrava, o estranho, que devemos imaginar faminto àquela altura, e temeroso, escondido no calor e no desconforto dos seus agasalhos, examinava papéis através de suas lentes escuras, ou fazia tilintar suas garrafas empoeiradas, e de vez em quando praguejava com irritação contra os rapazes (invisíveis mas audíveis) que se amontoavam em frente a suas janelas. No canto, perto da lareira, acumulavam-se os cacos de meia dúzia de frascos estilhaçados, e um cheiro pungente de cloro impregnava o ar. Isso é tudo que sabemos, a partir do que foi escutado então, e do que foi visto subsequentemente naquela sala.

Por volta do meio-dia ele escancarou com brusquidão a porta da sala e encarou fixamente as três ou quatro pessoas no balcão.

— Sra. Hall! — disse. Alguém foi às pressas chamar a proprietária.

A sra. Hall apareceu em seguida, um pouco ofegante, mas ainda assim desafiadora. Hall estava na

rua. Ela já tinha se preparado para aquele momento, e quando apareceu trazia consigo a conta do hóspede, numa pequena bandeja.

— Está querendo sua conta, senhor?

— Por que não trouxeram meu café da manhã?! Por que não servem minhas refeições e não atendem quando toco a campainha? Acham que posso passar sem comida?

— E por que a conta ainda não foi paga? — retrucou a sra. Hall. — Isso é o que eu quero saber.

— Já lhe falei há três dias que estou esperando uma remessa...

— E eu lhe respondi há dois dias que não posso esperar por remessas. Não pode reclamar se seu café atrasa um pouco quando minha conta está esperando há cinco dias, não é mesmo?

O estranho praguejou em voz baixa, mas audível.

— Êpa, assim não! — protestou alguém no balcão.

— E eu ficaria muito grata, senhor, se guardasse seus xingamentos para si mesmo.

O estranho parecia mais do que nunca um escafandrista zangado. A impressão geral no balcão era de que a sra. Hall estava se saindo muito melhor do que ele, e suas palavras seguintes não deixaram dúvidas.

— Olhe aqui, minha boa senhora...

— Não venha me chamar de “boa senhora” — replicou ela.

— Já expliquei que minha remessa de dinheiro ainda não chegou.

— Bela remessa.

— Mesmo assim, acho que aqui no bolso...

— O senhor me disse há três dias que não tinha mais do que um soberano de prata.

— Bem, descobri que tinha um pouco mais.

— Ha-ha... — disse alguém lá do balcão.

— Imagino onde o terá achado — disse a sra. Hall.

Isso pareceu aborrecer bastante o desconhecido, que bateu o pé no chão com força.

— O que quer dizer com isso? — exclamou.

— Quero dizer que imagino onde o terá achado — disse ela. — E antes que me pague outra conta ou tome outro café, ou seja o que for, o senhor vai ter de me explicar uma ou duas coisas que eu não estou entendendo, e que ninguém mais está entendendo, e que todo mundo está muito impaciente para entender. Quero saber o que andou fazendo com a minha cadeira lá em cima, e como pode ser que seu quarto estava vazio e o senhor entrou nele de novo. Quem se hospeda na minha casa entra pela porta, isto é uma regra da casa, e o senhor não fez isso e o que eu quero é que me diga como *foi* que entrou. E quero saber também se...

De repente o estranho ergueu as mãos enluvadas, crispadas de raiva, bateu com o pé no chão e gritou “Pare!” com tal violência que a mulher calou-se no mesmo instante.

— Vocês não são capazes de entender quem eu sou — disse ele — ou o que eu sou. Por Deus do céu, agora vou lhes mostrar. — Então ele pôs a mão diante do rosto e deu um puxão violento. O centro do rosto foi transformado numa cavidade negra. — Aqui está — disse ele, e dando um passo à frente entregou à sra. Hall algo que ela, com os olhos pregados na metamorfose daquele rosto, aceitou automaticamente. Então, ao baixar os olhos e ver o que era, largou-o ao chão e recuou. O nariz — sim, era o nariz do estranho, rosado e reluzente — rolou pelo piso.

Então ele removeu os óculos, e um arquejo de susto ecoou no balcão. Ele tirou também o chapéu e puxou com violência as barbas e as bandagens que cobriam seu rosto, as quais resistiram por um instante, enquanto um arrepio de terror e expectativa percorria as testemunhas. “Ai, meu Deus”, murmurou alguém, e então elas cederam ao puxão.

Foi muito pior do que eles imaginavam. A sra. Hall, que ainda estava imobilizada pelo terror, soltou

um grito estridente ao avistar aquilo e fugiu aos tropeções na direção da porta. Todos saltaram do lugar onde estavam. Tinham preparado o espírito para ver cicatrizes, desfiguramento, horrores tangíveis, mas nada daquilo! As ataduras e as barbas falsas foram jogadas através do saguão na direção do balcão, fazendo todos pularem para evitar o contato com elas. Pessoas fugiram aos trambolhões rumo às escadas. Porque o homem que estava ali de pé, gritando alguma explicação incoerente, era uma criatura sólida de corpo inteiro até o colarinho, e então — nada, nada visível!

A gente da rua ouviu gritos e exclamações, e olhando para o Coach and Horses viu sua porta despejando um jorro de seres humanos. Eles viram quando a sra. Hall tropeçou e caiu e o sr. Teddy Henfrey saltou para não atropelar a pobre coitada, e ouviram os gritos aterrorizados de Millie, que, fugindo da cozinha ao escutar o tumulto, esbarrou nas costas do homem sem cabeça. E a gritaria só fez aumentar.

Sem demora, todo mundo na rua — o vendedor de doces, o dono do tiro ao coco, o homem do balanço, as crianças, os moços janotas, as mulheres de rua, os velhos enfatiotados e as ciganas de avental —, todos puseram-se a correr para a hospedaria, e num curto espaço de tempo formou-se ali uma multidão de umas quarenta pessoas, que não parava de aumentar, todos empurrando-se, soltando exclamações, fazendo perguntas, acotovelando-se diante do estabelecimento da sra. Hall. Todos falavam ao mesmo tempo, o que resultava numa babel de vozes discordantes. Um pequeno grupo procurava socorrer a sra. Hall, que foi erguida do chão num estado de quase colapso. Houve uma troca apressada de opiniões entrechocando-se com o relato em altas vozes de uma testemunha ocular.

— O monstro!

— O que ele fez?!

— Não feriu a moça, será?...

— Parece que a ameaçou com uma faca!

— Não, não, eu garanto, não tinha cabeça! Não é modo de falar, o homem não tinha cabeça *mesmo*!

— Bobagem! Era um truque!

— Ele arrancou tudo, eu vi!

Na disputa para ver quem conseguiu espiar pela porta aberta, a multidão formou uma cunha, com os mais corajosos ocupando a ponta. O relato continuou:

— Ele parou ali um instante, eu ouvi a moça gritar, aí vi a saia dela se movendo e ele atrás... Não levou dez segundos! Aí ele entrou na cozinha e voltou com um facão na mão e um pão na outra, e parou ali, só como se estivesse olhando. Agora, agorinha mesmo. E entrou por aquela porta. Estou lhe dizendo, ele não tem cabeça...

Houve um tumulto lá atrás, e a pessoa que falava recuou para dar passagem a uma pequena procissão que marchava resoluta na direção da casa; à frente vinha o sr. Hall, com o rosto muito vermelho e cheio de determinação; atrás dele o sr. Bobby Jaffers, o chefe de polícia local, e depois o cauteloso sr. Wadgers. Vinham agora munidos de um mandado de prisão.

As pessoas passaram a gritar informações desencontradas sobre o que ocorrera.

— Com cabeça ou sem cabeça — decidiu Jaffers —, vim aqui para levá-lo preso, e ele só sai daqui se for preso.

O sr. Hall subiu marchando os degraus, entrou, encaminhou-se direto para a porta da sala e a escancarou.

— Sr. Jaffers — disse —, cumpra o seu dever.

Jaffers marchou para dentro, com Hall nos seus calcanhares e Wadgers por último. Na penumbra da sala, viram uma silhueta de pé, sem cabeça, segurando numa mão uma fatia de pão toda mordiscada e um pedaço de queijo na outra.

— É ele! — exclamou Hall.

— Que diabos é isso?! — Foi a frase que se ouviu, numa mistura de irritação e desafio, vindo aproximadamente da direção do colarinho daquela figura.

— O senhor é um tipo bizarro — disse o sr. Jaffers —, mas com cabeça ou sem cabeça o meu mandado diz para levá-lo, e a lei é a lei.

— Não se aproxime! — exclamou a figura, dando um passo para trás.

De supetão, ele jogou para longe o pão e o queijo, e o sr. Hall agarrou a faca sobre a mesa na tentativa de guardá-la. A luva esquerda do estranho foi arrancada e jogada no rosto de Jaffers, que, interrompendo uma declaração a respeito do mandado que trouxera, agarrou o pulso sem mão do outro e com a outra mão segurou sua garganta invisível. Um chute no joelho o fez gemer de dor mas ele não largou o oponente. Hall arremessou a faca, deslizando sobre a mesa, para Wadgers, que a agarrou com a habilidade de um goleiro, e adiantou-se na direção de Jaffers e do estranho que, engalfinhados, cambaleavam e vinham sobre ele. Uma cadeira que estava no caminho os fez tropeçar e cair sobre ela com estrondo.

— Agarre as pernas! — gritou Jaffers por entre os dentes.

O sr. Hall tentou obedecer mas levou um chute nas costelas que o deixou fora de combate por alguns instantes, enquanto o sr. Wadgers, vendo que o homem decapitado rolava por cima de Jaffers e o subjugava, bateu em retirada rumo à porta, de faca em punho, e colidiu com o sr. Huxter e o cocheiro de Sidderbridge que vinham em socorro da lei e da ordem. O choque derrubou algumas garrafas do armário, e um odor pungente invadiu a sala.

— Eu me rendo — gritou o estranho, embora estivesse a cavalo sobre Jaffers. No instante seguinte ele estava de pé, ofegante, uma figura bizarra, sem cabeça e sem mãos, porque a luva direita também havia sido arrancada. — Não adianta — disse ele, arquejando, tentando recobrar o fôlego.

Não podia haver nada mais estranho do que aquela voz que parecia emanar do espaço vazio, mas os habitantes do Sussex são talvez os indivíduos mais práticos que existem sob o sol. Jaffers conseguiu pôr-se de pé e extraiu do bolso um par de algemas. E aí se deteve.

— Essa é boa! — exclamou ele, começando a perceber o que a situação tinha de incongruente. — Que diabos, não sei como posso usar isso.

O estranho foi descendo o braço pela frente do casaco, e como por milagre os botões para onde sua manga vazia apontava iam sendo desabotoados. Então ele murmurou algo a respeito do seu joelho e curvou-se; parecia estar mexendo nos sapatos e nas meias.

— Ora essa — disse Huxter de repente. — Isso não é um homem, é uma porção de roupas. Olhe só, eu posso ver através do colarinho, e estou vendo o avesso das roupas. Posso enfiar meu braço...

Ele estendeu a mão mas esta pareceu chocar-se com algo no trajeto, e ele a recolheu com uma exclamação.

— Peço que não enfie o dedo no meu olho — disse aquela voz aérea, num tom de furioso protesto. — Na verdade estou todo aqui: cabeça, mãos, pernas e todo o resto, mas acontece que sou invisível. É um contratempo dos diabos, mas é a verdade. Não é motivo para que cada habitante estúpido de Iping queira me fazer em pedaços, não é mesmo?

O terno, agora todo desabotoado e flutuando sobre suportes invisíveis, permanecia de braços abertos em pleno ar.

Vários outros homens tinham entrado na sala, de modo que àquela altura havia ali uma pequena multidão.

— Invisível, hein? — disse Huxter, ignorando o tom enraivecido do estranho. — Quem já ouviu falar nisso?

— Pode ser fora do comum, mas não é crime. Por que motivo um policial precisa me agredir dessa

maneira?

— Ah, isso é outra história — disse Jaffers. — Concordo que com essa luz não posso ver você direito, mas eu trouxe um mandado de prisão e ele tem que ser cumprido. Minha questão aqui não é invisibilidade, é roubo. Arrombaram uma casa e roubaram dinheiro.

— E daí?

— Daí que há certas circunstâncias indicando que...

— Bobagem, absurdo — disse o Homem Invisível.

— Espero que sim, senhor, mas recebi ordens.

— Bem — disse o estranho —, irei com vocês. Garanto que vou. Mas sem algemas.

— É o regulamento — disse Jaffers.

— Sem algemas — insistiu o outro.

— Com licença — disse Jaffers.

De repente o homem sentou no chão e, antes que alguém percebesse o que acontecia, suas meias, calças e cuecas foram arrancadas e jogadas embaixo da mesa. Então ele ficou de pé e jogou o casaco para longe.

— Ei, pare com isso! — gritou Jaffers, percebendo a intenção do outro. Agarrou-o pelo colete, mas a camisa escapou de dentro dele e o deixou nas mãos de Jaffers, vazio e frouxo. — Agarrem-no! — berrou Jaffers. — Se ele tirar o resto...

— Agarrem-no! — gritaram todos, e se precipitaram na direção da camisa branca e flutuante que era agora a última peça visível do estranho.

A manga da camisa plantou um vigoroso murro no rosto de Hall, detendo seu avanço e mandando-o de encontro ao velho sacristão Toothsome; no instante seguinte a camisa ergueu-se no ar, ficando amarfanhada sobre si mesma, como uma camisa que um homem despe por cima da cabeça. Jaffers agarrou-a, mas só fez ajudar a tirá-la mais depressa; um soco violento surgiu do nada e o atingiu na boca, ao que ele ripostou com um golpe de cassetete que atingiu a cabeça de Teddy Henfrey.

— Cuidado! — gritaram todos, agitando os braços em todas as direções, sem sucesso. — Segurem-no! Fechem a porta! Não o deixem sair! Peguei! Aqui!

Era uma verdadeira babel em que todos pareciam estar sendo atingidos ao mesmo tempo, e Sandy Wadgers, precavido como sempre e com os reflexos estimulados por um soco no nariz, escancarou a porta e liderou a debandada. Os outros o seguiram, embaralhando-se por um instante ao cruzar a porta. O espancamento prosseguiu. Phipps, o ministro Unitário, perdeu um dente da frente, e Henfrey teve a cartilagem da orelha partida. Jaffers levou um murro no queixo, e, virando-se, agarrou algo que se interpôs entre ele e Huxter. Teve a sensação de estar tocando um tórax musculoso, e, no instante seguinte, aquele bolo de homens exaltados e vociferantes atingiu o saguão.

— Peguei! — gritava Jaffers, arquejando e rodando por entre os outros, com o rosto afogueado e as veias dilatadas, lutando contra o inimigo invisível.

Homens cambaleavam para lá e para cá enquanto aquela extraordinária refrega evoluía na direção da porta da frente e descia tropeçando os degraus que davam para a rua. Jaffers continuava a gritar com uma voz estrangulada — mas ainda agarrando o outro, e desferindo-lhe vigorosas joelhadas — até que girou sobre si mesmo e foi projetado de cabeça no cascalho. Só então afrouxou os dedos.

Ouviam-se gritos exaltados de “Agarrem-no!” e “É invisível!”, e um rapaz, um forasteiro ali cujo nome não foi preservado, meteu-se na confusão, conseguiu pôr as mãos em algo mas não pôde agarrá-lo, e acabou caindo sobre o corpo prostrado do policial. A meio caminho na direção da estrada uma mulher gritou quando algo passou por ela e a empurrou de lado; um cachorro, aparentemente atingido por um pontapé, soltou um ganido de dor e fugiu para o quintal de Huxter, e foi este o derradeiro sinal do rumo

tomado pelo Homem Invisível. Durante algum tempo as pessoas continuaram olhando em torno, espantadas, gesticulando; e depois sobreveio o pânico, espalhando-as a correr pelo vilarejo, como folhas secas atingidas por uma ventania.

Enquanto isso, Jaffers continuava desacordado, com o rosto para cima e os joelhos dobrados, aos pés dos degraus da hospedaria.

Capítulo VIII

Em trânsito

O oitavo capítulo é extraordinariamente curto, apenas para relatar que Gibbons, o naturalista amador daquele distrito, estava deitado ao ar livre num descampado, sem viva alma nas proximidades num raio de alguns quilômetros, ou pelo menos era isso que ele imaginava, já quase adormecido, quando ouviu perto de si o som de um homem tossindo, espirrando e depois praguejando furiosamente em voz baixa; olhando em torno, não viu ninguém. E, no entanto, era fora de dúvida o que escutava. A voz continuou a soltar imprecações com a amplitude e a variedade que caracterizavam as pragas de um homem culto. Aquilo chegou a um ponto máximo, começou a diminuir e depois perdeu-se na distância, indo, ao que parecia, na direção de Adderdean. Ouviu-se mais um espirro espasmódico, e depois fez-se o silêncio. Gibbons não tomara conhecimento de nada a respeito dos acontecimentos daquela manhã, mas o fenômeno era tão peculiar e perturbador que toda sua tranquilidade filosófica desapareceu; ele levantou-se às pressas e desceu a encosta da colina, rumo ao vilarejo, a toda velocidade.

Capítulo IX

O sr. Thomas Marvel

O leitor deve imaginar o sr. Thomas Marvel como um indivíduo de rosto enorme e balofo, cujo nariz era uma protuberância cilíndrica; tinha uma boca ampla e mole e barba eriçada. Exibia certa tendência à obesidade, que era acentuada pelas pernas curtas. Costumava usar um chapéu de pelos sedosos, e o modo como em seu traje os botões eram aqui e ali substituídos por cadarços atados indicava claramente um homem solteiro.

O sr. Thomas Marvel estava sentado à beira da estrada, com os pés numa vala, num barranco perto de Adderdean, a dois quilômetros de Iping. Seus pés estavam descobertos, salvo por meias de tricô; tinham dedões largos e erguidos como as orelhas de um cão de guarda. Com uma atitude preguiçosa — tudo dele era feito preguiçosamente —, estava experimentando um par de botas. Eram as botas mais sólidas que ele encontrara em muito tempo, mas grandes demais para seus pés, enquanto as que ele possuía eram, no tempo bom, muito confortáveis, mas tinham o solado fino demais para os dias de chuva. O sr. Thomas Marvel detestava calçados frouxos, mas também detestava-os úmidos. Nunca chegara a uma conclusão sobre qual dos dois detestava mais, e aquele era um dia agradável, em que ele não tinha nada para fazer. Assim, ele colocou os dois pares na relva à sua frente e ficou a observá-los. E vendo-os ali, por entre a grama e as plantinhas que brotavam, ocorreu-lhe de súbito que ambos os pares de calçado eram extremamente feios. Tanto que não se sobressaltou quando ouviu uma voz às suas costas.

— Em todo caso, são botas — disse a Voz.

— São mesmo, e botas de caridade — disse o sr. Thomas Marvel, ainda observando-as com a cabeça meio de lado. — E diabos me levem se eu souber qual das duas é a mais feia!

— Hmmm — disse a Voz.

— Já usei piores do que essas. Na verdade, já me vi até sem botas. Mas nunca vi nada tão desgraçadamente feio, se me perdoa a expressão. Há dias que estou à caça de um par de botas. Porque estava cansado dessas que tenho. Estão em bom estado, é claro. Mas um cavalheiro andarilho tem que dar muita atenção ao que calça. E, acredite ou não, não consegui, nesta bendita região, nada melhor do que isso aí. Olhe só! E isto aqui é um bom lugar para se conseguir botas, de um modo geral. Bem, digamos que a sorte não me foi fiel. Arranjo botas nesta região há dez anos ou mais, e agora tenho que me contentar com isso.

— É um bom lugar — disse a Voz. — Mas habitado por porcos.

— E não é mesmo? — disse o sr. Marvel. — Meu Deus! Mas essas botas... Não, nunca vi nada parecido.

Ele olhou sobre o ombro, para examinar as botas do seu interlocutor, mas... onde elas deviam estar não havia botas, nem pernas, nem nada. O sr. Marvel começou a ser invadido por um espanto gradual.

— Onde você está? — disse ele por sobre o ombro, e pondo-se de quatro. Viu à sua frente apenas o descampado vazio, com o vento agitando os arbustos lá longe.

— Será que estou bêbado? — disse o sr. Marvel. — Estou tendo visões? Falando sozinho? O quê...

— Não se assuste — disse a Voz.

— Não me venha com ventriloquismos! — exclamou ele, pondo-se finalmente de pé. — Onde você está? Assustado? Ora, assustado!...

— Não se assuste — repetiu a Voz.

— *Você* vai se assustar num minuto, seu idiota — disse o sr. Thomas Marvel. — Onde você está? Quando eu puser os olhos em cima... — E depois de um intervalo continuou: — Está enterrado?...

Não houve resposta. O sr. Thomas Marvel ficou ali, de meias e perplexo, com o casaco quase a escapar-lhe dos ombros.

Um pássaro cantou, ao longe: *piuit...*

— *Piuit, piuit...* Pois sim! — ironizou o sr. Marvel. — Não posso perder meu tempo com idiotices.

O descampado estava vazio, para o leste e para o oeste, ao norte e ao sul; a estrada, com valas pouco profundas e flanqueada por estacas, também se estendia deserta de norte a sul, e, a não ser por aquele pássaro, o céu azul também não mostrava sinal da presença de alguém.

— Deus me ajude — disse o sr. Thomas Marvel, puxando o casaco de volta sobre os ombros. — É a bebida! Eu devia saber.

— Não é a bebida — disse a Voz. — Mantenha-se calmo.

— Ui! — exclamou o sr. Marvel, e seu rosto empalideceu por entre as manchas de sujeira, enquanto seus lábios moviam-se sem som, repetindo “*é a bebida*”. Ele voltou a olhar em torno, girando em volta de si mesmo. — Podia jurar que ouvi uma voz...

— Claro que ouviu.

— Lá vem de novo — disse o sr. Marvel, cerrando os olhos e pousando a mão na testa num gesto dramático. De súbito sentiu que estava sendo agarrado pelo colarinho e sacudido com violência, o que o deixou ainda mais tonto.

— Não seja burro — disse a Voz.

— Estou... ficando... doido... — disse o sr. Marvel. — Não adianta brigar por um par de botas. Estou ficando doido, ou então são espíritos.

— Nem uma coisa nem a outra — disse a Voz. — Escute!

— Doido — disse o sr. Marvel.

— Espere um minuto — disse a Voz, com intensidade, com aquela entonação meio trêmula de quem tenta se controlar.

— E então?... — perguntou o sr. Marvel, com a estranha sensação de que a ponta de um dedo estava sendo pressionada de encontro ao seu peito.

— Acha que sou imaginação? Só imaginação?

— E o que mais pode ser? — perguntou o sr. Marvel, esfregando a nuca.

— Muito bem — disse a Voz, aparentando alívio. — Então vou atirar-lhe pedras até você mudar de ideia.

— Mas onde você está?

A Voz não respondeu. Mas uma pedra veio assobiando, surgindo aparentemente do nada, e errou o ombro do sr. Marvel por um fio de cabelo. Virando-se, o sr. Marvel viu um seixo erguer-se no ar, traçando uma trajetória complexa, ficar suspenso por um instante e depois disparar na direção dos seus pés mais depressa do que seus olhos puderam acompanhar. Assombrado demais para pensar em esquivar-se, ele sentiu a pedra chocar-se contra o seu dedão exposto e cair na vala. Então disparou a correr, tropeçou num obstáculo que não chegou a ver, e rolou sobre si mesmo, até ver-se sentado e tonto.

— E agora? — disse a Voz, enquanto uma terceira pedra erguia-se no ar e ficava oscilando ameaçadoramente diante de sua cabeça. — Sou imaginação?

O sr. Marvel, à guisa de resposta, pôs-se de pé e partiu novamente, apenas para ser outra vez

derrubado. Decidiu ficar deitado e quieto.

— Se continuar lutando — disse a Voz —, parto sua cabeça com esta pedra.

— E eu mereço — disse o sr. Thomas Marvel, sentando-se, massageando o dedão machucado e mantendo o rabo do olho no terceiro míssil. — Não entendo. Pedras voando sozinhas. Pedras falando. Pode deixar, dane-se, eu desisto.

A terceira pedra caiu no chão.

— É muito simples — disse a Voz. — Eu sou um homem invisível.

— Conte uma piada nova — disse o sr. Marvel, gemendo de dor. — Onde você se esconde... como faz isso... não sei. Entrego os pontos.

— É isso mesmo — disse a Voz. — Sou invisível. Quero que entenda isso.

— Qualquer um pode ver isso. Não precisa ser tão impaciente, *mister*. Muito bem, me dê uma pista. Como faz para se esconder?

— Eu sou invisível. Essa é a grande questão. E o que eu quero que compreenda é isso...

— Mas onde? — perguntou o sr. Marvel.

— Estou aqui. Seis metros à sua frente.

— Ah, que é isso. Eu não sou cego. Daqui a pouco vai me dizer que é feito de ar. Eu não sou um desses vagabundos ignorantes...

— Sim, é isso que eu sou. Feito de ar. Você está olhando através de mim.

— O quê!? Quer dizer então que você é feito de nada. *Vox et...* Como é mesmo?7

— Eu sou apenas um ser humano, uma pessoa sólida, que precisa de comida e bebida, precisa de abrigo... Mas sou invisível. Percebe? Invisível. Uma ideia muito simples. Invisível.

— Mas é real?

— Sim, real.

— Então me estenda sua mão — disse Marvel — para eu ver se é real mesmo. Assim não vai ficar tão estranho, se... Meu Deus!!! Me assustou, me agarrando desse jeito!

Ele sentiu que uma mão se cerrava sobre seu pulso com dedos invisíveis, e os seus próprios dedos exploraram timidamente o braço, depois apalpavam um torso musculoso, e em seguida exploraram um rosto barbudo. O rosto de Marvel era uma estupefação total.

— Diabos! — exclamou ele. — Isso é melhor do que briga de galos. Extraordinário! E eu estou vendo um coelho através de você, a um quilômetro daqui... E de você não se avista nada, exceto...

Ele examinou com cuidado o espaço aparentemente vazio à sua frente.

— Por acaso você andou comendo pão e queijo? — perguntou, ainda segurando o braço invisível.

— Tem razão. Ainda não foi assimilado pelo meu metabolismo.

— Ah! — exclamou o sr. Marvel. — Mas dá uma impressão mal-assombrada.

— Bem, é claro que tudo isso não é tão fantástico quanto você imagina.

— É fantástico bastante para minha cabeça modesta — disse o sr. Marvel. — Mas como se faz isso? Como você fica assim?

— É uma longa história. Além disso...

— Vou lhe dizer uma coisa, tudo isso está me deixando doido.

— O que eu quero lhe dizer neste momento é: eu preciso de ajuda. Isso me ocorreu agora. Encontrei com você por acaso. Estava vagando por aqui, louco de raiva, nu, impotente. Quase matei uma ou outra pessoa. E então vi você...

— Meu Deus! — disse o sr. Marvel.

— Me aproximei às suas costas, hesitei, e por fim...

A expressão do rosto do sr. Marvel era mais do que eloquente.

— E então parei. Pensei comigo: aqui está um sujeito tão marginalizado quanto eu. Este é o homem que me serve. Então voltei e vim falar com você. E...

— Meu Deus! — exclamou o sr. Marvel. — Fico tonto só de pensar. Mas quero perguntar uma coisa... Como se faz? E de que maneira eu posso ajudá-lo? Você é invisível!

— Quero que me ajude a conseguir roupas... abrigo... e depois outras coisas. Já estou sem elas há muito tempo. Se não quiser, tudo bem. Mas há de querer, *tem* de querer.

— Olhe aqui — disse o sr. Marvel —, eu estou de queixo caído. Faça o favor de não me derrubar de novo. E me deixe ir embora. Quero assentar o meu juízo. E você quase quebra o meu dedão do pé. Isso não faz sentido. O campo vazio, o céu vazio. Não se vê nada por quilômetros, exceto o seio da mãe Natureza. Aí aparece uma voz. Uma voz vinda do céu! E pedras! E uma mão! Meu Deus!

— Controle-se — disse a Voz. — Porque você vai ter que executar esse trabalho, foi para isso que o escolhi.

O sr. Marvel assoprou com força; ainda tinha os olhos esbugalhados de assombro.

— Eu o escolhi — disse a Voz. — Você é a única pessoa, com exceção de alguns imbecis lá no povoado, que sabe da existência de um homem invisível. Você precisa ser meu ajudante. Ajude-me, e eu farei grandes coisas por você. Um homem invisível é um homem poderoso.

Ele se interrompeu para espirrar com força. Depois continuou:

— Mas se me trair, se não seguir minhas instruções... — Ele fez uma pausa e deu uns tapinhas no ombro do sr. Marvel, que soltou um guincho de medo àquele toque.

— Não estou pensando em traí-lo — disse o sr. Marvel, afastando-se daqueles dedos. — Nem pensei nisso, haja o que houver. Tudo que eu quero é ajudá-lo, basta me dizer como. Meu Deus! O que quiser que eu faça, farei de bom grado.

Capítulo X

A visita do sr. Marvel a Iping

Depois que o pânico inicial se dissipou, Iping entrou numa fase de ferozes discussões. O ceticismo ergueu sua cabeça ameaçadora — um ceticismo um tanto nervoso e não muito seguro quanto à própria retaguarda, mas ceticismo da mesma forma. É muito fácil não acreditar num homem invisível, e aqueles que o tinham visto desaparecer em pleno ar, ou que tinham sentido o peso do seu braço, podiam ser contados nos dedos das duas mãos. E entre essas testemunhas, o sr. Wadgers tinha batido em retirada para se refugiar por trás das grades e dos ferrolhos de sua casa, e Jaffers repousava deitado e tonto na sala do Coach and Horses. Ora — acontece muitas vezes que as ideias grandiosas e extraordinárias, cujo alcance vai muito além da nossa experiência, acabam por ter menos efeito sobre homens e mulheres do que considerações menores porém mais tangíveis. Iping estava toda embandeirada, a população envergando seus melhores trajes. A segunda-feira de Pentecostes tinha sido esperada ansiosamente por um mês ou mais. Quando entardeceu, mesmo aqueles que acreditavam no Oculto já se entregavam ao divertimento, ainda que de modo hesitante, imaginando que àquela altura ele já teria ido embora; quanto aos céticos, tudo não tinha passado de uma grande brincadeira. E todos, tantos os céticos como os crentes, estiveram mais expansivos do que nunca durante aquele dia.

No relvado de Haysman erguia-se uma barraca em cores alegres, na qual a sra. Bunting e outras damas preparavam e serviam chá, enquanto lá fora as crianças da escola dominical apostavam corrida e disputavam jogos sob a ruidosa supervisão das senhoritas Cuss e Sackbut. Sem dúvida ainda pairava uma certa inquietação no ar, mas a maioria das pessoas tinha o bom-senso de ocultar suas apreensões. O brinquedo mais procurado pelos jovens era um cabo metálico inclinado, ao longo do qual corria uma carretilha onde os rapazes se penduravam, deslizando com velocidade para a parte inferior até chocar-se com um saco que amortecia o impacto; este, os balanços e o jogo de acertar os cocos eram os que atraíam mais as atenções. Por toda parte havia gente passeando, e o realejo do pequeno carrossel enchia o ar com um cheiro pungente de óleo e com uma melodia ainda mais pungente. Os sócios do clube local, que tinham comparecido à missa pela manhã, ainda ostentavam seus crachás em verde e rosa, e alguns mais festivos tinham enfeitado seus chapéus-coco com fitas coloridas. O Velho Fletcher, cuja noção a respeito de feriados era das mais severas, podia ser visto através de sua janela adornada de jasmims, ou mesmo da porta, de pé em cima de uma tábua apoiada em duas cadeiras, pintando o teto da sala.

Por volta das quatro da tarde um estranho entrou no vilarejo, vindo da direção do descampado. Era um homem baixinho e roliço, usando uma cartola extraordinariamente gasta, e com a respiração arquejante. Suas bochechas ora se mostravam flácidas, ora enfunadas pelo seu ofegar. Seu rosto sujo denotava apreensão, e ele se movia com uma espécie de alacridade reprimida. Virou a esquina da igreja e foi direto para o Coach and Horses. O velho Fletcher, entre outros, lembrou-se de tê-lo visto chegar; na verdade esse cavalheiro ficou tão inquieto com a peculiar agitação do recém-chegado que deixou um pouco de tinta, por distração, escorrer do pincel para dentro da manga do seu casaco.

Aos olhos do dono da barraca dos cocos, o forasteiro parecia estar falando sozinho, e o sr. Huxter

foi da mesma opinião. O homem parou aos pés dos degraus do Coach and Horses e, de acordo com o sr. Huxter, pareceu dividido por prolongadas dúvidas até que se decidiu a entrar no estabelecimento. Subiu os degraus, e o sr. Huxter o viu virar à esquerda e abrir a porta da sala. Vozes soaram do interior do aposento e do bar, advertindo o visitante sobre o seu erro. “Essa sala é particular!”, disse Hall, ao que o estranho voltou a fechar a porta e encaminhou-se desajeitadamente para o bar.

Poucos minutos depois reapareceu à porta da rua, limpando os lábios com as costas da mão, com um ar de tranquila satisfação que aos olhos do sr. Huxter pareceu fingida. Ficou ali de pé por alguns momentos, olhando em torno, e então o sr. Huxter o viu caminhar de modo furtivo até o portão que dava para a parte traseira da casa, e para onde se abria a janela da sala. Depois de alguma hesitação, o forasteiro se encostou ao portão, tirou do bolso um cachimbo e começou a enchê-lo, com dedos trêmulos. Acendeu-o com gestos desajeitados e, cruzando os braços, começou a fumar numa atitude que tentava parecer relaxada, mas que era desmentida pelos seus olhares ocasionais na direção dos fundos da casa.

Tudo isso foi avistado pelo sr. Huxter por entre as latas enfileiradas na vitrine de sua tabacaria, e os modos singulares do homem o convenceram a ficar de olho.

Por fim, o forasteiro empertigou-se de súbito, guardou o cachimbo e desapareceu nos fundos da casa. Sem demora, o sr. Huxter, convicto de que estava presenciando um furto, rodeou o balcão da tabacaria e atravessou a rua, para surpreender o ladrão. Assim que o fez, viu o sr. Marvel reaparecer, com o chapéu desalinhado, carregando numa mão um volume formado por uma toalha de mesa amarrada em torno de alguns objetos, e na outra, três livros amarrados (com os cadarços do vigário, comprovou-se depois). Ao avistar Huxter, ele soltou uma exclamação de surpresa e, derivando para a esquerda, desatou a correr. “Pare, ladrão!”, gritou Huxter, e partiu no seu encalço. As impressões seguintes do sr. Huxter foram vívidas, mas fugazes. Ele viu o homem à sua frente correndo em disparada rumo à esquina da igreja e à estrada mais adiante. Viu as bandeirolas que enfeitavam a rua e a agitação da festa, e um ou outro rosto que se virava na sua direção. Voltou a gritar: “Pare!”, mas mal tinha percorrido dez passos quando foi atingido na canela por um obstáculo misterioso e de repente não estava mais correndo, e sim voando com incrível rapidez em pleno ar; viu o chão aproximando-se do seu rosto; o mundo pareceu se estilhaçar em um milhão de fagulhas luminosas, “e os fatos subsequentes deixaram de lhe interessar”.

Capítulo XI

No Coach and Horses

Agora, para podermos entender o que aconteceu na hospedaria, é preciso voltar àquele momento em que o sr. Marvel foi visto pela primeira vez através da janela da tabacaria do sr. Huxter.

Naquele exato momento, o sr. Cuss e o sr. Bunting se encontravam na sala. Estavam investigando a fundo as estranhas ocorrências daquela manhã, e se encontravam ali, com a permissão do sr. Hall, para proceder a um minucioso exame dos pertences do Homem Invisível. Jaffers já estava parcialmente recuperado da queda que sofrera e fora conduzido para casa por seus amigos. As roupas que o estranho deixara espalhadas tinham sido removidas pela sra. Hall, que também arrumara o aposento. E sobre a mesa junto à janela, onde o estranho costumava trabalhar, Cuss tinha encontrado de imediato três grandes livros manuscritos com a palavra “Diário” na capa.

— Diário! — exclamou ele, pondo os três livros sobre a mesa. — Bem, agora parece que vamos ficar sabendo de alguma coisa.

O vigário estava parado ao seu lado, com as mãos apoiadas na mesa.

— Diário... — repetiu Cuss, sentando-se, colocando dois dos volumes um sobre o outro, apoiando neles o terceiro e abrindo-o. — Hmmm... Nenhum nome na primeira página. Somente cifras e números.

O vigário aproximou-se para olhar por cima do seu ombro.

Cuss ia virando as páginas, com uma expressão de desapontamento.

— Eu... bem... ora, só tem fórmulas, Bunting.

— Nenhum diagrama? — perguntou o sr. Bunting. — Veja se há alguma ilustração, que possa esclarecer...

— Veja você mesmo — disse o sr. Cuss. — Uma parte é só matemática, e outra parte é russo ou outra dessas línguas, a julgar pelas letras... E uma parte é grego. Bem, a parte em grego acho que o senhor...

— Claro — disse o sr. Bunting, limpando os óculos e sentindo-se de repente muito desconfortável, porque era muito pouco o grego que subsistia em sua memória. — Sim, claro que a parte em grego pode nos dar alguma pista.

— Vou escolher um trecho, então.

— Eu preferiria dar uma olhada em todos os volumes, primeiro — disse o sr. Bunting, ainda limpando os óculos. — É melhor ter uma visão de conjunto, Cuss, e depois, sim, vamos à procura de alguma pista.

Ele pigarreou, colocou os óculos, ajeitou-os minuciosamente, pigarreou de novo, e desejou que acontecesse alguma coisa para poupá-lo daquele vexame. Recebeu com desenvoltura o volume que Cuss lhe estendia... e então algo aconteceu.

A porta foi aberta de repente.

Os dois homens tiveram um violento sobressalto, ergueram os olhos e sentiram-se aliviados ao se deparar com um rosto rosado sob um chapéu de pelos sedosos.

— O lavatório? — perguntou o rosto, encarando os dois.

— Não — disseram os dois ao mesmo tempo.

— Do lado oposto, amigo — disse o sr. Bunting. E o sr. Cuss completou, irritado:

— E feche essa porta.

— Está bem — disse o intruso, numa voz aparentemente mais grave do que a que fizera a primeira pergunta; e em seguida, na voz anterior: — Está bem. Zarpando! — E com isso ele recuou e fechou a porta.

— Um marinheiro, eu acho — disse o sr. Bunting. — São uns tipos engraçados. Dizem “zarpando” para avisar que vão deixar um local.

— Imagino que sim — disse Cuss. — Meus nervos hoje estão um pouco sensíveis. Se alguém abre a porta desse jeito, me faz dar um pulo.

O sr. Bunting deu um sorriso como se ele próprio não tivesse pulado.

— Muito bem — disse com um suspiro —, então vamos ver estes livros.

E então alguém fungou ali perto.

— Uma coisa é indiscutível — disse Bunting, puxando uma cadeira para junto da de Cuss. — Coisas muito estranhas andaram acontecendo em Iping estes dias, muito, muito estranhas mesmo. Claro que eu não acredito nem um pouco nessa história absurda sobre invisibilidade...

— É inacreditável... inacreditável — disse Cuss. — Mas o fato é que eu vi, quero dizer, eu olhei por dentro da manga dele..

— Mas tem mesmo certeza? Podia ser um espelho, por exemplo... é tão fácil produzir uma alucinação. Não sei se o senhor já viu um mágico desses realmente bons...

— Não vou discutir de novo — disse Cuss. — Já descartamos isso, Bunting. E agora temos aqui estes livros. Ah! Aqui está um trecho que imagino estar em grego. As letras são letras gregas, sem dúvida.

Ele apontou para o meio da página. O sr. Bunting enrubesceu muito de leve e aproximou o rosto, aparentemente tendo dificuldade em focalizar o texto. De súbito ele se apercebeu de uma sensação estranha na nuca. Tentou erguer a cabeça mas encontrou uma resistência inesperada. A sensação era como a de uma pressão, de uma mão firme que o agarrava e empurrava seu queixo na direção da mesa.

— Não se movam, camaradas — sussurrou uma voz —, ou quebro a cabeça dos dois.

Ele conseguiu virar a cabeça e viu o rosto de Cuss, próximo ao dele, refletindo a mesma expressão de assombro e pavor.

— Desculpem tratá-los deste modo — disse a Voz —, mas tem de ser assim. Desde quando vocês têm o hábito de espionar os papéis de um pesquisador?

Dois queixos bateram com força no tampo da mesa, e duas dentaduras chacoalharam.

— Desde quando vocês invadem os aposentos privados de um homem em situação difícil?

E a pancada se repetiu.

— Onde puseram minhas roupas? — E depois de uma pausa: — Prestem atenção. A janela está fechada, e eu tirei a chave da fechadura. Sou um homem forte e tenho o atizador à mão; além do mais, sou invisível. Não tenham a menor dúvida de que matarei os dois e escaparei impune, se eu o quiser. Compreenderam? Muito bem. Se eu os soltar, prometem não fazer nenhuma bobagem e obedecer às minhas ordens?

O vigário e o doutor se entreolharam, e o doutor fez uma careta.

— Sim — disse o sr. Bunting, e o doutor lhe fez eco.

Os dois sentiram relaxar a pressão sobre a nuca e puderam sentar-se novamente, ambos com o rosto congestionado, e mexendo desconfortavelmente a cabeça.

— Permaneçam sentados onde estão — disse o Homem Invisível. — Aqui está o atizador, estão vendo?

Ele ergueu o atizador e o fez passar bem à frente do nariz dos dois homens.

— Quando vim a esta sala não pensei que estivesse ocupada, e contava encontrar, além dos meus livros de notas, minhas roupas. Onde elas estão? Não, não se levantem. Já vi que desapareceram. Bem, como devem saber, embora os dias estejam bastante quentes para que um homem invisível possa andar por aí sem roupas, as noites são frias. Preciso de algo para vestir, e outras comodidades; e também preciso desses três livros.

Capítulo XII

O homem invisível perde a calma

É inevitável que esta narrativa tenha que se interromper novamente, por um motivo bem doloroso que logo ficará claro. Enquanto estes fatos tinham lugar na sala da hospedaria, e enquanto o sr. Huxter vigiava de longe o sr. Marvel fumando cachimbo junto ao portão, a uma dúzia de metros dali, no bar, o sr. Hall e Teddy Henfrey discutiam, num estado de nebulosa perplexidade, o assunto que tomara conta de Iping.

De súbito escutaram um violento choque de encontro à porta da sala, um grito vindo lá de dentro — e depois, silêncio.

— Olá! — gritou Teddy Henfrey.

— Olá! — gritou mais alguém no bar.

O sr. Hall demorou um pouco para se decidir, mas, murmurando “Tem alguma coisa errada aí”, deu a volta ao balcão e foi até a porta.

Ele e Teddy Henfrey aproximaram-se juntos, com expressão alerta. Entreolharam-se.

— Alguma coisa errada — repetiu ele, e Henfrey assentiu em silêncio. Os dois sentiram um odor desagradável de algum preparado químico e ouviram vozes abafadas, uma conversação rápida e aos cochichos.

— Tudo bem aí?! — perguntou o sr. Hall, batendo na porta.

A conversa cessou abruptamente, houve um instante de silêncio, e depois as vozes voltaram a se ouvir, quase num sussurro; então ouviu-se alguém gritando “não, não faça isso!”. Ouviu-se um rumor confuso, o baque de uma cadeira, ruídos de luta. Depois, silêncio.

— Mas que diabos!... — exclamou Henfrey baixinho.

— Vocês estão bem? — perguntou o sr. Hall, erguendo a voz.

A voz do vigário respondeu com uma curiosa entonação aos espasmos:

— Est-tamos bem... P-por favor, n-não interrompa.

— Coisa estranha — disse o sr. Henfrey.

— Muito estranha — concordou o sr. Hall.

— Ele disse “não interrompa” — disse Henfrey.

— Eu ouvi — disse Hall.

— E alguém fungou — disse Henfrey.

Continuaram à escuta. Lá dentro, o diálogo prosseguiu, rápido, sussurrado. Distinguiram a voz do sr. Bunting dizendo “Não posso! Estou lhe dizendo, senhor, não farei isso!”.

— Afinal, o que está havendo? — perguntou Henfrey.

— Ele diz que não vai fazer alguma coisa — disse Hall. — Mas não está falando conosco, não é?

— Isto é uma vergonha! — exclamou o sr. Bunting lá dentro.

— Uma vergonha! — repetiu Henfrey. — Foi isso, tenho certeza. Quem está falando agora?

— O sr. Cuss, eu acho — disse Hall. — Ouve mais alguma coisa?...

Silêncio. Os poucos ruídos lá dentro eram indistintos e pouco esclarecedores.

— Parece que estão puxando a toalha da mesa — disse Hall.

A sra. Hall apareceu, vindo da direção do bar. Hall fez-lhe gestos para que ficasse em silêncio e viesse para perto, o que de imediato despertou seu senso de oposição conjugal.

— O que está escutando aí, Hall? — perguntou ela. — Não tem nada melhor para fazer, num dia como o de hoje?!

Hall tentou, por meio de caretas e gestos, dar-lhe a entender o que acontecia, mas ela manteve-se inacessível. Voltou a erguer a voz, de modo que Hall e Henfrey, desapontados, voltaram pé ante pé para o bar, tentando explicar-lhe tudo através de mímica.

A princípio ela se recusou a acreditar em tudo quanto eles diziam ter escutado, depois ordenou a Hall que ficasse calado enquanto Henfrey dava sua versão. A tendência dela era descartar tudo aquilo como um completo absurdo — ora, talvez os homens estivessem apenas mudando a mobília de lugar.

— Mas eu ouvi quando ele disse que aquilo “era uma vergonha”, tenho certeza — insistiu Hall.

— Eu também ouvi, sra. Hall — disse Henfrey.

— Ora, como se...

— Psst! — fez o sr. Teddy Henfrey. — Ouviram a janela?

— Que janela? — perguntou a sra. Hall.

— A da sala.

Todos puseram-se a escutar com atenção. Os olhos da sra. Hall, fitando adiante, viam, sem ver de fato, a abertura oblonga e brilhante da porta da frente, e através dela a rua banhada de sol, e a fachada da tabacaria de Huxter. Nesse instante a porta da loja se abriu e Huxter apareceu, os olhos arregalados, gesticulando com os braços e gritando: “Pare, ladrão!”, enquanto corria em diagonal, cruzando a rua na direção do portão e desaparecia.

Ao mesmo tempo brotou um tumulto no interior da sala, e o ruído da janela sendo batida com força.

Hall, Henfrey e todo o contingente humano que havia no bar despejou-se ao mesmo instante na direção da rua. Ainda avistaram alguém dobrar como um raio a esquina, e o sr. Huxter executando um complicado salto no ar, do qual aterrissou sobre o rosto e o ombro. Por toda a rua as pessoas olhavam tudo atônitas ou aproximavam-se correndo.

Henfrey deteve-se ao perceber que o sr. Huxter estava estonteado pela queda, mas Hall e dois empregados do bar continuaram correndo até dobrar a esquina, soltando gritos incoerentes, ainda a tempo de ver o sr. Marvel sumindo por trás da igreja. Eles pareciam ter chegado à conclusão mirabolante de que aquele era o Homem Invisível que, por alguma razão, se tornara visível, e continuaram no seu encalço. Porém Hall tinha corrido apenas alguns metros quando soltou um grito de surpresa e caiu para o lado, arrastando consigo um dos empregados e rolando os dois pelo chão. Parecia ter sofrido um forte esbarrão lateral como os que sofrem os jogadores de futebol. O outro empregado aproximou-se, olhou os dois, e, aparentemente convencido de que Hall tropeçara sozinho, retomou a perseguição, apenas para tropeçar num obstáculo qualquer, tal como acontecera com Huxter. E quando o primeiro empregado conseguiu com dificuldade ficar de pé foi jogado para o lado por outro esbarrão que derrubaria um boi.

Quando ele tombou, surgiu na esquina a primeira leva de perseguidores que vinha da direção da festa. O primeiro a aparecer foi o dono da tenda dos cocos, um homem corpulento com roupa de jérsei azul, que arregalou os olhos de espanto ao ver a rua vazia e três homens absurdamente caídos no chão. Então algo atingiu seu pé de apoio e ele próprio tropeçou e caiu para o lado, mesmo a tempo de fazer tropeçar também seu irmão e sócio que o seguia de perto. Os dois foram então atropelados, esbarrados, derrubados e injuriados por toda a multidão que vinha logo atrás.

Bem, quando Hall, Henfrey e os homens do bar saíram correndo da casa, a sra. Hall, com a

disciplina de anos de experiência, não se moveu dali. E ali continuava quando a porta da sala foi aberta e o sr. Cuss apareceu, saiu correndo sem vê-la rumo à porta da rua e a esquina, gritando:

— Agarrem-no! Não o deixem largar a trouxa de roupas! Enquanto ele estiver com ela pode ser visto!

Ele nada sabia da existência do sr. Marvel, a quem o Homem Invisível tinha entregado os livros e a trouxa feita com a toalha da mesa. O rosto do sr. Cuss estava enfurecido e resoluto, mas essa expressão era enfraquecida pelos seus trajes, um pano à guisa de saiote que só na Grécia poderia ser considerado uma vestimenta.

— Agarrem-no! — gritava ele. — Ele levou minhas calças! E todas as roupas do vigário! — Ao passar por Henfrey, que socorria um Huxter ainda prostrado, gritou: — Venho ajudá-lo num minuto!

Mas ao dobrar a esquina e mergulhar no tumulto, foi logo calçado e levou um tombo indecoroso. Alguém em plena corrida pisou no seu dedo. Ele gritou, tentou levantar-se mas foi novamente jogado de quatro no chão, e só então percebeu que não estava tomando parte numa perseguição, mas numa debandada. Todos estavam correndo de volta para a rua principal. Cuss levantou-se mas foi atingido atrás da orelha. Cambaleando, conseguiu aprumar-se e bater em retirada rumo ao Coach and Horses, e no caminho, ao se deparar com Huxter, que tinha conseguido sentar-se, pulou por cima dele.

Quando estava subindo os degraus da hospedaria ouviu atrás de si um grito de fúria, erguendo-se daquela babel de imprecações, e o ruído de um soco atingindo alguém em cheio. Ele reconheceu a voz do Homem Invisível, e seu tom era o de alguém enfurecido por uma dolorosa pancada.

Um instante depois o sr. Cuss estava de volta à sala da hospedaria.

— Ele voltou, Bunting! — exclamou, entrando na sala às carreiras. — Proteja-se!

O sr. Bunting estava parado junto à janela tentando vestir-se com a ajuda de um tapete e de um exemplar da *West Surrey Gazette*.

— Quem voltou? — disse ele, num sobressalto tamanho que seu traje quase se desfez.

— O Homem Invisível! — disse Cuss, correndo à janela. — Temos que cair fora daqui! Ele está agredindo todo mundo! Ficou louco!

No instante seguinte, tinha saltado para o pátio.

— Bom Deus! — murmurou o sr. Bunting, hesitando entre duas terríveis opções, mas ao ouvir ruídos de luta feroz que vinham da entrada da casa, tomou uma decisão rápida. Pulou a janela, recompôs suas vestes improvisadas e fugiu vilarejo afora tão depressa quanto suas perninhas curtas lhe permitiam.

Tornou-se impossível fazer um relato preciso de tudo que sucedeu em Iping entre o momento em que o Homem Invisível começou a gritar de fúria e aquele outro em que o sr. Bunting empreendeu sua memorável fuga através do vilarejo. É possível que a intenção do Homem Invisível fosse apenas a de dar cobertura à retirada do sr. Marvel, que fugia com as roupas e os livros. Mas seu temperamento explosivo, que em circunstâncias normais já não era dos mais amenos, deve ter fugido completamente ao controle devido a algum golpe casual, e daí em diante ele passou a golpear tudo que aparecia à sua frente, pela mera satisfação em destruir.

O leitor deve imaginar uma rua cheia de gente correndo em todas as direções, portas sendo batidas com violência, pessoas acotovelando-se em disputa por algum esconderijo. Deve imaginar o momento em que o tumulto atingiu a tábua e as duas cadeiras em que o velho Fletcher trabalhava em precário equilíbrio, e o desastre resultante. Deve imaginar um casal perplexo que se viu preso entre as cordas de um balanço. Por fim, a confusão amainou e a rua principal de Iping, com seus enfeites e bandeirolas, ficou deserta, salvo pelo personagem invisível que ainda vagueava sem rumo certo, e juncada de cocos, lonas arrancadas das tendas, e as mercadorias de uma barraca de doces espalhadas por uma área considerável. Por toda parte ouvia-se o som de persianas sendo abaixadas às pressas e de ferrolhos corridos com violência, e o único breve

sinal de presença humana era o vislumbre ocasional de um olho arregalado através da fresta de uma janela.

O Homem Invisível ainda se divertiu por algum tempo quebrando todas as vidraças das janelas do Coach and Horses, e depois arremessou um lampião de rua pela janela da sra. Gribble. Foi certamente ele quem cortou o fio do telégrafo que ligava Iping a Adderdean, perto do chalé de Higgins, já em plena estrada. Depois disso, desapareceu por completo, como suas qualidades especiais lhe permitiam, da vista dos habitantes de Iping.

Umas boas duas horas se passaram antes que qualquer ser humano se arriscasse a sair para a rua juncada de destroços.

Capítulo XIII

O sr. Marvel pede demissão

Quando escurecia e Iping começava timidamente a fazer um balanço dos estragos produzidos em sua festa, um homem baixinho, corpulento, com chapéu de seda, marchava a passos fatigados, à luz do crepúsculo, ao longo das tílias que flanqueavam a estrada para Bramblehurst. Levava em baixo do braço três livros atados entre si por uma dessas ligas elásticas usadas pelos clérigos para prender as meias, e uma trouxa de objetos amarrada com um vigoroso nó em uma toalha de mesa azul. Seu rosto rubicundo era a própria imagem da consternação e do cansaço, e ele parecia acometido por surtos espasmódicos de pressa. Sua única companhia era uma voz, que não era a sua, e de vez em quando ele parecia encolher-se sob o toque de mãos invisíveis.

— Se fugir de novo — disse a Voz —, se pelo menos tentar fugir...

— Ai! — exclamou o sr. Marvel. — Meu ombro já está muito machucado.

— ...dou-lhe a minha palavra que o mato — concluiu a Voz.

— Eu não tentei fugir — choramingou o sr. Marvel, à beira das lágrimas. — Juro que não. Eu não sabia que era para virar ali! Como diabo eu podia adivinhar? Não precisava me bater daquele jeito.

— Vai apanhar muito mais se não me der ouvidos — disse a Voz, e o sr. Marvel calou-se. Continuou bufando enquanto caminhava, e seus olhos eram puro desespero.

— Já me basta ver aqueles imbecis descobrindo meu segredo, não preciso ainda por cima ver você tentando fugir com os meus livros. Eles têm muita sorte de terem podido fugir. Agora estou aqui... Ninguém sabia que eu era invisível! O que vou fazer agora?

— O que *eu* vou fazer? — perguntou-se o sr. Marvel em voz baixa.

— Todo mundo já sabe! Vai aparecer nos jornais! Vão sair todos à minha procura, vão ficar todos em guarda... — A Voz proferiu mais algumas imprecações e depois calou-se.

O desespero no rosto do sr. Marvel pareceu aumentar, e ele diminuiu o passo.

— Continue! — ordenou a Voz.

O rosto do sr. Marvel assumiu um tom acinzentado nos trechos em que a pele estava limpa.

— Não largue os livros, estúpido! — disse a Voz com irritação, assustando-o. E prosseguiu: — A verdade é que vou ter de usá-lo. Preciso de um instrumento, mesmo um instrumento limitado como você.

— Um instrumento *miserável* — lamentou-se Marvel.

— É mesmo — disse a Voz.

— O pior instrumento que poderia lhe aparecer — continuou ele. Seguiu-se um silêncio pouco encorajador, mas ele insistiu: — Não sou um homem forte. — E repetiu: — Não sou forte e sofro do coração. Aquela confusão toda, embora eu tenha conseguido me safar... mas eu poderia cair morto ali mesmo.

— E daí?

— Eu não tenho nem coragem nem resistência para fazer as coisas que você quer que eu faça.

— Eu lhe darei algum estímulo.

— Preferia que não! Não quero atrapalhar sua vida, já lhe disse. Mas posso acabar atrapalhando, só

pela minha fraqueza e incompetência.

— É melhor que não o faça — disse a Voz, com uma ênfase bastante clara.

— Preferiria estar morto — disse o sr. Marvel. — Não é justo, sabe? Tem que admitir... Eu tenho todo o direito de..

— Caminhe! — disse a Voz.

O sr. Marvel acelerou o passo, e durante algum tempo os dois caminharam em silêncio.

— É duro como o diabo — recomeçou ele. Como não obteve resposta, tentou por outro ângulo.

— O que vou ganhar com isso? — perguntou, com voz sofrida.

— Ora, cale a boca — disse a Voz, com violência súbita. — Eu cuido de você. Faça o que eu lhe digo, apenas isso. Faça tudo direito. Você pode ser um idiota, mas mesmo assim...

— Mas, senhor, eu não sou homem para isso. Com todo o respeito, mas é assim...

— Se não se calar torço seu pulso outra vez — disse o Homem Invisível. — Cale-se! Preciso pensar.

Dentro de mais algum tempo, manchas de luz amarela surgiram por entre o arvoredo, e em seguida avistou-se a torre quadrada de um campanário.

— Vou ficar com a mão no seu ombro — avisou a Voz — enquanto atravessarmos essa vila. Siga sempre em frente e não tente nenhum truque. Vai ser pior, se fizer bobagem.

— Sei disso — suspirou o sr. Marvel. — Sei muito bem.

E uma figura de aparência infeliz, usando um obsoleto chapéu de seda, cruzou a rua principal da vila carregando sua trouxa de roupas, e desapareceu por entre a escuridão crescente, depois das luzes das derradeiras janelas.

Capítulo XIV

Em Port Stowe

Às dez da manhã seguinte, o sr. Marvel podia ser visto sujo, com a barba por fazer, empoeirado pela viagem, sentado ao lado dos seus pacotes e com as mãos enterradas nos bolsos, com aparência cansada, nervosa e pouco à vontade, enchendo e esvaziando as bochechas de vez em quando, num banco de madeira do lado de fora de uma pequena estalagem em Port Stowe. Ao seu lado estava o pacote de livros, agora amarrados com barbante. A trouxa de roupas tinha sido abandonada na floresta de pinheiros perto de Bramblehurst, de acordo com uma mudança de planos do Homem Invisível. O sr. Marvel estava instalado naquele banco e, embora ninguém parecesse prestar nele a mínima atenção, mantinha-se febrilmente inquieto. A toda hora suas mãos iam aos bolsos, tateando-os com nervosismo.

Depois de permanecer ali por quase uma hora, contudo, um marinheiro idoso, com um jornal na mão, saiu da estalagem e sentou-se ao seu lado.

— Um belo dia — disse.

O sr. Marvel o olhou de esguelha com uma expressão próxima do terror.

— Muito — respondeu.

— É o tempo ideal para esta época do ano — disse o marinheiro, sem parecer notar coisa alguma.

— Pois é — disse o sr. Marvel.

O marinheiro tirou do bolso um palito de dentes e começou a usá-lo com aplicação, enquanto o seu olhar se dedicava a examinar a figura empoeirada do sr. Marvel e os livros que mantinha junto de si. Quando se aproximara do sr. Marvel, ele tinha escutado um ruído como de um farto tilintar de moedas num bolso, e se admirou do contraste entre a aparência do sr. Marvel e aquela indicação de opulência financeira. Então, sua mente derivou de volta para o detalhe que lhe tinha excitado a curiosidade.

— Isso aí são livros? — perguntou, encerrando ruidosamente sua limpeza.

O sr. Marvel teve um sobressalto e o encarou.

— O quê? Ah, sim. São livros.

— Livros costumam ter coisas extraordinárias — disse o marinheiro.

— Acredito que sim — disse o sr. Marvel.

— Fora dos livros também há coisas extraordinárias — continuou o marinheiro.

— Também é verdade — disse o sr. Marvel, encarando o interlocutor e fazendo um rápido exame de sua aparência.

— Aparecem coisas extraordinárias nos jornais, por exemplo — prosseguiu o marinheiro.

— Sim.

— Neste jornal aqui — disse ele.

— Ah.

— Acabei de ler aqui uma reportagem — disse o homem, encarando o sr. Marvel com deliberação.
— Sobre um Homem Invisível, por exemplo.

O sr. Marvel entortou a boca, coçou a bochecha, sentiu as orelhas esquentarem de súbito.

— Não falta mais nada — comentou. — E onde foi isso? Na *Óstria*, na América?...

— Nenhum dos dois — disse o marinheiro. — Aqui!

— Deus do céu! — exclamou o sr. Marvel.

— E quando digo *aqui* — continuou o homem, para enorme alívio do sr. Marvel — não estou falando daqui mesmo, é claro. Nas redondezas.

— Um Homem Invisível! — exclamou o sr. Marvel. — E o que ele anda fazendo?!

— Tudo — disse o marinheiro, segurando o olhar do sr. Marvel, e especificando: — Todo... tipo... de... coisa.

— Faz uns quatro dias que não olho um jornal — disse Marvel.

— Tudo começou em Iping — disse o marinheiro.

— Não diga! — exclamou o sr. Marvel.

— Foi lá que ele apareceu. Vindo de onde, não se sabe. Veja aqui: “Uma notícia fora do comum de Iping.” E diz na reportagem que as provas do que aconteceu são extraordinárias, extra-or-di-nárias.

— Meu Deus! — disse o sr. Marvel.

— Bem, a história toda é extraordinária. Há testemunhos de um vigário e de um doutor, que o viram, ou melhor, que não o viram. Dizem que ele estava hospedado no Coach and Horses e ninguém tinha se apercebido de sua condição, é o que diz aqui, “sua condição”, até que houve “uma violenta alteração”, acho que é isso, na hospedaria e arrancaram as ataduras que ele tinha na cabeça. Foi então que perceberam que a cabeça dele era invisível. “Foram feitas tentativas imediatas de detê-lo”, diz aqui, “e o desconhecido, livrando-se das vestimentas, conseguiu escapar, mas somente após uma luta desesperada durante a qual sérios ferimentos foram infligidos ao nosso digno e bravo chefe de polícia, o sr. J. A. Jaffers”. Boa história, hein? Com os nomes e tudo o mais.

— Meu Deus! — repetiu o sr. Marvel, olhando nervosamente em volta, e tentando calcular apenas pelo tato o dinheiro que trazia no bolso. Uma ideia nova e inesperada começava a se formar em sua mente. — Parece uma coisa espantosa.

— Não é mesmo? Extraordinária, eu lhe garanto. Nunca ouvi falar antes em homens invisíveis, mas hoje em dia a gente ouve falar em tantas coisas extraordinárias que...

— Foi tudo que ele fez? — perguntou o sr. Marvel.

— Não parece bastante? — disse o marinheiro.

— Não voltou para lá, por acaso? — perguntou ele. — Fugiu, e ficou por isso mesmo?

— Sim. E não basta?

— Ah, acho que é o bastante.

— Eu acho que aconteceu muita coisa — disse o marinheiro. — Sim, sim, foi muita coisa.

— Ele não tinha nenhum companheiro? Quero dizer... o jornal não fala que houvesse alguém com ele, não é?

— E você acha que um somente já não é o bastante? — disse o marinheiro. — Não, graças aos céus, como se diz, não havia ninguém com ele. — E prosseguiu, pensativo: — Isso me incomoda, pensar num sujeito assim andando nas proximidades! Dizem que ele está agora “foragido”, e encontraram alguns indícios de que ele teria se encaminhado, ou seja, ele caminhou, na direção de Port Stowe. Ou seja, exatamente para cá! Não se trata de nenhum boato vindo da América, desta vez. E pense nas coisas que ele é capaz de fazer! Imagine que ele tome umas e outras e resolva atacá-lo?! Se quiser roubar seus pertences, quem vai poder impedi-lo? Ele pode invadir uma casa, pode roubar, pode andar no meio de um batalhão de policiais com a mesma facilidade que eu ou você teríamos para fugir de um cego! Mais fácil ainda! Porque os cegos, a gente sabe, têm um ouvido muito bom. E se houver bebida e ele quiser beber...

— Ele tem uma enorme vantagem, sem dúvida — disse o sr. Marvel. — E... bem...

— Tem razão — disse o outro. — *Isso* ele tem.

Durante todo este tempo o sr. Marvel olhava em torno, prestava atenção para ver se ouvia o som de passos, tentava perceber algum tipo de movimento. Parecia a ponto de tomar uma grave decisão. Pigarreou nas costas da mão.

Olhando em volta mais uma vez e apurando o ouvido, ele se inclinou para mais perto do marinheiro e abaixou a voz:

— O fato é que... acontece que eu tenho conhecimento de uma ou duas coisas a respeito do Homem Invisível. De fontes confidenciais.

— Oh! — exclamou o marinheiro, com interesse. — *Você?!*

— Sim — disse o sr. Marvel. — Eu mesmo.

— Não diga! — disse o marinheiro. — E, posso perguntar...

— Você ficaria espantado — disse o sr. Marvel, cobrindo a boca com a mão. — É uma coisa tremenda.

— Não diga! — disse o marinheiro.

— O fato é que... — começou o sr. Marvel num tom confidencial, mas de repente sua expressão mudou de modo extraordinário. — Ai! — gritou ele, e sentou-se muito empertigado. Seu rosto era o retrato da dor física. — Aai! — repetiu.

— O que houve? — disse o marinheiro, preocupado.

— Dor de dente — disse o sr. Marvel, colocado a mão sobre a orelha, e recolhendo às pressas os livros. — Acho que preciso ir andando.

Ele se afastou do banco seguindo uma trajetória curiosamente oblíqua, enquanto o marinheiro protestava:

— Mas você ia justamente me falar sobre o Homem Invisível!

O sr. Marvel pareceu fazer uma consulta íntima a si mesmo e uma Voz pareceu dizer: “*Embuste.*”

— É tudo um embuste — disse o sr. Marvel.

— Mas está no jornal! — protestou o marinheiro.

— Embuste, mesmo assim — disse o sr. Marvel. — Eu conheço o sujeito que inventou esse boato. Não existe Homem Invisível nenhum. Balela.

— Mas, e o que diz neste jornal? Quer dizer que não é verdade?

— Nem uma só palavra — insistiu o sr. Marvel.

O marinheiro o encarou, segurando o jornal. O sr. Marvel fez uma meia-volta brusca e desajeitada.

— Espere um pouco — disse o marinheiro, erguendo-se e falando bem devagar. — Quer dizer então que...

— Sim, quero dizer isso — disse o sr. Marvel.

— Então por que me deixou falar, por que me deixou contar toda essa maldita história? Por que me deixou fazer um papel de idiota, hein?

O sr. Marvel soprou com força, esvaziando as bochechas. O marinheiro estava vermelho de raiva, e com os punhos cerrados.

— Fiquei falando aqui mais de dez minutos — disse — e você, seu gordo, seu zé-ninguém sujo, podia ter tido a educação de...

— Não venha falar desse jeito comigo — disse o sr. Marvel.

— Falar desse jeito! Eu sou um sujeito educado...

— Vamos! — disse uma Voz, e o sr. Marvel rodopiou violentamente e começou a caminhar de um modo curiosamente espasmódico.

— É melhor mesmo que caia fora daqui! — disse o marinheiro.

— Quem está caindo fora? — disse o sr. Marvel. Ele estava recuando em diagonal, com um passo apressado e ocasionais solavancos para diante. A certa altura começou à meia-voz um monólogo cheio de protestos e recriminações.

— Imbecil! — disse o marinheiro, pernas afastadas, mãos na cintura, observando o vulto que se afastava. — Vou lhe mostrar, idiota. Me fazendo de pateta! Ora... está aqui, no jornal!

O sr. Marvel retrucou com algo incoerente e foi recuando até se perder numa curva da estrada, mas o marinheiro continuou ali postado no meio da estrada como um monumento, até que a aproximação da carroça de um açougueiro o obrigou a afastar-se. Só então ele marchou de volta para Port Stowe.

— O mundo está cheio de imbecis — murmurou consigo. — Queria me fazer de bobo. Muito engraçado! Está tudo no jornal.

Houve outro fato extraordinário, do qual ele não tardaria em tomar conhecimento, ocorrido não muito longe dali. Foi o avistamento de um “punhado de dinheiro” (nada mais, nada menos) flutuando sem suporte visível, ao longo da parede na esquina de St. Michael’s Lane. Outro marinheiro tinha se deparado com essa visão extraordinária naquela mesma manhã. Tinha tentado agarrar as moedas imediatamente mas fora derrubado por um soco, e quando conseguiu se erguer o dinheiro voador tinha desaparecido. Nosso marinheiro era capaz de acreditar em qualquer coisa, mas aquilo, afirmou ele, era um pouco demais. (Depois, no entanto, ele veio a reconsiderar essa opinião.)

A história das moedas voadoras era verdadeira. Por todas aquelas redondezas, até mesmo da vetusta agência do London and Country Banking Company, dos balcões de lojas e de estalagens — cujas portas ficavam sempre abertas nos dias quentes de verão —, o dinheiro tinha desaparecido de maneira quieta e sorrateira, aos punhados e às mancheias, esvoaçando junto aos muros e aos lugares pouco visíveis, esquivando-se com rapidez quando chamavam a atenção de olhos humanos. E no fim desses voos misteriosos todo esse dinheiro se dirigia, embora não houvesse ninguém para testemunhar este desfecho, para os bolsos daquele cavalheiro inquieto de chapéu de seda, sentado do lado de fora da taverna de Port Stowe.

Foi apenas dez dias depois — e somente quando a história do que ocorreu em Burdock já não era novidade — que o marinheiro reuniu todos estes fatos e começou a perceber o quanto tinha estado próximo do maravilhoso Homem Invisível.

Capítulo XV

O homem que corria

No começo da noite, o dr. Kemp estava sentado em seu escritório, no belvedere sobre a colina de onde se descortinava a vista de Burdock. Era um aposento pequeno e agradável, com três janelas dando para o norte, o oeste e o sul, paredes cobertas de estantes com livros e publicações científicas, uma larga escrivaninha, e, junto à janela norte, um microscópio, lâminas de vidro, pequenos instrumentos, frascos com culturas e vidros de reagentes químicos. Sua lâmpada solar estava acesa, embora o céu ainda estivesse claro com as últimas luzes do crepúsculo, e as persianas estavam erguidas porque não havia ali a possibilidade de que alguém espregueiasse de fora para dentro. O dr. Kemp era um jovem alto e esguio, com cabelos castanho-claros e um bigode louro, quase branco; e o trabalho a que se entregava lhe daria, ou pelo menos ele assim esperava, um assento na Royal Society, tal a sua importância.

Seus olhos, vagueando num momento de distração, pousaram sobre a encosta da colina oposta à de sua casa, iluminada em contraluz pelo pôr do sol. Por um minuto, talvez, ele ficou-se, com o lápis apoiado na boca, admirando a bela cor dourada que tingia a silhueta da colina, até que sua atenção foi atraída pela silhueta negra e diminuta de um homem que corria em sua direção. Um homem atarracado, que usava um chapéu alto, e corria tão depressa que suas pernas mal se avistavam.

— Outro desses pobres coitados — murmurou ele. — Como aquele que me abordou na esquina de manhã, dizendo que o Homem Invisível vinha aí. Não consigo imaginar o que se passa na mente dessas pessoas. Dá a impressão de que estamos no século XIII.

Ele ergueu-se, foi até a janela, e ficou observando a encosta que já se cobria de sombras e a pequena figura em corrida desabalada.

“Parece com uma pressa tremenda”, pensou o dr. Kemp, “mas não avança muito depressa. Se estivesse com os bolsos cheios de chumbo não pareceria tão pesado. Corra mais, amigo!”

Um instante depois, a figura do fugitivo havia sido ocultada pela vila mais elevada que se erguia na colina rumo a Burdock; voltou a ficar visível outra vez, e outra, e por fim mais outra, ao cruzar os intervalos entre as três casas seguintes, e depois o terraço o ocultou.

— São uns tolos — disse o dr. Kemp, virando nos calcanhares e voltando à escrivaninha.

Mas aqueles que viram mais de perto o fugitivo, e notaram o terror abjeto em seu rosto coberto de suor, não compartilharam o desprezo do doutor, já que se encontravam em campo aberto. O homem passou por eles tinindo e chocalhando como uma bolsa cheia de moedas que alguém agita vigorosamente. Não olhava para os lados, mantinha os olhos esbugalhados fitos a distância, no sopé da colina, onde as luzes começavam a se acender, e as ruas estavam cheias de gente. Sua boca torta permanecia aberta; uma espuma pegajosa pendia dos seus lábios, e sua respiração era rouca e ruidosa. Todos os transeuntes por quem ele passava se detinham e olhavam em todas as direções, perguntando uns aos outros em voz baixa qual a razão daquela fuga desesperada.

Por fim, lá no alto da colina, um cachorro que brincava na estrada soltou um ganido e correu por baixo de uma cerca, e, enquanto algumas pessoas pensavam no que teria acontecido, passou algo como uma

lufada de vento e um ruído, *tap, tap, tap*, e o som de uma respiração ofegante.

Alguém gritou. Gente correu para longe da estrada. Tudo se transmitiu através de gritos, de forma instintiva, espalhando-se até o sopé da colina. Havia gente gritando no meio da rua antes mesmo que Marvel chegasse ali; gente sumindo dentro das casas e trancando as portas, já cientes da notícia. Ele entreouviu algo do que era gritado e redobrou seus esforços, mas o pânico veio como uma onda sobre ele, ultrapassou-o e um instante depois tinha tomado conta de toda a vila.

— O Homem Invisível está vindo! É o Homem Invisível!

Capítulo XVI

No Jolly Cricketers

O Jolly Cricketers fica mesmo no sopé da colina, onde tem início a linha de bondes. Naquela hora, o barman estava apoiado no balcão com seus braços roliços, conversando sobre cavalos com um cocheiro de aspecto anêmico, enquanto um homem de barba preta trajando cinza mordiscava biscoitos e queijo, bebia cerveja Burton e conversava num sotaque americano com um policial de folga.

— Mas que gritaria será esta?! — disse o cocheiro, saindo pela tangente e tentando espiar a colina por sobre a persiana amarela que tapava a janela baixa da taberna. Alguém passou correndo diante da porta da rua.

— Fogo, talvez — disse o barman.

Ouviram-se passos pesados que se aproximavam correndo, a porta foi violentamente empurrada para dentro, e Marvel, em pranto e descabelado, sem chapéu, o colarinho rasgado, irrompeu no salão, fez uma meia-volta desesperada e tentou trancar a porta atrás de si, mas ela estava presa a uma correia que a mantinha semiaberta.

— Lá vem ele! — gritou, a voz esganiçada de terror. — Está vindo aí! O Homem 'Visível! Quer me pegar! Pelo amor de Deus, socorro, socorro!

— Fechem as portas — disse o policial. — Quem está vindo? O que diabos está havendo?

Ele foi até a porta, desprendeu a correia, e a porta bateu sozinha. Enquanto isso, o americano de barba preta fechou a outra porta.

— Me deixem ir lá para dentro — disse Marvel, trêmulo, chorando, mas ainda agarrado aos livros. — Me escondam, me tranquem em algum lugar, qualquer lugar. Ele quer me pegar. Eu o enganei, e ele disse que vai me matar e vai mesmo.

— Você está seguro aqui — disse o homem da barba preta. — A porta está trancada. Que confusão é essa?

— Quero ir lá para dentro — insistiu Marvel, e soltou um guincho de terror quando uma pancada fortíssima fez a porta estremecer, seguida por batidas e gritos.

— Olá! — gritou o policial. — Quem está aí?

O sr. Marvel começou a agarrar qualquer painel que se parecesse com uma porta, gemendo:

— Vai me matar, ele tem uma faca, tem alguma coisa... Pelo amor de Deus!

— Entre aqui — disse o barman, erguendo a tampa do balcão. — Pode vir.

O sr. Marvel correu para trás do balcão enquanto as batidas lá fora aumentavam.

— Não abram a porta! — gritou ele. — *Por favor* não abram! *Onde* posso me esconder?

— Então se trata dum Homem Invisível — perguntou o americano, com uma das mãos às costas. — Acho que está na hora de vê-lo de perto.

A janela da taberna explodiu para dentro numa chuva de estilhaços de vidro e madeira, e a gritaria lá fora recrudesceu. O policial tinha se posto de pé sobre um banco para olhar para fora, tentando ver quem batia na porta. Desceu com a testa franzida.

— Pois é — foi o que disse.

O barman postou-se diante da porta atrás do balcão, que dava para os fundos da taberna, depois de ter empurrado para lá o pobre sr. Marvel. Olhou para a janela despedaçada e foi se juntar aos outros dois.

Tudo ficou quieto por algum tempo.

— Gostaria de ter aqui meu cassete — disse o policial, indo irresoluto na direção da porta. — Se abirmos ele entra, não há como impedi-lo.

— Não se apresse muito em abrir essa porta — disse o cocheiro anêmico, com voz ansiosa.

— Abra os ferrolhos — disse o barbudo — e se ele entrar... — Mostrou a mão que empunhava um revólver.

— Isso não vai dar certo, é assassinato — disse o policial.

— Conheço o país onde estou — disse o barbudo. — Vou atirar nas pernas dele. Abra os ferrolhos.

— Não com essa arma engatilhada às minhas costas — disse o barman, ainda espreitando por cima da persiana.

— Então muito bem — disse o barbudo, e inclinando-se para a porta, com o revólver firme na mão, correu os ferrolhos.

— Pode entrar — disse ele à meia-voz, dando um passo para trás e postando-se de frente para a porta, com a arma oculta às costas. Ninguém entrou, e a porta permaneceu cerrada. Cinco minutos depois, quando outro cocheiro a empurrou e olhou para dentro com expressão receosa, os três ainda estavam ali à espera. Um rosto ansioso surgiu por trás do balcão; era o sr. Marvel.

— Todas as portas estão trancadas? — perguntou. — Ele deve estar rondando a casa. É esperto como o diabo.

— Deus do céu! — exclamou o barman. — A porta dos fundos! Fiquem de olho aqui! — Ele olhou em torno, meio perdido. A porta atrás do balcão se fechou bruscamente e ouviu-se a chave girando na fechadura. — Tem a porta que dá para o pátio dos fundos, tem a entrada privada...

Ele correu para dentro. Reapareceu daí a pouco empunhando um facão.

— A porta do pátio estava aberta! — anunciou, com os lábios grossos tremendo.

— Já deve estar dentro da casa! — exclamou o primeiro cocheiro.

— Na cozinha não está — respondeu o barman. — Há duas mulheres lá, e eu esfaqueei o ar em todas as direções. E elas não acham que alguém tenha entrado, não perceberam nada estranho.

— Mas trancou a porta agora? — perguntou o primeiro cocheiro.

— Claro, não sou mais criança — disse o barman.

O homem da barba preta voltou a guardar o revólver, e nesse momento exato a tampa do balcão pareceu bater sozinha e o ferrolho foi fechado; com um tremendo estrondo a porta que dava para os fundos foi arrombada para dentro. Eles ouviram Marvel soltar um guincho como o de uma lebre apanhada por uma armadilha, e no instante seguinte estavam todos pulando o balcão para ir ao seu socorro. Ouviu-se o estalo de um tiro do revólver do barbudo; no espelho no fundo da sala surgiu por encanto uma estrela em traços opacos, um segundo antes de as lâminas de vidro desabarem tilintando no chão.

Quando o barman entrou no aposento dos fundos, viu Marvel numa posição curiosa, agachado, lutando com a porta que dava para a cozinha e o pátio dos fundos. Enquanto o barman hesitava, a porta abriu-se e Marvel foi arrastado para a cozinha. Houve uma gritaria e um clangor de panelas. Marvel, de cabeça para baixo, e ainda lutando com desespero, foi arrastado até junto da porta seguinte, cujos ferrolhos foram abertos.

O policial, que vinha tentando rodear o barman, correu para a cozinha secundado por um dos cocheiros, e conseguiu agarrar o pulso de uma das mãos invisíveis que arrastavam o sr. Marvel, mas levou um murro no rosto e cambaleou para trás. A porta por fim foi escancarada e Marvel fez mais um esforço

frenético para segurar-se a qualquer ponto de apoio. Nisso o cocheiro agarrou algo.

— Peguei-o! — gritou. As mãos rubicundas do barman tatearam e por fim se afundaram numa carne invisível.

— Está aqui! — berrou ele.

O sr. Marvel, vendo-se livre, agachou-se no chão e tentou rastejar por entre as pernas dos homens que lutavam. A briga cruzou o umbral da porta, e a voz do Homem Invisível foi ouvida pela primeira vez, num grito que ele soltou quando o policial pisou seu pé descalço. Ele começou a praguejar com fúria e a desferir socos em todas as direções. O cocheiro curvou-se de súbito, com um grito de dor, ao levar um chute no diafragma. A porta que dava para a parte fronteira do bar bateu com força, cobrindo a retirada do sr. Marvel. Logo os homens na cozinha viram-se tentando agarrar o vento.

— Para onde foi? — gritou o barbudo. — Para fora?

— Acho que para cá — disse o policial, saindo para o pátio dos fundos.

Um pedaço de telha passou assobiando junto a sua cabeça e foi se estilhaçar no meio dos pratos da cozinha.

— Vou mostrar-lhe uma coisa — gritou o barbudo, e de repente um barril foi arremessado contra o policial; cinco tiros em rápida sucessão foram disparados para o trecho mal-iluminado de onde viera o míssil. Ao disparar, o barbudo descreveu um arco horizontal com a mão, de modo que seus disparos se espalharam pelo pátio como os raios de uma roda.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Cinco cartuchos — disse o barbudo. — É o que podíamos mostrar de melhor. Quatro ases e um coringa. Alguém traga uma lanterna para cá, e vamos procurar o corpo.

Capítulo XVII

O visitante do dr. Kemp

O dr. Kemp estava escrevendo no seu gabinete de trabalho quando o som de tiros de revólver o assustou. Crack, crack, crack... soaram, um depois do outro.

— O quê? — disse ele, encostando de novo a caneta ao lábio e apurando o ouvido. — Quem estará atirando de revólver em Burdock? O que esses idiotas estarão inventando agora?

Ele foi até a janela sul, ergueu-a, e, debruçando-se para fora, ficou a examinar a rede luminosa de janelas e lampiões a gás, as lojas, as manchas alternadas de tetos e de pátios que formavam a imagem noturna da vila.

— Parece uma multidão reunida lá embaixo — murmurou ele —, perto do Cricketers.

Dali seu olhar ergueu-se por sobre a vila até bem longe, onde as luzes dos navios brilhavam, e se avistava, no clarão do cais, um pequeno pavilhão facetado, cheio de luzes, brilhando como uma gema de luz amarela. A lua em quarto crescente flutuava sobre a colina do lado oeste, e as estrelas brilhavam como as de um céu tropical.

Depois de cinco minutos, durante os quais sua mente viajou em remotas especulações sobre as condições sociais do futuro e, por alguns momentos, libertou-se da dimensão do tempo, o dr. Kemp endireitou-se com um suspiro, voltou a fechar a janela e sentou-se à escrivaninha.

Mais ou menos uma hora depois, ouviu-se o som da campainha na porta da frente. Desde que ouvira os disparos o doutor estava escrevendo de modo preguiçoso, com longos intervalos de abstração. Ao toque da campainha ele ficou atento, e ouviu a criada atender à porta. Esperou o som dos seus passos na escada, mas nada aconteceu. “Quem poderá ter sido”, pensou o dr. Kemp.

Tentou retomar o trabalho mas não conseguiu; acabou erguendo-se e descendo do escritório para o andar de baixo, onde tocou a campainha e interpelou a criada, por sobre a balaustrada quando ela surgiu no andar térreo.

— Trouxeram alguma carta?...

— Não, senhor. Alguém que tocou e saiu correndo.

“Estou inquieto hoje”, pensou ele. Voltou ao gabinete, e desta vez mergulhou no trabalho com afinco. Daí a pouco estava totalmente concentrado, e os únicos sons no aposento eram o tique-taque do relógio e o rascar agudo da caneta sobre o papel, bem no centro do círculo de luz formado pela lâmpada sobre a mesa.

Eram cerca de duas da madrugada quando o dr. Kemp finalizou o trabalho daquele dia. Levantou-se, bocejou e desceu para o quarto de dormir. Já tinha tirado o casaco e o colete quando sentiu um pouco de sede. Pegou uma vela e desceu à sala de jantar, para buscar sua garrafa de uísque e o sifão.

A atividade científica do dr. Kemp o tornara um bom observador, e ao cruzar de volta o saguão ele percebeu uma mancha escura no piso, perto do pé da escada. Subiu os degraus, mas um impulso inconsciente despertou-lhe a curiosidade de verificar que mancha seria aquela. Fosse como fosse, ele voltou a descer, pôs a garrafa e o sifão sobre uma mesinha, e, agachando-se, tocou a mancha no linóleo. Sem muita

surpresa, encontrou nela a cor e a textura pegajosa do sangue quase seco.

Voltou a apanhar a garrafa e o sifão e foi para o andar de cima, olhando em torno e pensando em alguma explicação para aquela mancha. No patamar, viu de imediato algo que o deixou atônito. A maçaneta de seu quarto estava manchada de sangue.

Olhou para a mão. Estava limpa... e então ele recordou-se de que a porta do quarto estava aberta quando ele descera, e que portanto não poderia ter tocado na maçaneta. Entrou no quarto com o rosto calmo, talvez com um ar um pouco mais resoluto do que lhe era habitual. Seu olhar examinou tudo em volta e deteve-se na cama. A colcha estava toda manchada de sangue, e o lençol tinha sido rasgado. Ele não percebera isso antes porque tinha se encaminhado direto para a mesinha onde colocara o casaco e o colete; e na extremidade da cama havia uma depressão, como se alguém tivesse sentado ali poucos instantes antes.

Então ele teve a estranha impressão de ter ouvido uma voz dizendo baixinho:

— Meu Deus! Kemp!

Mas ele não acreditava em vozes. Ficou olhando a cama em desalinho. Aquilo fora uma voz? Olhou em torno novamente, mas a única coisa fora do comum continuava a ser a cama desarrumada e suja de sangue. Então ouviu distintamente um movimento de algo que cruzava o quarto, perto da bacia onde lavava o rosto. Qualquer homem, por mais instruído que seja, conserva em si algo de supersticioso, e o doutor sentiu-se invadido pelo sentimento da presença de algo sobrenatural. Fechou a porta do quarto, caminhou de volta até a mesinha e colocou ali a garrafa e o sifão. Foi então que, com um sobressalto, avistou um farrapo de linho enrolado sobre si mesmo e manchado de sangue, erguido no ar, parecendo flutuar entre ele e a bacia de rosto.

Olhou para aquilo estupefato. Era uma atadura de pano, enrolada e atada com um nó, mas em torno do vazio. Seu impulso foi de estender a mão para agarrá-la, mas sentiu um toque sobre o peito, e uma voz que soava mesmo à sua frente.

— Kemp! — disse a Voz.

— Há?... — disse o doutor, boquiaberto.

— Fique calmo — disse a Voz. — Eu sou um homem invisível.

Por algum tempo Kemp não soube o que responder e continuou fitando a atadura.

— Homem Invisível — repetiu, por fim.

— Eu sou um homem invisível — repetiu a Voz.

Tudo que naquela mesma manhã o doutor estivera pronto para ridicularizar passou por sua mente. Ele não pareceu sentir medo ou sequer surpresa com o que lhe acontecia; todas as implicações daquele fato só vieram a lhe ocorrer depois.

— Pensei que era um boato — disse ele, pensando apenas nas agitações que presenciara naquela dia.

— Está com uma atadura na mão?

— Sim — disse o Homem Invisível.

— Oh! — exclamou o doutor, e logo empertigou-se. — Ora essa, isso é absurdo. Deve haver algum truque.

Avançou de repente e estendeu a mão para a atadura. Seus dedos se chocaram com dedos invisíveis, e ele recolheu o braço, com o sangue fugindo-lhe do rosto.

— Fique firme, Kemp, pelo amor de Deus. Preciso muito de sua ajuda. Pare com isso!

O doutor tinha dado um empurrão na mão invisível que o agarrava pelo braço.

— Kemp! — insistiu a Voz. — Kemp! Fique calmo! — E os dedos se cerraram em seu braço com mais força.

Um desejo frenético de se libertar apossou-se do doutor. A mão que portava a atadura o agarrou pelo ombro e o derrubou sobre a cama. Fez menção de gritar, mas uma ponta do lençol ergueu-se e enfiou-

se em sua boca. O Homem Invisível conseguiu mantê-lo deitado, mas seus braços estavam livres e ele socava o ar à sua frente e esperneava em desespero.

— Quer ter um pouco de juízo, por favor? — disse o Homem Invisível, ainda conseguindo contê-lo, apesar dos socos que lhe atingiam as costelas. Por fim gritou-lhe junto ao ouvido: — Por Deus! Assim perco a paciência! Fique quieto, idiota!

Kemp ainda se debateu por um instante e depois ficou imóvel.

— Se gritar, quebro sua cara — disse o Homem Invisível, tirando o pano que bloqueava a boca do doutor. — Eu sou um homem invisível. Não se trata de loucura, nem de magia. Sou invisível de verdade, e preciso da sua ajuda. Não quero machucar você, mas se continuar agindo como um ignorante vou ter de fazê-lo. Lembra-se de mim, Kemp? Griffin, do University College?

— Deixe-me levantar — disse Kemp. — Vou ficar quieto, mas preciso me sentar.

Ele sentou-se na cama e massageou o pescoço.

— Sou Griffin, do University College — continuou o outro —, e me tornei invisível. Sou um homem normal, um sujeito que você conheceu, apenas estou invisível.

— Griffin?...

— Griffin. Um estudante mais jovem do que você, quase albino, um metro e oitenta, forte, rosto branco, rosado, olhos avermelhados. Ganhei uma medalha em química.

— Estou confuso — disse o doutor. — Minha mente está desordenada... O que tem tudo isto a ver com Griffin?

— Eu *sou* Griffin.

Kemp pensou por algum tempo.

— Isto é horrível — falou por fim. — Mas que feitiço pode haver que deixe um homem invisível?

— Não é feitiço. É um processo, racional, compreensível...

— Mas é horrível! Como, neste mundo...

— Sim, é horrível, mas eu estou ferido, e sofrendo, e estou exausto... Meu Deus! Kemp, você é um ser humano. Encare isso com tranquilidade. Dê-me um pouco de comida e algo para beber, e deixe-me sentar aqui.

Kemp viu a atadura deslocar-se através do quarto, e em seguida uma cadeira arrastar-se até ficar junto da cama. O assento rangeu e afundou-se cerca de meio centímetro. O doutor esfregou os olhos e voltou a massagear o pescoço.

— Isso é mais interessante do que um fantasma — disse, com um riso abobalhado.

— Assim está melhor. Graças a Deus, você está sendo sensato.

— Ou tolo — disse Kemp, esfregando os olhos com os nós dos dedos.

— Me dê um pouco de uísque. Estou a ponto de cair morto.

— Não foi o que me pareceu. Onde está você? Se eu me levantar, posso esbarrar em você? Ah, está aí mesmo. Muito bem. Vejamos... pronto, aqui está o seu uísque. Onde devo entregá-lo?

A cadeira deu um estalo e Kemp sentiu o copo fugir da sua mão. Teve que fazer um esforço para deixá-lo afastar-se, já que todo seu instinto pedia o contrário. O copo moveu-se e por fim ficou parado a cerca de meio metro acima da borda da cadeira. O doutor olhava aquilo com perplexidade infinita. — Isto é... deve ser.. uma espécie de hipnotismo. Você me pôs a sugestão de que é invisível.

— Absurdo — disse a Voz.

— É loucura.

— Escute o que eu tenho a dizer.

— Eu demonstrei irrefutavelmente, hoje de manhã, que a invisibilidade...

— Não importa o que você demonstrou, estou morrendo de fome — disse a Voz — e a noite está

fria para um homem sem roupas.

— Quer comer algo? — disse Kemp.

O copo de uísque ergueu-se e inclinou-se.

— Sim — disse o Homem Invisível, voltando a pousar o copo. — Tem um roupão?...

Kemp soltou uma interjeição em voz baixa, mas foi até o armário e tirou dali um roupão em vermelho vivo.

— Serve este?...

O roupão fugiu dos seus dedos, pendeu flácido no ar por um instante, depois fez uma reviravolta, ficou vertical, encorpou-se, pareceu abotoar-se sozinho e depois assumiu sobre a cadeira a posição de um homem sentado.

— Cuecas, meias e chinelos seriam muito bem-vindos — disse Aquele-que-ninguém-via, secamente. — E comida.

— O que quiser. Mas isto é a coisa mais insana que já presenciei na minha vida.

O doutor trouxe das gavetas os artigos solicitados e desceu para procurar algo na despensa. Retornou com fatias de carne fria e pão, puxou uma mesinha e colocou aquele lanche diante do visitante.

— Não se preocupe com talheres — disse este.

Um pedaço de carne ergueu-se no ar e ouviu-se um ruído de mastigação.

— É invisível mesmo! — exclamou Kemp, sentando-se em outra cadeira.

— Gosto de me vestir especialmente para as refeições — disse o Homem Invisível, mastigando com avidez, de boca cheia. — Uma mania minha.

— Espero que seu pulso esteja bem — disse o doutor.

— Pode crer que sim — disse o Homem Invisível.

— Puxa, de todas as coisas estranhas e fantásticas que...

— Isso mesmo. Mas é curioso que eu tenha entrado justamente na *sua* casa em busca de curativos. Meu primeiro momento de sorte. Em todo caso, eu tinha esperança de poder dormir dentro desta casa hoje à noite, e espero que você não se oponha. O fato do meu sangue aparecer é um problema sério. Lá embaixo ficou uma mancha considerável. Entenda: quando ele se coagula, torna-se visível. Só consegui invisibilizar os meus tecidos vivos, e isso vai durar enquanto eu viver. Estou dentro desta casa há três horas.

— Mas como conseguiu fazer isso?! — disse Kemp, exasperado. — Que coisa! Toda essa história... é inacreditável, do princípio ao fim.

— É muito razoável — disse o Homem Invisível. — Perfeitamente razoável.

A manga do roupão estendeu-se e alcançou a garrafa de uísque. Kemp viu o roupão beber mais um gole; havia um rasgão no ombro direito, e a luz da vela penetrava por ali, fazendo um triângulo iluminado na parte interna da vestimenta.

— Onde aconteceram aqueles tiros? — perguntou ele. — Como começou aquilo tudo?

— Começou por causa de um verdadeiro imbecil, uma espécie de assistente que eu arranjei, maldito seja ele, que tentou fugir com meu dinheiro. E na verdade conseguiu.

— Ele também é invisível?

— Não.

— E daí?

— Posso comer mais um pouco, enquanto falo? Estou com muita fome, meu estômago dói, e você quer que eu conte histórias!

Kemp ficou de pé.

— Você não atirou, não?

— Não — disse o visitante. — Um idiota que nunca vi puxou a arma e deu tiros ao acaso. Muita

gente está assustada. Todos estão com medo de mim. Que se danem. Kemp... eu preciso de mais comida.

— Vou ver o que há lá embaixo — disse o doutor —, mas temo que não tenha muita coisa.

Depois que terminou sua refeição, e foi uma copiosa refeição, o Homem Invisível solicitou um charuto. Mordeu a ponta, rudemente, antes mesmo que Kemp encontrasse uma faca para cortá-la, e xingou quando a folha do revestimento se afrouxou. Era estranho vê-lo fumar, ver a boca, a garganta, a faringe e as narinas como que moldadas em fumaça turbilhonante.

— Que bendita coisa é o fumo — disse ele, aspirando vigorosamente. — Tive sorte em vir parar justamente aqui, Kemp. Você tem de me ajudar. Que curioso, vir esbarrar em você logo neste momento! Estou numa enrascada das piores, e estive meio insano, eu acho. As coisas por que passei! Mas vamos realizar coisas juntos. Vou lhe dizer...

Ele se serviu de mais uísque e soda. Kemp levantou-se, olhou em redor e foi buscar um copo no aposento ao lado.

— É tudo muito maluco, mas acho que posso tomar um drinque.

— Você não mudou muito, Kemp, nestes doze anos. Vocês, homens sensatos, não mudam. Sempre frio e metódico, depois do primeiro acesso de fúria. Vou dizer-lhe uma coisa: nós vamos trabalhar juntos!

— Mas como aconteceu isso tudo? — disse Kemp. — Como você ficou nessa situação?

— Pelo amor de Deus, deixe-me fumar em paz por um instante! Depois lhe contarei tudo.

Mas a história não foi contada naquela noite. O pulso ferido do Homem Invisível voltou a incomodá-lo; ele estava febril, exausto, e sua mente passou a divagar em torno de sua perseguição a Marvel nas colinas e da briga generalizada na taberna. Falava de modo fragmentado a respeito de Marvel, fumava mais depressa, e sua voz foi se tornando raivosa. Kemp tentava compreender a partir do que ouvia.

— Ele tinha medo de mim, eu via que ele estava morrendo de medo — repetia sempre o Homem Invisível. — Queria me passar a perna, estava sempre olhando em volta. Como fui tolo!... Aquele cachorro!... Devia tê-lo matado!...

— Onde você conseguiu o dinheiro? — perguntou de repente o doutor.

O Homem Invisível ficou calado por alguns instantes.

— Não posso falar nisso hoje — disse.

Ele soltou um gemido e curvou-se para a frente, apoiando a cabeça invisível em mãos invisíveis.

— Kemp, eu não durmo há três dias, exceto por um par de cochilos de uma hora durante todo esse tempo. Preciso descansar.

— Bem, durma no meu quarto, este quarto aqui.

— Mas como posso dormir?! Se eu dormir, ele me escapa. Ora! O que importa?

— Mostre-me seu ferimento — disse Kemp, abruptamente.

— Não é nada, um arranhão, um pouco de sangue. Ah, Deus, como eu gostaria de dormir um pouco!

— E por que não dorme?

O Homem Invisível pareceu estar encarando o doutor.

— Porque eu não quero de maneira alguma ser preso — disse lentamente.

Kemp fez uma expressão de surpresa.

— Sou um idiota! — exclamou o Homem Invisível, dando um tapa na mesinha. — Acabo de botar uma ideia na sua cabeça.

Capítulo XVIII

O homem invisível dorme

Por mais exausto que estivesse, além de ferido, o Homem Invisível relutou em aceitar a palavra de honra de Kemp de que sua liberdade estava garantida ali. Ele examinou as duas janelas do quarto, subiu as persianas e abriu os postigos, para se convencer de que poderia fugir por ali, como Kemp afirmou. Lá fora a noite estava calma e silenciosa, e a lua nova estava se pondo sobre o descampado.⁸ Depois, ele examinou as chaves da porta principal do quarto e das portas que davam para o quarto de vestir, até se assegurar de que elas também lhe davam opções de fuga. Por fim, deu-se por satisfeito; deteve-se diante da lareira, e o doutor o ouviu bocejar.

— Sinto muito — disse o Homem Invisível —, mas não estou em condições de contar-lhe esta noite tudo que me sucedeu. Estou esgotado. Sei que isso tudo é grotesco, é terrível, mas acredite, Kemp, a despeito dos seus argumentos, tudo isso é perfeitamente possível. Fiz uma grande descoberta. Pretendia guardá-la para mim mesmo, mas não posso. Preciso de um parceiro. E você... Olhe, podemos realizar tantas coisas... Mas vamos deixar para amanhã. Agora, preciso dormir, senão caio morto.

O dr. Kemp ficou parado no meio do quarto, olhando o roupão sem cabeça à sua frente.

— Creio que devo deixá-lo descansar — disse ele. — Bem... isso tudo é inacreditável. Três coisas como essas me acontecendo podem virar de cabeça para baixo tudo em que acredito e me deixar louco. Mas tudo isso é real! Há algo mais que posso fazer por você?...

— Deseje-me boa-noite — disse Griffin.

— Boa noite, então — disse Kemp, e apertou uma mão invisível. Caminhou meio de lado rumo à porta, e de repente o roupão veio na sua direção.

— Entenda bem! — disse o roupão. — Não faça nenhuma tentativa para me deter, ou para me prender! Senão...

A atitude do doutor sofreu uma pequena mudança.

— Penso que lhe dei minha palavra — disse ele.

Fechou a porta com cuidado às suas costas e ouviu a chave girar pelo lado de dentro. Em seguida, enquanto uma expressão de incredulidade perdurava em seu rosto, ouviu passos rápidos que iam até a porta do quarto de vestir e o ruído da chave trancando-a do mesmo modo. Kemp pousou a mão sobre a testa.

— Estarei sonhando? — murmurou. — O mundo ficou maluco? Ou fui eu que fiquei?

Ele deu uma risada e pousou a mão sobre a porta trancada.

— Expulso do meu próprio quarto por uma coisa absurda! — Caminhou até a escada, voltou-se, olhou a porta trancada. — Mas é um fato. — Passou os dedos sobre as escoriações no pescoço. — É um fato. Não posso negar. Mas...

Balançou a cabeça, desanimado, virou-se e desceu as escadas bem devagar.

No andar térreo, acendeu a lâmpada da sala de jantar, acendeu um charuto, e pôs-se a caminhar, falando consigo mesmo.

— Invisível! — exclamou. — Será que pode existir algo assim, um animal invisível?... No oceano,

sim, é possível. Milhares, milhões. Todas as larvas, todos os crustáceos minúsculos, os náuplios, as coisas microscópicas, as águas-vivas... No mar há mais coisas invisíveis do que visíveis! Nunca tinha pensado nisso antes. E também nas lagoas e poças d'água! Todas aquelas coisas aquáticas minúsculas, como pedacinhos de geleia transparente... Mas no ar? Não!

“Não pode ser. Mas, afinal de contas, por que não? Se um homem fosse feito de vidro, ainda assim ele seria visível.”

Ele calou-se; sua meditação tornou-se cada vez mais intensa, e três charutos inteiros tornaram-se invisíveis, a não ser por um pouco de cinza sobre o tapete, antes que ele voltasse a murmurar algo em voz baixa, mas foi apenas uma exclamação. Ele fez meia-volta e encaminhou-se para seu pequeno consultório que ficava do lado, acendendo a lâmpada de gás. Era um aposento não muito grande, porque o dr. Kemp não vivia de consultas, mas era ali que estavam os jornais do dia. O matutino estava aberto e jogado descuidadamente para um lado. Ele o apanhou e virou as páginas até localizar a matéria “Uma notícia fora do comum de Iping”, a mesma que o marinheiro em Port Stowe havia recontado com tanto entusiasmo ao sr. Marvel. Kemp a leu sem perder tempo.

— Envolto em panos! — exclamou. — Disfarçado! Escondendo-se! “Ninguém parece ter se apercebido de sua desgraça...” Mas que diabo ele pretende?!

Largou o jornal e olhou em volta.

— Ah! — exclamou, apanhando a *St. James Gazette*, que continuava dobrada do mesmo jeito que tinha sido entregue. — Agora vamos chegar mais perto da verdade. — Abriu o jornal e deparou-se com uma matéria em duas colunas, sob a manchete: “Loucura numa vila em Sussex.”

— Meu Deus! — murmurou ele, enquanto lia com avidez o incrédulo relato do que acontecera em Iping na tarde da véspera, fatos já relatados aqui. No verso da página era reproduzido o artigo do dia anterior. Ele releu tudo cuidadosamente.

— Correu pela rua golpeando a torto e a direito. Jaffers desacordado. O sr. Huxter muito machucado, ainda incapaz de relatar o que aconteceu. Uma dolorosa humilhação para o vigário. Mulher doente de terror. Janelas quebradas. Uma história extraordinária, talvez uma invenção de alguém, mas... boa demais para não ser publicada, ainda que com um grão de sal. — Ele largou o jornal e ficou olhando para diante, com olhar vago. — “Talvez uma invenção...” — Pegou o jornal de novo e releu toda a reportagem. — Mas onde entra o vagabundo nessa história toda? E por que motivo ele estaria perseguindo o vagabundo? — O doutor sentou-se numa banqueta do consultório. — Ele não é apenas invisível. É louco. Um louco homicida!

Quando o amanhecer veio misturar sua luz com a luz da lâmpada e a fumaça dos charutos que pairava na sala de jantar, o dr. Kemp ainda estava caminhando para lá e para cá, tentando assimilar o inacreditável.

Estava agitado demais para poder dormir. Os criados, quando se ergueram, ainda sonolentos, o encontraram desperto e acharam que o excesso de trabalho o estava prejudicando. Ele lhes deu algumas instruções estranhas mas bastante claras, para que servissem um café da manhã para duas pessoas no escritório do andar de cima, e que depois circulassem apenas pelo porão e pelo andar térreo. Depois, continuou a caminhar pela sala até a hora da entrega do jornal matutino. Este falava muito e dizia pouco, além de confirmar o que ocorrera na noite anterior, e oferecer um relato bastante mal redigido das ocorrências sensacionais de Port Burdock. Em todo caso, o relato deu a Kemp uma ideia do que se passara no Jolly Cricketers, e forneceu-lhe o nome do sr. Marvel. “Obrigou-me a servi-lo durante vinte e quatro horas”, testemunhou Marvel. Alguns pequenos detalhes vieram completar os relatos anteriores sobre os acontecimentos de Iping, como o corte dos fios telegráficos. Mas nada havia que lançasse uma nova luz sobre a relação entre o Homem Invisível e o Vagabundo; porque o sr. Marvel não prestara qualquer

informação a respeito dos três livros, nem do dinheiro que abarrotava seus bolsos. O tom de incredulidade das primeiras notícias já se desvanecera, e uma horda de repórteres e pesquisadores já tinha saído a campo em busca de novos fatos.

Kemp leu os relatos e depois mandou a criada comprar todos os jornais que encontrasse, os quais também devorou.

— Ele é mesmo invisível! — disse. — E parece possuído por uma fúria que chega a ser maníaca. É capaz de tudo. É capaz de tudo! E está lá no andar de cima, livre como o vento. Que devo fazer? Por exemplo... será que estaria quebrando minha palavra, se... não.

Ele se encaminhou para uma mesinha a um canto do aposento e começou a rabiscar um bilhete. Deteve-se na metade e rasgou o papel; começou a redigir outro bilhete. Releu-o de cabo a rabo e ficou pensativo. Depois pegou um envelope e endereçou-o ao “Coronel Adye, em Port Burdock”.

Nesse momento, o Homem Invisível despertou, e despertou muito irritado. Kemp, sempre atento ao menor som vindo do andar superior, ouviu seus passos inquietos cruzando o quarto, uma cadeira sendo jogada para o lado, e depois a bacia de rosto tombando no chão com estardalhaço. Subiu correndo a escada e bateu na porta.

Capítulo XIX

Alguns princípios básicos

— O que está havendo? — perguntou Kemp, ao entrar no quarto.

— Nada — foi a resposta.

— Ora, o que é isso?! E esse barulho?

— Tive um acesso de raiva — disse o Homem Invisível. — Esqueci que estava ferido, e o pulso me incomodou.

— Você parece muito sujeito a esse tipo de coisa.

— Sou mesmo.

Kemp cruzou o quarto e recolheu os pedaços da bacia de vidro.

— Os fatos a seu respeito estão em todos os jornais — disse ele, erguendo-se com os cacos de vidro nas mãos. — Tudo que aconteceu em Iping, e também aqui, lá embaixo da colina. O mundo já tomou conhecimento de que há um cidadão invisível. Mas ninguém sabe que você está aqui.

O Homem Invisível soltou uma praga.

— Seu segredo vazou — continuou Kemp. — Imagino que se tratava de um segredo. Não sei quais são os seus planos, mas é claro que estou disposto a ajudá-lo.

O Homem Invisível sentou-se na cama. Kemp prosseguiu:

— Mandei servir um café da manhã no andar de cima.

Viu com satisfação que seu estranho convidado levantou-se cheio de disposição e conduziu-o para a escada estreita que dava acesso ao belvedere.

— Antes de mais nada — disse o doutor —, preciso entender melhor essa questão da sua invisibilidade.

Ele tinha se sentado, depois de lançar um olhar inquieto para fora da janela, com a atitude de um homem que se prepara para uma longa conversa. Suas dúvidas sobre a própria sanidade mental sumiam e voltavam alternadamente, enquanto ele observava Griffin do outro lado da mesa — um roupão sem cabeça e sem mãos, limpando lábios invisíveis com um guardanapo solto no ar.

— É algo muito simples e nem um pouco incrível — disse Griffin, pousando o guardanapo e apoiando a cabeça invisível na mão invisível.

— Para você é claro que sim, mas... — e Kemp soltou uma risada.

— Ah, é claro. Para mim foi de início algo maravilhoso, sem dúvida. Mas agora... meu Deus! Mas há grandes coisas que iremos realizar juntos. Tudo começou em Chesilstowe.

— Chesilstowe?

— Fui para lá depois que saí de Londres. Você chegou a saber que eu troquei a Medicina pela Física? Não? Bem, foi o que fiz. A luz era o que me fascinava.

— Ah...

— A densidade ótica! Todo este assunto é uma rede de enigmas, mas através dos interstícios as soluções brilham, ainda que de modo fugidio. Eu tinha vinte e dois anos e estava cheio de entusiasmo, de

modo que disse para mim mesmo: “Vou dedicar minha vida a este estudo, porque vale a pena.” Sabe como somos bobos aos vinte e dois anos, não sabe?

— Tanto nessa idade quanto agora — disse Kemp.

— Como se saber mais trouxesse algum tipo de satisfação a um homem! — exclamou Griffin. — Em todo caso, pus-me a trabalhar como um escravo. E não fazia seis meses que me dedicava àquilo quando a luz brilhou por entre os fios cerrados daquela rede, e brilhou de maneira cegante. Descobri um princípio geral relacionando pigmentos e refração, uma fórmula, uma expressão geométrica envolvendo quatro dimensões. Os ignorantes, as pessoas comuns, e mesmo alguns matemáticos de pouca estatura não imaginam o quanto uma expressão geral pode significar para quem estuda a física molecular. Nos meus livros de notas, esses livros que o vagabundo escondeu, existem maravilhas, milagres! Mas não se trata de um método, e sim de uma ideia, que poderia resultar num método pelo qual seria possível, sem alteração em qualquer outra propriedade da matéria, exceto as cores, em alguns casos, seria possível reduzir o grau de refração de uma substância sólida ou líquida até deixá-lo igual ao do ar, no que diz respeito a qualquer aspecto prático.

— Puxa! — exclamou Kemp. — É fantástico! Mas ainda não percebo como... Entendo que desse modo seja possível tornar transparente uma pedra preciosa, mas daí a tornar invisível uma pessoa viva vai uma grande distância.

— Justamente — disse Griffin. — Mas considere que a visibilidade de um corpo depende de sua ação em relação à luz. Um corpo pode absorver a luz, pode refleti-la, pode refratá-la, ou pode fazer uma combinação dessas três coisas. Se não faz nenhuma das três, ele não é visível. Você enxerga uma caixa vermelha e opaca, por exemplo, porque a cor absorve uma parte da luz e reflete o resto, toda a frequência vermelha da luz, na sua direção. Se ela não absorvesse nenhuma parte da luz, mas refletisse a luz inteira, ela seria vista como uma caixa de um branco brilhante. Prateada! Uma caixa feita de diamante nem absorveria muita luz nem a refletiria muito com sua superfície externa, mas, aqui e ali, onde as superfícies fossem favoráveis, a luz seria refletida e refratada, e você teria a impressão visual de uma série de brilhos, reflexos e translucências, algo como um esqueleto feito de luz. Já uma caixa feita de vidro não seria tão brilhante e não seria tão claramente visível quanto uma caixa de diamante, porque haveria menos refração e menos reflexão.

“Percebe, Kemp? De alguns ângulos você seria capaz de enxergar perfeitamente através dela. Alguns tipos de vidro poderiam ser vistos com mais clareza do que outros; uma caixa de cristal seria mais brilhante do que uma caixa feita do vidro comum das vidraças. Uma caixa de vidro comum mas muito fino seria difícil de ver com pouca luz, porque ele mal absorveria uma parte dela e iria refletir e refratar muito pouco. E se você mergulhar uma lâmina de vidro comum dentro d’água, e ainda mais se o fizer num líquido mais denso do que a água, ele irá sumir quase completamente, porque a luz que passa da água para o vidro será refletida ou refratada muito pouco, se é que será afetada de alguma forma. Ficaria tão invisível quanto um jato de gás ou de hidrogênio o é em pleno ar. E precisamente pelos mesmos motivos.”

— Concordo — disse Kemp. — Até aqui navegamos em águas tranquilas.

— E há outro fato que você sabe que é verdade. Se uma lâmina de vidro for quebrada e pulverizada, Kemp, ela se torna muito mais visível enquanto estiver no ar; torna-se uma espécie de pó branco e opaco. Isso porque essa pulverização multiplica as superfícies do vidro onde ocorrem tanto a reflexão quanto a refração. Na lâmina de vidro há apenas duas superfícies; no pó, a luz é refletida ou refratada por cada um dos grãos que atravessa, e muito pouco dela passa diretamente através do pó. Mas se esse pó de vidro, esbranquiçado, for despejado na água, ele desaparece imediatamente. O vidro em pó e a água têm índices de refração quase idênticos, ou seja, a luz se refrata ou se reflete muito pouco quando passa de um para o outro.

“Tornamos o vidro invisível colocando-o num líquido com o mesmo índice de refração; qualquer coisa transparente torna-se invisível se for colocada num meio que tenha aproximadamente o mesmo índice

de refração. E se você pensar nisso por um segundo verá também que o próprio vidro em pó poderia desaparecer no ar se o seu índice de refração pudesse se tornar o mesmo do ar, porque nesse caso não haveria refração ou reflexão quando a luz passasse do vidro para o ar.”

— Sim, sim — disse Kemp. — Mas um homem não é feito de vidro em pó.

— Não — disse Griffin. — É mais transparente do que isso.

— Absurdo.

— E é um médico que está dizendo isso! Como pode ter esquecido? Esqueceu nestes dez anos toda a física que estudou? Pense em todas as coisas que são transparentes mas não parecem sê-lo. O papel, por exemplo, é feito de fibras transparentes, e é branco e opaco pela mesma razão que torna o vidro em pó branco e opaco. Uma folha de papel embebida em óleo tem os interstícios entre as partículas embebidas de líquido, de tal modo que não existe reflexão ou refração senão nas superfícies, e assim se torna transparente como um vidro. E não somente o papel, mas o algodão, o linho, a lã, as fibras de madeira, e os *ossos*, Kemp, e a *carne*, Kemp, e o *cabelo*, Kemp, e as *unhas* e os *nervos*, Kemp, na verdade todos os tecidos que constituem um ser humano. Com exceção do pigmento vermelho de seu sangue e o pigmento escuro de seus cabelos, tudo o mais é feito de tecidos transparentes e incolores. É o quanto basta para nos tornar visíveis uns aos outros. Em sua maior parte, as fibras de uma criatura viva não são mais opacas do que a água.

— Céus! — exclamou Kemp. — É claro, é claro! Eu estava ontem à noite me lembrando das larvas aquáticas e das águas-vivas.

— Agora sim, você me entendeu! Todas essas coisas se agitavam na minha mente quando saí de Londres há seis anos. Mas guardei tudo para mim mesmo. Tive de realizar meu trabalho nas condições mais desvantajosas. Oliver, meu professor, era um oportunista científico, tinha instinto de jornalista, não de homem de ciências. Um gatuno das ideias alheias, sempre a me espionar. E você sabe como é o injusto sistema de créditos que vigora no mundo científico... Eu não iria publicar um trabalho em parceria e deixar que ele recebesse todo o crédito. Continuei a trabalhar e fui chegando cada vez mais próximo do momento de transformar minha fórmula numa experiência, numa realidade. Não contei nada a ninguém, porque queria revelar minha obra ao mundo com um impacto esmagador, ficar famoso da noite para o dia. Dediquei-me à questão dos pigmentos para poder preencher as lacunas que persistiam. E de repente, não por método mas por acidente, fiz uma descoberta fisiológica.

— Foi mesmo?

— Sobre os pigmentos vermelhos do nosso sangue. É possível torná-los brancos, ou melhor, incolores, sem que percam nenhuma das suas funções.

Kemp soltou uma exclamação de espanto. O Homem Invisível levantou-se e começou a andar no pequeno escritório.

— Entendo que fique surpreso. Lembro-me muito bem daquela noite... Já era madrugada; durante o dia eu era atrapalhado pelos meus estúpidos alunos. Eu costumava trabalhar até o amanhecer. A solução brotou de súbito, esplêndida e completa, na minha mente. Eu estava sozinho; o laboratório estava deserto, com os lampiões altos ardendo com um brilho intenso e silencioso. Em todos os meus grandes momentos eu me encontrava a sós. “É possível tornar o tecido animal transparente! É possível torná-lo invisível! Tudo exceto os pigmentos! Eu posso ser invisível!”, exclamei, percebendo de súbito o que significava esse conhecimento para um albino como eu. Foi algo arrebatador. Larguei a experiência que estava fazendo, saí da sala, fui até a janela e contemplei as estrelas. “Posso ser invisível!”, repeti.

“Realizar algo assim era transcender a própria magia. E eu tive ali a visão, sem a menor sombra de dúvida, a visão magnífica do que a invisibilidade poderia significar para um homem: o mistério, o poder, a liberdade. Desvantagens? Não vi nenhuma. Procure imaginar! Eu, um professorzinho limitado, pobre,

dando aulas idiotas num colegiozinho de província, poderia de repente me tornar... isto. Responda-me, Kemp, o que você, o que qualquer um faria no meu lugar. Teria mergulhado a fundo nessa pesquisa. E eu trabalhei por mais três anos, e cada montanha de dificuldades que eu conseguia escalar me mostrava adiante uma outra ainda maior. Que infinidade de detalhes! E a impaciência! E meu próprio professor, um doutorzinho de província, sempre me espreitando. ‘Quando vai publicar essa sua pesquisa?’, perguntava ele o tempo todo. E os estudantes! E a falta de recursos! Passei três anos nessa condição...

“E depois de três anos de segredo e de exasperação, constatei que me seria impossível completar o meu trabalho, sim, impossível.”

— Por quê? — perguntou Kemp.

— Dinheiro — disse o Homem Invisível, e postou-se junto à janela, olhando para fora. Então virou-se abruptamente. — Tive que roubar esse dinheiro do velho. Sim, roubei meu pai. O dinheiro não lhe pertencia. Meu pai suicidou-se.

Capítulo XX

Na casa de Great Portland Street

Por um instante Kemp ficou sentado em silêncio, olhando para o vulto à janela, que novamente lhe dera as costas. Então, com um sobressalto, ergueu-se, pegou no braço do Homem Invisível e o afastou da janela.

— Você está cansado — disse —, e eu fico sentado enquanto você fica de pé! Sente-se aqui, vamos. E colocou-se entre Griffin e a janela.

Durante algum tempo Griffin manteve-se em silêncio, mas logo retomou sua narrativa.

— Eu já não estudava mais em Chesilstowe quando aconteceu — disse ele. — Foi no mês de dezembro passado. Eu tinha alugado um quarto em Londres, um quarto enorme, sem mobília, numa miserável casa de cômodos perto de Great Portland Street. Logo enchi esse quarto com os equipamentos comprados com esse dinheiro. Meu trabalho progrediu de maneira constante, promissora, encaminhando-se para sua conclusão. Eu me sentia como um homem que emerge de um arvoredor espesso e se depara com uma tragédia sem sentido. De repente, tive que voltar lá, a fim de sepultar meu pai. Minha mente estava totalmente concentrada em minhas pesquisas, e não ergui um dedo para defender sua reputação. Lembro-me do funeral, do caixão barato, da cerimônia feita às pressas, a colina açoitada pelo vento gélido, e o velho amigo de meu pai que presidiu ao serviço fúnebre — um homenzinho curvado, malvestido, e com um resfriado, assoando-se de modo lamuriento.

“Lembro-me de ter voltado a pé para a casa agora vazia, através do que fora um dia um vilarejo e agora estava sendo botado abaixo para dar lugar a uma cidade horrenda, construída às pressas. As estradas que se estendiam em todas as direções iam dar em campos arruinados, cheios de montes de entulho e de arbustos apodrecidos. Lembro-me de ter visto a mim mesmo como uma silhueta escura e esquálida, caminhando sobre o pavimento úmido, escorregadio, e da estranha sensação de distanciamento que sentia em relação ao sórdido comercialismo e respeitabilidade daquele lugar.

“Não estava nem um pouco triste com o que acontecera a meu pai. Ele me parecia apenas a vítima do seu próprio sentimentalismo. As formalidades exigiam minha presença no funeral, mas aquilo não tinha nada a ver comigo.

“Caminhando por High Street, no entanto, minha vida de antigamente me veio à memória por alguns instantes, porque encontrei uma garota que eu conhecia havia dez anos, e nossos olhares se cruzaram. Algo me fez dar meia-volta e dirigir-lhe a palavra. Ela era uma pessoa comum, ordinária.

“Tudo parecia um sonho, aquela visita aos velhos lugares da minha infância. Eu não me sentia sozinho, não tinha a impressão de que viera do mundo para visitar um lugar desolado. Percebi minha falta de identificação com aquilo, mas a atribuí à futilidade generalizada do que existia ali. Quando retornei ao meu quarto-laboratório, foi como se tivesse voltado à vida real. Ali, sim, estavam as coisas que eu conhecia e amava. Ali estavam os meus aparelhos, minhas experiências já encaminhadas e à minha espera. E agora a única dificuldade que eu tinha pela frente era planejar de forma adequada meus próximos passos.

“Mais cedo ou mais tarde eu lhe descreverei, Kemp, todas as etapas que tive de cumprir. Não precisamos entrar nesses detalhes agora. A maior parte dessas informações, com exceção de algumas que

confiei à memória, está escrita em código nos três livros de notas que aquele vagabundo escondeu. Temos de achar esse sujeito e precisamos pôr as mãos nesses livros, de qualquer maneira. Mas a fase mais importante consistiu em colocar o objeto transparente, cujo índice de refração deveria ser reduzido, entre dois centros irradiadores de uma espécie de vibração etérea, a respeito da qual eu lhe darei mais dados depois. Não, não se trata de raios Roentgen⁹ — não creio que os que utilizei já tenham sido descritos. E no entanto são bastante óbvios. Eu precisava de dois pequenos dínamos, que pus para funcionar através de um motor a gás barato. Minha primeira experiência foi com um pedaço de tecido branco, de algodão. Foi a coisa mais estranha do mundo, vê-lo iluminado pelas luzes brancas que piscavam, e aos poucos se desvanecendo como fumaça, até desaparecer por completo.

“Eu mal podia acreditar que conseguira. Tateei com a mão aquele espaço vazio, e a coisa estava ali, sólida como sempre. Segurei-o entre os dedos, meio sem jeito, e depois atirei-o de volta ao chão. Depois, tive alguma dificuldade para encontrá-lo.

“E então ocorreu uma experiência curiosa. Ouvei um miado às minhas costas e, virando-me, avistei um gato magro e branco, bastante sujo, em cima da tampa da cisterna próxima à minha janela. Uma ideia me ocorreu. ‘Está tudo esperando somente por você’, falei, indo até a janela, abrindo-a e atraindo o gato para dentro. Ele entrou, ronronando... O pobre bicho estava faminto. Dei-lhe um pouco de leite. Toda a comida que eu tinha estava num armário no canto do quarto. Depois disso, ele andou pelo aposento, farejando, com a clara intenção de se abancar por lá. O pano invisível o inquietou um pouco; devia ver como ele se assustou e bufou ao dar com aquilo! Mas eu consegui acomodá-lo no travesseiro de minha cama sobre rodinhas e dei-lhe um pouco de manteiga para que lambesse as patas e se sentisse em casa.

— E depois o submeteu ao processo?

— Sim, foi o que fiz. Mas não é fácil obrigar um gato a ingerir um preparado, Kemp. E o processo acabou fracassando.

— Fracassou?!

— Em dois aspectos. As garras e aquela camada pigmentada, como se chama mesmo? No fundo dos olhos dos gatos. Sabe do que falo?

— *Tapetum*.

— Isso, o *tapetum*. Não desapareceu. Depois que o fiz beber a droga que descolore o sangue e tomei outras providências, dei-lhe um pouco de ópio e o pus para dormir no travesseiro a que já tinha se acostumado, e o coloquei no aparelho. Quando todo o resto tornou-se indistinto e por fim desapareceu, aquelas duas manchas fantasmagóricas dos seus olhos continuaram ali.

— Estranho.

— Não sei como explicar. O gato estava enfaixado e amarrado, é claro, para sua própria segurança; mas acordou quando estava ainda semivisível, e miou de maneira tão lamentosa que alguém veio bater à minha porta. Era uma velha que morava no andar de baixo e que desconfiou que eu estivesse dissecando vivo algum animal. Uma velha beberona, cuja única companhia na vida era aquele gato branco. Apliquei um pouco de clorofórmio ao bicho e fui atender à porta. “Não havia aqui um gato miando?”, disse ela, “o meu gato?”. Respondi educadamente que não. Ela continuou em dúvida e o tempo todo espiava para dentro do meu quarto, que aos seus olhos devia ser um ambiente mais do que estranho, com paredes nuas, janelas sem cortinas, cama sobre rodinhas, o motor a gás trabalhando, além daquela rede de pontos brilhantes e o vago cheiro de clorofórmio no ar. Por fim ela pareceu satisfeita e retirou-se.

— Quanto tempo demorou para que ele se tornasse invisível?

— Três ou quatro horas para o gato inteiro. Ossos, tendões e os tecidos gordurosos foram as últimas coisas a desaparecer, juntamente com as extremidades dos pelos coloridos. E, como já falei, aquela parte de trás dos olhos, um tecido espesso, iridescente, não sumiu de jeito nenhum.

“Já era noite lá fora quando tudo acabou, e do animal não se avistava nada mais senão o fundo dos olhos e as garras. Desliguei o motor e acariciei o bicho, ainda desacordado. Depois, como me sentia exausto, deixei-o dormindo sobre o travesseiro invisível e me deitei na cama. Tive dificuldade para adormecer. Fiquei acordado por longo tempo, pensando em coisas desconexas, repassando mentalmente a experiência vezes sem conta, ou tendo breves sonhos em que as coisas se tornavam transparentes e desapareciam à minha volta, até que tudo, inclusive o chão sob os meus pés, também desaparecia, e eu sentia aquela sensação de estar caindo, tão comum nos pesadelos. Por volta das duas da madrugada o gato recomeçou a miar. Tentei falar com ele, acalmá-lo, depois decidi fazer com que fosse embora. Lembro-me do choque que experimentei quando acendi a luz e vi diante de mim aqueles dois círculos verdes e brilhantes, sem nada à sua volta. Eu teria lhe dado algo para beber, mas o leite havia acabado. O gato não sossegava, ficava parado junto da porta miando sem parar. Tentei agarrá-lo, pensando em fazer com que saísse pela janela, mas ele me escapulia por entre as mãos e logo estava miando em outro ponto do quarto. Por fim, abri a janela e fiz barulho para espantá-lo. Acho que acabou saindo. Nunca mais o vi.

“Nesse momento, sabe Deus por que motivo, pus-me a pensar no funeral do meu pai, e naquela colina varrida por ventos frios, até o dia amanhecer. Percebi que não adiantava tentar dormir e, trancando a porta, fui andar pelas ruas.”

— Quer dizer que existe por aí um gato invisível à solta? — perguntou Kemp.

— Se não foi morto, sim. Por que não?

— Por que não? — repetiu Kemp. — Continue, não quis interrompê-lo.

— Provavelmente já está morto — disse o Homem Invisível. — Tudo que sei é que quatro dias depois estava vivo, disso tenho certeza, porque ao passar por um gradil em Titchfield Street, vi um grupo de pessoas ali paradas, ouvindo um miado e sem saber de onde vinha.

Ele ficou pensativo durante cerca de um minuto e depois retomou sua narrativa.

— Recordo de maneira muito vívida aquela manhã antes da minha transformação. Creio que caminhei ao longo de Portland Street. Lembro-me das barracas em Albany Street, e da passagem de soldados da cavalaria; por fim, subi até o alto de Primrose Hill. Era um dia de sol de janeiro, um daqueles dias que tivemos este ano em que sol e geada se misturavam antes de começar a nevar. Minha mente cansada tentava definir uma posição e traçar um plano de ação.

“Fiquei surpreso ao constatar, agora que o triunfo estava ao meu alcance, o quanto tudo aquilo me era insatisfatório. A verdade é que eu estava exausto. O estresse de quase quatro anos de trabalho ininterrupto me deixara meio que insensível. Eu me sentia apático, e tentava em vão recobrar o entusiasmo de minhas primeiras investigações e a paixão da descoberta, que me tinham permitido minimizar até mesmo a vergonha que se abatera sobre os cabelos brancos do meu pai. Nada parecia ter importância. Eu sabia que aquilo era uma fase passageira, resultado do excesso de trabalho e falta de sono, e que fosse através do repouso, fosse através de drogas, eu seria capaz de recuperar as minhas energias.

“A única coisa clara em minha mente era que aquilo tinha de ser executado até o fim; esta ideia fixa me dominava. E quanto mais cedo melhor, porque o meu dinheiro estava a ponto de acabar. Sentado na encosta da colina, olhei as crianças que brincavam, as moças que cuidavam delas, e pensei nas incríveis vantagens que um homem invisível poderia ter em nosso mundo. Depois de algum tempo arrastei-me de volta para casa, fiz uma refeição rápida e tomei uma dose de estricnina como estimulante,¹⁰ e me deitei para dormir na cama ainda desarrumada. A estricnina é um grande tônico, Kemp, para nos encher de energia.”

— É o demônio — disse Kemp. — É a Era Paleolítica engarrafada.

— Acordei cheio de vigor e um tanto irritadiço. Entende o que digo?

— Sei como isso funciona.

— Alguém estava batendo à minha porta: era o senhorio, com ameaças e interrogatórios. Um velho

judeu polonês enfiado num longo casaco cinza e chinelas enebadas. Dizia ter certeza de que eu passara a noite torturando um gato. É claro que a língua daquela velha tinha trabalhado com eficiência. Ele queria a todo custo esclarecer o assunto. Falava que as leis deste país sobre a vivisseção de animais são muito severas, e que ele poderia ser acusado de cumplicidade. Neguei tudo a respeito do gato. Ele se queixou então de que a vibração do meu pequeno motor a gás podia ser sentida na casa inteira. O que era verdade. Ele se esgueirou para dentro do meu quarto, examinando tudo por cima dos seus óculos de prata alemã, e tive o receio súbito de que ele fosse capaz de perceber algo do meu segredo. Tentei manter-me o tempo todo entre ele e o meu aparelho, o que serviu apenas para deixá-lo mais curioso. O que eu estava fazendo ali? Por que estava sempre sozinho e cheio de segredos? Aquilo era legal? Era perigoso? Eu pagava apenas o aluguel básico. A casa dele sempre fora uma casa respeitável, num quarteirão de má fama. E então meu temperamento agressivo explodiu. Mandeí que saísse dali imediatamente. Ele esboçou um protesto, falando que tinha o direito de examinar os quartos, mas num instante eu o agarrei pelo colarinho, que se rasgou, e o joguei pela porta afora, fazendo-o cair no corredor. Bati a porta, tranquei-a por dentro e me sentei, tremendo dos pés à cabeça.

“Ele fez um alarido tremendo do lado de fora, mas não tomei conhecimento, e depois de algum tempo ele se foi.

“Isso, no entanto, conduziu a minha situação a um ponto crítico. Eu não sabia o que ele era capaz de fazer, ou o que tinha autoridade para fazer. Mudar-me para outro apartamento implicaria um atraso em meu trabalho; além do mais, do meu dinheiro restavam apenas cerca de vinte libras, a maior parte delas no banco, e eu não podia me dar ao luxo dessa despesa extra. Fugir dali era uma ideia tentadora, mas eu sabia que haveria um inquérito, talvez um saque aos meus pertences.

“Só em pensar que meu trabalho poderia ser publicamente exposto ou interrompido logo agora, quando me aproximava do seu ponto culminante, fiquei furioso e entrei em ação. Saí com meus três livros de anotações e meu talão de cheques (os quais estão agora nas mãos do vagabundo) e os remeti pelo correio para uma posta-restante em Great Portland Street. Ao sair, procurei passar despercebido. Quando voltei, dei com meu senhorio subindo as escadas rumo ao meu quarto; talvez tivesse me ouvido fechar a porta. Você riria se visse o pulo assustado que ele deu quando me viu surgir às suas costas. Encarou-me agressivamente quando passei por ele, mas não lhe dei atenção e ao entrar bati a porta com força bastante para fazer estremecer a casa. Ouvi seus passos que vinham até a minha porta, hesitavam, e depois iam embora. Comecei logo meus preparativos.

“Naquela noite, tudo se resolveu. Houve um momento em que eu estava sentado, ainda sob o efeito nauseante e meio narcótico da droga que descoloria o sangue, e escutei batidas à minha porta. As batidas cessaram, os passos se afastaram, voltaram depois, houve novas batidas. Houve uma tentativa para empurrar algo por baixo da porta, um papel azul. Num acesso de irritação, eu me levantei e escancarei a porta, exclamando: ‘O que diabos querem agora?’

“Era o senhorio, trazendo um aviso de despejo ou algo assim. Ele me estendeu o papel, mas pareceu notar algo estranho nas minhas mãos, e ergueu os olhos para o meu rosto.

“Por um momento ficou boquiaberto. Então soltou um grito inarticulado, soltou o papel e a vela que conduzia, e saiu aos trambolhões escada abaixo. Fechei a porta, tranquei-a por dentro e fui ao espelho. Então entendi seu terror. Meu rosto estava branco como o mármore.

“Foi terrível. Não tinha esperado tanto sofrimento. Uma noite de angústia dilacerante, de náuseas e desmaios. Eu cerrava os dentes, sentindo minha pele em fogo, meu corpo inteiro em fogo; mas fiquei deitado como um morto. Agora eu entendia por que o gato miara tanto antes que eu lhe desse o clorofórmio. Eu tive sorte de morar sozinho, sem nenhuma companhia. Houve momentos em que tudo que pude fazer foi soluçar, e gemer, e falar em voz baixa... Mas me mantive firme, até que fui tomado pela

insensibilidade e quando acordei estava na escuridão.

“A dor tinha passado. Achei que ia morrer e não liguei para nada. Nunca esquecerei aquele amanhecer, e o horror de ver que minhas mãos pareciam feitas de um gás nebuloso, e de ver que iam se tornando mais claras e mais translúcidas com o passar das horas, até que fui capaz de enxergar através delas o meu quarto em desordem, mesmo fechando minhas pálpebras. Meus membros se tornaram vítreos, os ossos e as artérias se tornaram indistintos e desapareceram, e a última coisa a sumir foram os nervos esbranquiçados. Rangi os dentes e suportei aquilo até o fim, até que a única coisa visível em meu corpo fossem as pontas das unhas, pálidas e brancas, e a mancha marrom que um ácido deixara em meus dedos.

“Pus-me de pé. A princípio, estava tão incapaz de andar quanto um recém-nascido, tendo de me apoiar em membros que não enxergava. Fui até o espelho em que me barbeava e encarei ali o nada; nada, a não ser por uma tênue pigmentação que ainda restava por trás das minhas retinas,¹¹ algo mais rarefeito do que uma neblina. Tive de me apoiar na mesa e pressionar minha testa contra o vidro, para me convencer. Foi só com muito esforço que me dirigi até o aparelho para completar o processo.

“Dormi a manhã inteira, puxando o lençol sobre meus olhos para tapar a luz, e ao meio-dia fui novamente despertado por batidas na porta. A essa altura eu já tinha recobrado as forças. Sentei-me e fiquei à escuta; ouvi alguém cochichando do lado de fora. Levantei-me, o mais silenciosamente que pude, e comecei a desconectar meu aparelho, soltando as peças e espalhando-as pelo quarto, para não dar pistas sobre sua função. Mais tarde as pancadas à porta recomeçaram, junto com vozes que chamavam, primeiro a do senhorio, e depois outras duas. Para ganhar tempo, respondi. Enquanto isso, consegui localizar o pedaço de pano e o travesseiro invisíveis, e os joguei pela janela, em cima da cisterna. No momento em que abria a janela, ouvi o estrondo de pessoas jogando-se de encontro à porta para arrombá-la, mas os fortes parafusos que eu tinha colocado dias antes a mantiveram no lugar. Aquela violência me irritou, e eu comecei a tremer e a fazer tudo às pressas.

“Amontoei no meio do quarto uma porção de folhas de papel, palha, papel de embrulho; e liguei o gás. Os murros na porta eram cada vez mais fortes, e eu não conseguia encontrar os fósforos. Dei socos na parede de tanta raiva. Voltei a fechar a torneira do gás, saí pela janela para cima da tampa da cisterna e encostei a janela com cuidado. Fiquei ali, invisível e em segurança, mas trêmulo de raiva, para ver o que acontecia. Eles acabaram arrebatando um painel da porta, e logo em seguida abriram os ferrolhos e entraram. Era o senhorio acompanhado de seus dois enteados, dois rapazes robustos de vinte e poucos anos. Por trás deles, avistei a velha bruxa do andar de baixo.

“Pode imaginar o espanto deles ao verem o quarto vazio. Um dos rapazes correu imediatamente para a janela, abriu-a e olhou para fora. Seu rosto barbudo, de olhos arregalados e lábios grossos, ficou a poucos centímetros do meu. Tive um impulso de dar uma bofetada naquela cara de imbecil, mas me contive. Ele olhou bem através de mim, e os outros fizeram o mesmo quando vieram à janela. O velho olhou embaixo da cama, e depois todos foram na direção do armário. Discutiam o tempo inteiro em iídiche e em inglês *cockney*. Acabaram concluindo que eu não lhes respondera, tinha sido um engano. Um sentimento próximo da euforia tomou conta de mim, dissipando minha fúria, enquanto eu fiquei do lado de fora da janela observando aquelas quatro pessoas, porque a velha bruxa se juntou a eles, espiando em todos os recantos, como um gato, tentando entender meu comportamento estranho.

“O velho, na medida em que eu conseguia entender algo de sua algaravia, concordava com a velha — eu devia ser um vivisseccionista. Os filhos, no seu inglês estropiado, discordavam, achando que eu seria uma espécie de eletricista, e mostravam como provas os dínamos e radiadores. Todos estavam nervosos imaginando que eu chegaria a qualquer momento, embora depois eu viesse a descobrir que tinham trancado a porta da frente da casa. A velha espiou no armário, espiou embaixo da cama, e um dos rapazes chegou a afastar a grade e olhar para dentro da chaminé. Outro inquilino, um vendedor de maçãs que dividia com

um açougueiro o quarto em frente ao meu, apareceu no umbral, foi chamado a entrar e começou a dizer coisas incoerentes.

“Ocorreu-me que aqueles radiadores, se caíssem nas mãos de um indivíduo educado e arguto, poderiam dar pistas sobre a minha atividade. Quando a chance se apresentou, pulei para dentro do quarto, derrubei um dos pequenos dínamos, que estava pousado sobre o outro, e comecei a espatifar ambos. Enquanto eles, perplexos, tentavam entender o que tinha acontecido, esquivei-me deles, saí do quarto e desci para o andar térreo.

“Fui para uma sala no andar de baixo e esperei até que eles descessem, ainda discutindo e tecendo especulações, todos um tanto desapontados por não terem encontrado nenhuma cena de horror, e também um tanto indecisos sobre a legalidade do que tinham acabado de fazer. Então escapei de novo, dessa vez conduzindo uma caixa de fósforos, subi, ateei fogo ao monte de lixo que tinha preparado, coloquei o colchão e as cadeiras em cima das chamas, liguei a torneira do gás e apliquei a ela um tubo de borracha, cuja ponta aproximei do fogo. Despedindo-me daquele quarto, saí dali pela última vez.”

— Você incendiou a casa! — exclamou Kemp.

— Incendiei. Era a única maneira de destruir as pistas, e além do mais não duvido que estivesse no seguro. Abri os ferrolhos da porta da frente e saí para a rua. Eu era invisível e estava apenas começando a perceber a extraordinária vantagem da minha condição. Minha cabeça fervilhava de planos sobre as coisas mais ousadas e excitantes que eu agora poderia fazer impunemente.

Capítulo XXI

Em Oxford Street

— Ao descer as escadas pela primeira vez, experimentei alguma dificuldade, porque não conseguia avistar meus pés. Cheguei a tropeçar algumas vezes e tive uma surpreendente dificuldade em manusear o ferrolho. Passei a não olhar para baixo e assim consegui caminhar sem maiores problemas.

“Meu estado de espírito, como já disse, era de euforia. Senti-me como um homem dotado de visão se sentiria se pudesse cruzar, com roupas e sapatos silenciosos, uma cidade de cegos.¹² Tive impulsos de pregar peças, de assustar as pessoas, de dar tapas nas costas dos transeuntes, atirar para longe seus chapéus, tirar todo o partido possível daquela minha enorme superioridade.

“Porém, mal cheguei a Great Portland Street (minha moradia ficava próxima da grande loja de tecidos que existe ali), ouvi um entrechoque de metais e senti uma violenta pancada nas costas. Virando-me, vi um homem olhando espantado para a cesta de sifões de soda que carregava à sua frente. Embora o choque tivesse sido doloroso, havia algo tão irresistivelmente cômico na sua cara de perplexidade que não me contive e soltei uma gargalhada, dizendo: ‘O diabo está na cesta!’, e a arranquei das mãos do coitado. Ele a largou sem resistência, e eu ergui aquele pesado volume no ar.

“Nesse instante o imbecil de um cocheiro que estava próximo saltou para agarrar a cesta, e seus dedos estendidos me atingiram com força abaixo da orelha. Atirei a cesta sobre ele e percebi à minha volta gritos, um ruído de passos que se aproximavam, pessoas saindo das lojas, veículos que se detinham, e comecei a compreender a situação em que me metera. Amaldiçoando a mim mesmo, recuei até me encostar à janela de uma loja, pronto para cair fora daquela confusão. Um instante mais e eu me veria cercado, apertado no meio da multidão, e fatalmente descoberto. Forcei a passagem sobre um aprendiz de açougueiro à minha frente, o qual, felizmente, não se voltou para ver quem o empurrava, e me escondi por trás do coche de quatro rodas ali parado. Não sei no que resultou aquela alteração, porque fugi pelo meio da rua, que felizmente estava vazia, e, sem ter em mente nenhuma direção específica, movido apenas pelo medo de ser descoberto após aquele incidente, acabei mergulhando na multidão vespertina de Oxford Street.

“Tentei me misturar ao fluxo de pedestres, mas estava compacto demais para mim, e logo alguém pisou nos meus calcanhares. Segui pela sarjeta, mas o chão ali maltratava meus pés descalços, e sem demora a lateral de um fiacre esbarrou no meu ombro, aumentando a dor que eu já sentia. Cambaleei, afastando-me do veículo, e no instante seguinte desviei-me de um carrinho de criança com uma torção do corpo, e logo me vi atrás do fiacre. Uma ideia providencial veio me salvar: como o fiacre avançava a uma velocidade mediana, pus-me a caminhar colado a ele, trêmulo e assustado com toda aquela aventura. Não só trêmulo, mas com os dentes chacoalhando de frio. Era um dia luminoso de janeiro, e eu estava completamente nu; a fina camada de lama que cobria o chão da rua estava gelada. Por mais absurdo que me pareça agora, não tinha me ocorrido em momento algum que, transparente ou não, eu ainda estava vulnerável ao clima e a todas as suas consequências.

“Então, uma ideia brilhante me veio à mente. Rodeei o fiacre e entrei no seu interior. E assim,

tremendo de frio, assustado, com o nariz escorrendo nos primeiros sinais de um resfriado, e com o machucado nas costas me distraíndo cada vez mais, segui ao longo da Oxford Street até Tottenham Court Road. A essa altura, meu estado de espírito já era completamente diverso do de dez minutos antes. Boa coisa, ser invisível! Uma única ideia ocupava minha mente: o que fazer para sair dessa enrascada em que me metera.

“Quando passamos em frente à biblioteca Mudie’s, uma mulher alta, sobraçando uma meia dúzia de livros com etiquetas amarelas, entrou no fiacre, e pulei para fora pelo lado oposto, bem a tempo de evitá-la, quase sendo colhido por um veículo que passava. Segui na direção de Bloomsbury Square, com a intenção de rumar para o norte após o museu e alcançar um quarteirão mais sossegado. O frio agora me incomodava cruelmente, e a estranheza da minha situação me enervava tanto que não pude deixar de praguejar em voz alta enquanto corria. Na esquina norte da praça, um cachorrinho branco surgiu de dentro dos escritórios da Pharmaceutical Society, e partiu na minha direção, farejando.

“Eu nunca tinha pensado nisso antes, mas o focinho está para a mente de um cão assim como o olho está para a mente de um homem. Cachorros percebem o cheiro de um homem que passa assim como um ser humano percebe sua imagem. O animal começou a latir e a saltar, demonstrando de modo inequívoco que sabia da minha presença ali. Cruzei a Great Russell Street, olhando por sobre o ombro o tempo inteiro, e segui por algum tempo ao longo da Montague Street, antes de perceber para onde estava me encaminhando.

“Ouvi então uma música ensurdecadora e vi que uma multidão emergia da Russell Square, com blusas vermelhas e o emblema do Exército da Salvação. Eu não podia ter esperanças de varar um grupo tão compacto, que avançava cantando pela rua afora, por entre as vaias e os risos de mofa dos que estavam na calçada; sem querer retroceder sobre meus passos e assim me afastar ainda mais da minha área, tive o impulso de subir os degraus de uma casa fronteira ao Museu, e ali me abriguei enquanto a multidão passava cantando. Por sorte, o cachorro hesitou diante daquela turba e voltou para o lugar de onde viera.

“A banda passou à minha frente, cantando, numa ironia inconsciente, um hino qualquer que dizia *Quando veremos seu rosto?*, e pareceu-me um tempo interminável até que terminasse de desfilar calçada afora. Tum, tum, tum, ressoava o tambor, fazendo vibrar o chão, e, por alguns instantes, não dei atenção a dois garotos de rua que também tinham se detido ali naqueles degraus. ‘Olhe só’, disse um deles. ‘Olhe o quê?’, perguntou o outro. ‘Essas marcas, como as marcas dos pés na lama.’

“Olhei para baixo e vi que os garotos fitavam as marcas que meus pés descalços tinham deixado nos degraus muito limpos. Os passantes esbarravam neles e os empurravam, mas agora eles tinham sua atenção voltada para aquilo. A banda passava, ‘tum, tum, tum, quando veremos, tum, tum, tum, o seu rosto...’ Um deles falou: ‘Um homem descalço subiu esses degraus, tenho certeza. E não desceu. E o pé dele está sangrando.’

“A maior parte da multidão já tinha passado. ‘Olhe aqui, Teddy’, disse o mais jovem dos pequenos detetives, com a excitação da surpresa na voz, apontando. Abaixei a vista e percebi, no mesmo instante, que as manchas de lama desenhavam no ar os contornos dos meus pés. Fiquei paralisado por um instante.

“O mais velho disse: ‘Que coisa mais estranha. Muito estranha. Parecem uns pés fantasmas, não é?’ Ele hesitou um pouco, mas logo estendeu a mão para tocar-me. Um homem aproximou-se para ver do que eles falavam, e a seguir uma moça. Um instante mais, e ele teria me tocado. Vi logo o que tinha a fazer. Dei um passo de lado, o garoto soltou uma exclamação de surpresa, e com um movimento rápido saltei para o pórtico da casa ao lado. Mas o menino mais novo tinha o olho rápido e seguiu meus movimentos; antes que eu pudesse alcançar os degraus e chegar à calçada ele já se recuperara da surpresa e gritava que os pés tinham pulado por cima do muro.

“Todos correram naquela direção e viram minhas pegadas úmidas surgindo magicamente nos

degraus rumo à calçada. ‘O que está havendo?’, perguntou alguém. ‘Olhem! Pés! Pés correndo!’

“Todo mundo que estava na rua, com exceção dos meus três perseguidores, ia acompanhando o Exército da Salvação, e aquela massa servia de obstáculo não apenas para mim, mas para eles também. Rostos se voltavam, com expressões de surpresa e de interrogação. Abri caminho jogando para um lado um rapaz, e no momento seguinte estava rodeando a Russell Square em plena corrida, com seis ou sete pessoas perplexas acompanhando as minhas pegadas. Não havia tempo para explicações, ou toda aquela multidão viria no meu encalço.

“Dobrei duas esquinas, atravessei três ruas e voltei pelo caminho por onde viera. À medida que meus pés foram secando, as marcas desapareceram. Por fim detive-me para respirar e esfreguei os pés até limpá-los e ficar invisível novamente. Minha última visão dos meus perseguidores foi a de um grupo de uma dúzia de pessoas, talvez, examinando com infinita perplexidade uma pegada que resultara da minha passagem por uma poça de lama em Tavistock Square, uma pegada tão isolada e inexplicável quanto a que Robinson Crusoe descobrira na praia.

“Toda aquela corrida me aquecera, e foi com coragem renovada que me encaminhei através do labirinto de ruas pouco movimentadas que havia ali em volta. Minhas costas estavam tensas e doloridas, meu pescoço estava machucado pelos dedos do cocheiro, e a pele havia sido arranhada por suas unhas; meus pés doíam e um deles havia sofrido um corte. Percebi a tempo a aproximação de um cego e afastei-me coxeando, temendo a sua intuição. Por uma ou duas vezes esbarrei em pessoas e as deixei perplexas ao ouvir imprecações que pareciam surgir do ar. Então uma coisa silenciosa pousou suavemente no meu rosto, e vi que ao longo da praça caía um fino véu de flocos de neve. Eu já estava resfriado a essa altura, e, por mais que tentasse, já não conseguia evitar um espirro de vez em quando. E cada cachorro que surgia, com seu focinho erguido e cheio de curiosidade, me trazia um novo terror.

“Por fim cheguei a uma rua e vi homens e garotos correndo, e gritando uns para os outros. Estava acontecendo um incêndio. Todos corriam na direção do prédio onde eu tinha morado e, olhando para o fim da rua, vi uma massa de fumaça negra que se erguia por entre os tetos e os fios telefônicos. Era meu apartamento que ardia; minhas roupas, meus aparelhos, tudo que eu possuía, com exceção do meu talão de cheques e meus três livros de anotações, que estavam à minha espera em Great Portland Street. Tudo estava ardendo! Eu tinha queimado meus navios, se é que algum homem jamais o fez; todo o prédio estava envolto em chamas.”

O Homem Invisível fez uma pausa e ficou pensativo. Kemp olhou pela janela, inquieto.

— E então? — disse. — Continue!

Capítulo XXII

No empório

— E foi assim que em janeiro último, com uma tempestade de neve se formando sobre minha cabeça, e correndo o risco de ser denunciado caso a neve se acumulasse sobre mim!, exausto, enregelado, dolorido, esgotado além de qualquer medida e já duvidando do valor da minha invisibilidade, iniciei esta nova vida que tenho hoje. Eu não tinha um refúgio, não tinha posses materiais, não tinha um único ser humano em quem pudesse confiar. Revelar meu segredo a alguém serviria apenas para me expor publicamente, transformar-me num espetáculo, numa aberração. E ainda assim eu tinha a tentação de abordar um transeunte qualquer e me colocar à sua mercê; mas sabia de antemão o terror e a crueldade brutal que isto seria capaz de produzir. Eu não conseguia traçar um plano de ação, ali na rua. Meu único objetivo era abrigar-me da neve, conseguir roupas e um pouco de calor; então poderia pensar com calma. Mas mesmo para mim, um homem invisível, as casas de Londres estavam todas fechadas, trancadas, inacessíveis.

“Só havia uma coisa clara na minha mente — o terror de estar exposto ao frio e a uma tempestade de neve em plena noite.

“E então, tive uma ideia brilhante. Ao virar uma esquina no trajeto entre Gower Street e Tottenham Court Road, vi-me do lado de fora da Omniums,¹³ a grande loja onde se pode comprar de tudo. Você a conhece — carne, alimentos, tecidos, mobília, roupas, até mesmo pinturas a óleo. Uma enorme aglomeração de lojas no mesmo edifício, mais do que uma loja única. Pensei que as portas estivessem abertas, mas estavam fechadas, e me postei diante delas até que um homem de uniforme, usando um boné com o nome ‘Omniums’, as abriu para um cliente. Consegui esgueirar-me para dentro e saí a andar pela loja, através de uma seção onde se vendiam lenços, luvas, meias, esse tipo de coisas, até que cheguei a uma área mais espaçosa dedicada a cestas de piquenique e mobília de vime.

“Eu não me sentia em segurança ali, no entanto; havia muita gente circulando, e fiquei a vagar sem descanso até que alcancei um setor, num dos andares de cima, contendo uma grande quantidade de camas e uma pilha de colchões. Fui lá para cima e ali me instalei. O lugar era bem iluminado e agradavelmente aquecido, e decidi ficar por lá durante algum tempo, até a hora de fechar, sempre de olho nos funcionários e clientes que circulavam por perto. Pensei que depois disso poderia encontrar ali roupas e alimento, e depois de vestido circularia pelas lojas em busca do que me pudesse ser útil, e talvez até dormiria numa daquelas camas. Pareceu-me um bom plano. Minha ideia era reunir roupas até me transformar numa figura excessivamente agasalhada mas aceitável, depois conseguir algum dinheiro, retirar meus livros e pacotes no lugar onde estavam guardados, alugar uma nova moradia e traçar planos para aproveitar ao máximo as vantagens que minha invisibilidade me conferiam (assim eu ainda imaginava) sobre as outras pessoas.

“Daí a pouco a loja fechou; menos de uma hora depois que me acomodei sobre os colchões percebi que as persianas estavam sendo baixadas, e os clientes começaram a descer as escadas. Depois, um grupo de rapazes cheios de energia começou a arrumar todas as mercadorias que tinham sido tiradas do lugar, fazendo uma grande algazarra. Esperei que o lugar ficasse vazio, e comecei a percorrer os recantos mais afastados da loja. Fiquei admirado com a rapidez com que os funcionários arrumavam as mercadorias expostas durante o

dia. Todas as caixas de produtos, os tecidos pendurados, os festões e laços que enfeitavam as vitrines, as caixas de doces, as amostras, tudo ia sendo retirado, dobrado, guardado em caixas próprias para isso, enquanto o restante era coberto com grandes capas de um tecido grosso. Por fim, todas as cadeiras foram viradas de pernas para o ar em cima dos balcões, desocupando o piso. Assim que cada um daqueles rapazes ou daquelas moças encerrava sua parte nesse trabalho, partia rumo à saída com uma animação que eu raramente observei em balconistas do comércio. Depois veio outra leva de empregados espalhando serragem pelo chão e conduzindo baldes e esfregões. Tive que me esquivar deles, não antes de magoar meu tornozelo machucado com a serragem de madeira. Durante algum tempo, vagando por entre os balcões cobertos por capas, nos vários departamentos, com as luzes todas apagadas, ainda ouvi o barulho das vassouras e dos esfregões. E por fim, uma hora ou mais após o fechamento externo da loja, veio o ruído das portas sendo fechadas pela última vez. O silêncio tomou conta do lugar, e eu fiquei mais à vontade para passear por aquele vasto e intrincado labirinto de galerias e vitrines, totalmente só. Era um lugar muito sossegado; lembro-me de, a certa altura, ter passado perto de uma das saídas que davam para Tottenham Court Road e ouvir o ruído dos passos dos pedestres lá fora.

“Minha primeira visita foi à seção onde eu tinha visto luvas e meias. Estava muito escuro ali, e tive um trabalhão para achar uma caixa de fósforos, que acabei encontrando numa gaveta da mesa do caixa. Depois tive que buscar uma vela. Munido dela, comecei a rasgar embrulhos e remexer caixas e gavetas, até encontrar o que precisava, em caixas sob a etiqueta de ‘artigos de lã’. Recolhi meias, um grosso cachecol, e em seguida fui para o departamento ao lado, onde apanhei calças, um casaco, um sobretudo e um chapéu de abas moles, uma espécie de chapéu de clérigo, com a aba abaixada. Comecei a me sentir um ser humano novamente; e meu pensamento seguinte foi para a comida.

“No andar superior ficavam as lanchonetes, e ali encontrei um pouco de carne fria. O reservatório de café ainda tinha uma certa quantidade; acendi um fogão e o esquentei, e no cômputo geral fiz uma refeição aceitável. Depois saí à procura de lençóis, e tive de me contentar com uma pilha de cobertores. Na seção de doces, encontrei chocolates e frutas cristalizadas, o que era mais do que eu poderia esperar, além de um pouco de vinho branco. Mais adiante, na seção de brinquedos, tive uma ideia brilhante. Encontrei alguns narizes artificiais, narizes falsos, você sabe, e pensei em combiná-los com óculos escuros. Mas a Omniums não tinha seção de ótica. Meu nariz tinha sido até então um problema, e eu tinha pensado em pintá-lo. Mas aquela descoberta me levou a considerar a possibilidade de perucas, máscaras e coisas parecidas. Por fim, empilhei as mantas que recolhera e dormi sobre elas, muito aquecido e confortável.

“Meus últimos pensamentos antes de adormecer foram os mais agradáveis que tive desde a mudança. Entrei num estado de serenidade física, e isso se refletiu na minha mente. Considerei que na manhã seguinte conseguiria sair dali, vestido, sem despertar atenção, mascarando meu rosto com o cachecol; depois iria comprar, com o dinheiro que recolhera do caixa, um par de óculos, e completar assim o meu disfarce. Mergulhei em sonhos desconstruídos em que se misturavam todas as coisas fantásticas que me tinham acontecido nos últimos dias. Vi novamente o velho senhorio judeu vociferando à porta do meu quarto; vi o assombro de seus filhos, e vi o rosto encarquilhado da velha à procura do gato. Voltei a experimentar a estranha sensação de ver um pedaço de tecido desaparecer, e em seguida me vi parado numa encosta batida pelo vento em que um velho clérigo assoava o nariz e murmurava ‘da terra à terra, das cinzas às cinzas, do pó ao pó’ diante do túmulo aberto do meu pai.

“‘E tu também’, disse uma voz, e de súbito eu me senti empurrado para dentro da sepultura. Debatime, gritei, pedi socorro às pessoas que rezavam em volta, mas eles prosseguiram na cerimônia sem me dar atenção; o velho clérigo, também, continuava com sua cantilena e seu nariz escorrendo. Percebi que estava invisível e inaudível, e que forças avassaladoras tinham me subjugado. Lutei em vão, fui empurrado sobre a borda da tumba e tombei sobre o caixão vazio que se abria para mim, enquanto sentia pás de terra e

cascalho sendo jogadas sobre meu corpo. Ninguém me dava atenção, ninguém notava minha presença ali. Debatí-me convulsivamente e acabei acordando.

“A pálida manhã londrina começava a surgir. O lugar inteiro estava mergulhado numa luminosidade cinza e fria que se filtrava pelas frestas das cortinas e das persianas. Sentei-me e por alguns instantes não consegui identificar que lugar era aquele, com seus balcões, suas pilhas de mercadorias, aquele monte de cobertores e almofadas no chão, as pilastras de ferro. Então as lembranças do dia anterior emergiram, e ouvi vozes que conversavam ali perto.

“A certa distância, numa área mais iluminada onde as janelas já tinham sido abertas, dois homens se aproximavam. Pus-me de pé, olhei em redor à procura de algum caminho de fuga, e o meu próprio movimento de susto chamou a atenção dos dois sobre mim. Suponho que tudo que eles viram foi uma silhueta movendo-se depressa e desaparecendo. ‘Quem está aí?’, gritou um deles, e o outro: ‘Ei, você aí, pare!’ Rodeei uma divisória e praticamente me choquei de frente — um corpo sem cabeça, imagine só! — com um rapaz de uns quinze anos. Ele gritou e eu o derrubei, passei correndo por ele, virei outra esquina, e por uma feliz inspiração joguei-me embaixo de um balcão. Ouvi vozes gritando: ‘Corram todos para as portas!’, perguntando o que ‘aconteceu’ e trocando instruções sobre como me apanhar.

“Deitado ali no chão, senti-me tomar pelo pavor. Mas, por estranho que possa parecer, em nenhum momento me ocorreu desfazer-me das roupas, como poderia ter feito. Acho que já firmara em minha mente o propósito de sair dali vestido nelas, e não mudei mais de ideia. E então do lado oposto ao balcão ouviu-se o grito: ‘Lá está ele!’

“Levantei-me, agarrei uma cadeira e a arremessei na direção do imbecil que me avistara, saí correndo, virei outra esquina e esbarrei noutro sujeito que joguei para longe e corri para a escada. O homem ficou de pé, deu gritos de alerta e partiu no meu encalço. No alto da escadaria havia uma fileira daqueles vasos coloridos... como se chamam?”

— Potes artísticos — sugeriu Kemp.

— Apanhei um deles e o despedacei na cabeça do sujeito quando ele se aproximou. Empurrei o resto da pilha escada abaixo, e a essa altura eu já podia ouvir passos e gritos vindos de todos os lados ao mesmo tempo. Corri para a lanchonete, mas ali fui perseguido por um homem de branco, provavelmente um cozinheiro. Parti em outra direção e me vi no departamento de lâmpadas e ferragens. Oculti-me atrás de um balcão e fiquei à espera do cozinheiro, que era meu perseguidor mais próximo; quando surgiu, derrubei-o ao chão com uma pesada luminária. Escondi-me novamente atrás do balcão e só então comecei a me desfazer de minhas roupas o mais depressa que pude. Casaco, calças, sapatos, tudo aquilo saiu rapidamente, mas eu tinha colocado por baixo de tudo um agasalho de lã que se colava ao corpo como uma segunda pele. Ouvi mais gente chegando; o cozinheiro estava caído do outro lado do balcão, ou desacordado ou atônito demais para entrar em ação, e saí correndo dali como um coelho que sai de dentro de uma pilha de lenha.

“Guarda! Por aqui!”, ouvi uma voz gritar. Fui parar novamente na seção de camas e colchões, que ficava após uma verdadeira floresta de armários. Meti-me entre eles, oculti-me, e ali consegui com muito esforço me desvencilhar do meu agasalho. Era um homem livre novamente, arquejando, assustado, e foi assim que o policial e três funcionários me encontraram ao chegar ao local. Correram direto para as vestes jogadas no chão, e as ergueram. ‘Está se livrando do produto do roubo’, disse um deles. ‘Deve estar por aqui, em algum lugar.’

“Mas nenhum deles deu pela minha presença.

“Fiquei durante muito tempo observando as buscas que realizaram por toda a loja, enquanto praguejava minha má sorte em ter perdido minhas roupas. Voltei para a lanchonete, bebi um pouco de leite que encontrei ali e me sentei junto do aquecedor para considerar minha situação.

“Daí a pouco, dois assistentes sentaram-se perto de mim e ficaram comentando animadamente o ocorrido, falando como dois idiotas que eram. Ouvi um relato exagerado dos meus roubos e uma série de conjeturas sobre o modo como teria fugido. Então pus-me mais uma vez a fazer planos. Era impossível retirar qualquer material da loja, principalmente agora, quando todos estavam em estado de alerta máximo. Desci até o porão para ver se me seria possível preparar um pacote e remetê-lo para um endereço onde pudesse pegá-lo, mas não consegui entender o sistema de remessas usado pela loja. Por volta das onze da manhã, a neve já tinha derretido, o dia estava de céu limpo e um pouco mais quente do que a véspera. Concluí que o Omniums não me oferecia mais nenhuma chance e saí de novo para a rua, exasperado com meu fracasso, e ainda sem ter uma noção clara do que faria em seguida.”

Capítulo XXIII

Em Drury Lane

— A esta altura, Kemp — disse o Homem Invisível —, você deve estar percebendo as enormes desvantagens da minha condição. Eu não dispunha de um abrigo, de agasalhos. Vestir-me seria abdicar da única vantagem que me restava. Seria transformar a mim mesmo numa criatura estranha e assustadora. E eu não podia me alimentar, porque encher meu estômago de comida não assimilada seria uma maneira grotesca de tornar-me visível novamente.

— Não tinha pensado nisso — disse Kemp.

— Nem eu. E a neve tinha me alertado para outros perigos. Eu não poderia andar ao ar livre quando estivesse nevando, pois os flocos se acumulariam sobre mim, denunciando minha presença. A chuva também iria me cobrir com uma camada úmida, uma silhueta tridimensional de um homem como uma bolha reluzente. O mesmo quanto ao nevoeiro: eu me tornaria uma região vazia dentro dele, uma superfície em forma humana refletindo a luz. Ademais, quando caminhei nas ruas de Londres, no ar de Londres, partículas de poeira se acumularam na minha pele, e lama em torno dos meus pés. Eu não podia avaliar durante quanto tempo minha invisibilidade seria total, em tais condições. Mas reconheci que não duraria muito.

— Em Londres, estou certo que não.

— Perambulei até estar de volta aos pardieiros de Great Portland Street, e logo estava na rua onde tinha morado. Não me aproximei muito, para evitar a pequena multidão que se aglomerava diante das ruínas ainda fumegantes da casa. Meu problema mais urgente era conseguir roupas, e a questão de como disfarçar a ausência do meu rosto ainda me deixava enrascado. Então avistei numa daquelas lojas de miudezas — aquelas que vendem jornais, doces, brinquedos, papel, adornos de Natal, coisas desse tipo — um arranjo de máscaras e narizes postiços. Isso poderia resolver meu problema. Tive um vislumbre do que deveria fazer, e parti, agora numa direção certa, rodeando pessoas, evitando os trechos mais movimentados, pegando uma porção de ruas secundárias, rumo ao distrito do Strand, porque lembrava, embora sem ter uma ideia da localização exata, que por ali existiam várias lojas de adereços teatrais.

“O dia estava frio, com um vento cortante que se afunilava naquelas ruas rumo ao norte. Caminhei depressa para não ser ultrapassado. Atravessar uma rua era um perigo; a aproximação de qualquer transeunte me deixava em estado de alerta. Em Bedford Street, um homem mudou de direção bruscamente e esbarrou em mim, jogando-me no meio da rua, quase sob as rodas de um fiacre. Os cocheiros ali encostados, à espera, tiveram a impressão de que ele sofrera um ataque. Esse acidente me deixou tão nervoso que entrei no mercado de Covent Garden, fui para um recanto tranquilo numa barraca que vendia violetas, sentei-me e fiquei ali, ofegando e tremendo de frio. Descobri que tinha contraído um resfriado, e dali a pouco tive de ir embora, antes que meus espirros chamassem a atenção.

“Por fim alcancei o objetivo de minha jornada, uma pequena loja entregue às moscas, numa transversal tranquila da Drury Lane, com uma vitrine cheia de roupas lantejouladas, bijuterias, perucas, chinelos, fantasias de dominó e fotos de grupos teatrais. Era uma loja do tipo antiquado, teto baixo,

ambiente escuro, numa casa de quatro andares, sombria e lúgubre. Espiei pela vitrine e, não vendo ninguém lá dentro, arrisquei-me a entrar. O movimento da porta fez soar umas sinetas penduradas, e achei melhor deixá-la aberta; rodeei um cabide de roupas e me refugiei num canto, por trás de um grande espelho móvel. Por um ou dois minutos nada aconteceu, mas em seguida um homem surgiu lá de dentro.

“Meu plano a essa altura era bem claro. Eu tinha a intenção de me instalar na casa, ocultar-me em algum lugar nos andares de cima, aguardar uma oportunidade, e, quando tudo estivesse quieto, localizar peruca, máscara, óculos e roupas, e sair dali para o mundo exterior; talvez uma figura grotesca, mas em todo caso uma criatura apresentável. E, de passagem, poderia roubar algum dinheiro que descobrisse lá dentro.

“O homem que veio do interior da loja era baixo, magro, corcunda, com sobrancelhas espessas, braços longos, pernas curtas e abauladas. Aparentemente eu havia interrompido sua refeição. Ele entrou no aposento com uma atitude de expectativa que logo se transformou em surpresa e depois em raiva, quando não viu ninguém ali. ‘Malditos garotos!’, exclamou, e foi até a porta, olhando para a rua em ambas as direções. Logo voltou a entrar, fechou a porta desdenhosamente com o pé, e saiu resmungando, de volta aos fundos da loja.

“Apressei-me a segui-lo, mas devo ter feito algum barulho, porque ele se imobilizou de imediato. Fiz o mesmo, surpreso com a agudeza do seu ouvido. Ele passou para uma saleta interna e bateu a porta na minha cara. Fiquei sem saber o que fazer, mas daí a pouco voltei a ouvir seus passos, e a porta abriu-se de novo. Ele voltou à loja, com uma expressão pouco satisfeita no rosto. Murmurando algo consigo mesmo, examinou a parte de trás do balcão, olhou atrás de alguns móveis. Enquanto isso, tinha deixado aberta a porta de comunicação, e aproveitei-me disso para ter acesso à parte interna da loja.

“Era um aposento pequeno e esquisito, com pouca mobília e um grande número de máscaras penduradas num canto. Sobre uma mesa estava uma refeição pela metade, e você pode imaginar, Kemp, meu sofrimento ao sentir o aroma do café e ver o corcunda sentar novamente e retomar seu almoço. Além do que, suas maneiras à mesa eram ultrajantes. Aquele pequeno recinto tinha três portas. Das outras duas, uma levava ao andar de cima e outra ao porão, mas estavam ambas fechadas. Eu não podia sair enquanto o homem estivesse ali. Mal podia me mover, porque ele continuava alerta. Havia uma corrente de ar às minhas costas, e por duas vezes tive que sufocar um espirro.

“Todas aquelas sensações eram novas e cheias de curiosidade para mim, mas a verdade é que eu estava muito cansado e irritado quando o homem finalmente terminou de comer. Ele colocou numa bandeja de metal onde estava o bule de chá os restos da comida, prato, talheres, juntou as migalhas de pão espalhadas na toalha onde havia manchas de mostarda, e retirou-se levando tudo. O fato de estar com as mãos ocupadas o levou a não fechar a porta atrás de si, como provavelmente teria feito; nunca vi um indivíduo com tal mania de fechar portas. Desci atrás dele até uma cozinha cheia de utensílios sujos. Tive o prazer de vê-lo começar a lavar a louça, mas, não tendo mais o que fazer ali, e como o chão de tijolos estava gelado de encontro aos meus pés, voltei a subir a escada e sentei na cadeira que ele tinha ocupado, perto do fogo. Este estava quase extinto e, antes de pensar no que fazia, coloquei ali um pouco mais de carvão; aquele leve ruído foi o bastante para fazer o dono da loja subir imediatamente a escada e passar o ambiente em revista. Examinou tudo e por um instante esteve a ponto de esbarrar em mim. Mesmo depois de olhar por todos os cantos ele não se mostrou satisfeito; parou no umbral e ainda fez uma inspeção geral antes de descer.

“Esperei naquela saleta durante o que me pareceu um século, até que ele voltasse a subir e abrisse a porta que dava para o andar de cima. Mal consegui passar antes que ele a fechasse. Na escada, ele se deteve de repente, e quase esbarrei nas suas costas. Ele virou-se, olhou direto para o meu rosto e murmurou: ‘Eu seria capaz de jurar...’ Com dedos peludos, repuxava nervosamente o lábio inferior. Olhava a escada de cima a baixo. Então soltou um resmungo e voltou a subir.

“Sua mão mal tinha pousado na maçaneta da porta quando ele se deteve novamente com a mesma expressão de raiva e desconfiança no rosto. Ele começava a perceber os meus movimentos. Aquele sujeito devia ter uma audição diabolicamente aguda. De súbito ele teve uma explosão de raiva. ‘Se tem alguém aqui dentro desta casa...’, exclamou ele, soltando uma praga, e deixando a frase incompleta. Meteu a mão no bolso, mas pareceu não ter encontrado o que procurava, e, passando à minha frente, desceu as escadas ruidosamente. Dessa vez não o segui; sentei-me no patamar até que ele voltasse a subir. Quando o fez, vinha ainda resmungando. Abriu a porta que dava aparentemente para um quarto de dormir. Mas, antes que eu pudesse me aproximar, bateu-a na minha cara.

“Resolvi explorar o restante da casa, e levei algum tempo, porque tinha de fazê-lo com o mínimo de barulho possível. A casa era bastante antiga, malconservada, infestada de ratos; tão úmida que o papel de parede estava se despregando. Algumas maçanetas estavam emperradas e tive receio de forçá-las. Vários aposentos que inspecionei estavam vazios de móveis, e outros estavam atulhados de material cenográfico de teatro, aparentemente coisas que o lojista comprava de segunda mão. Num quarto vizinho ao dele encontrei uma porção de roupas velhas, e comecei a examiná-las. Na minha ansiedade, esqueci novamente o quanto aquele homem tinha um ouvido sensível. Ouvi passos furtivos no corredor e quando ergui os olhos eu o vi na porta, observando as roupas empilhadas no chão e empunhando um revólver de modelo antiquado. Fiquei totalmente imóvel enquanto ele olhava por todos os lados, boquiaberto e cheio de suspeitas. ‘Deve ter sido ela’, murmurou. ‘Ela que vá para o inferno!’

“Ele fechou a porta suavemente, e no instante seguinte ouvi a chave girar na fechadura, e seus passos se afastando. Percebi que estava trancado por fora, e por um instante não soube o que faria. Andei da porta para a janela e desta de volta à porta, desorientado. Um impulso de raiva tomou conta de mim, mas resolvi examinar melhor as roupas antes de tentar qualquer outra coisa. Na minha primeira tentativa, fiz uma pilha de vestimentas cair de uma prateleira alta, e esse ruído trouxe o homem de volta, mais ameaçador do que nunca. Dessa vez, ao entrar no quarto, ele tocou em mim, e saltou para trás espantado, olhando em volta, no meio do aposento.

“Finalmente ele se acalmou um pouco, e murmurou: ‘Ratos...’, num tom dubitativo, com os dedos pousados sobre a boca. Era evidente que estava começando a ficar com medo. Tentei sair do quarto sem ruído, mas uma tábua do assoalho estalou. Então o maldito corcunda saiu pela casa afora, de revólver em punho, trancando portas e escondendo chaves. Quando percebi o que ele estava fazendo, aí sim, tive um acesso de fúria. Até então eu mal tinha conseguido me controlar, à espera da minha oportunidade. Mas a essa altura eu já sabia que ele estava sozinho na casa, e então não perdi tempo, dei-lhe um golpe na cabeça.”

— Um golpe na cabeça! — exclamou Kemp.

— Sim, deixei-o tonto, quando ele estava indo para o porão. Peguei um tamborete de madeira e bati nele por trás. Ele rolou pela escada como um saco cheio de botas velhas.

— Mas, será possível? A noção mais básica de respeito humano...

— Olhe, Kemp, isso é algo que vale para as pessoas comuns. A questão é que eu precisava sair daquela casa devidamente disfarçado, e sem que ele me visse. Não pude pensar em outra maneira de fazê-lo. Tapei-lhe a boca com um colete Luís XIV e amarrei-o dentro de um lençol.

— Dentro de um lençol?!

— Fiz uma espécie de saco com ele dentro. Foi uma boa ideia para manter o imbecil amedrontado e quieto, e para que não saísse dali muito facilmente. Meu caro Kemp, de nada vai adiantar você ficar sentado aí e me olhando com esse rosto horrorizado, como se eu fosse um assassino. Era algo que eu tinha de fazer. O homem tinha um revólver. Se ele me tivesse visto...

— Mas mesmo assim! Estamos na Inglaterra, e nos dias de hoje! O homem estava em sua própria casa, e você estava... bem, estava ali para roubá-lo.

— Roubar? Ora, dane-se! Está me chamando de ladrão? Ora, Kemp, você não é bobo para ficar preso a esses conceitos antiquados. Será que não entende a minha situação?

— E a do homem também.

O Homem Invisível ficou de pé, bruscamente.

— O que quer dizer com isso?

O rosto de Kemp assumiu uma expressão dura. Ele abriu a boca para dizer algo mas mudou de ideia.

— Bem, suponho que isso tinha de ser feito — disse ele, já com outra atitude. — Você estava numa enrascada, mas, ainda assim...

— Claro que eu estava numa enrascada, e das mais sérias. E o sujeito me deixou louco, me caçando pela casa afora, de revólver em punho, abrindo e fechando portas... Era uma coisa de enlouquecer. Você não me culpa, não é? Não acha que fiz algo errado?

— Não costumo lançar culpa em quem quer que seja — disse Kemp. — É algo fora de moda. E depois disso, o que você fez?

— Eu estava faminto. Embaixo, encontrei um pão e um pouco de queijo rançoso, o que foi suficiente para aplacar minha fome. Bebi um pouco de água e também de conhaque, e voltei a subir, passando ao lado do meu “pacote”, que aliás estava bastante quieto. Fui ao quarto onde estavam as roupas velhas, e cuja janela dava para a rua, uma janela emoldurada por duas metades de uma cortina coberta de sujeira. Olhei para fora. Na rua era um dia claro, ensolarado, contrastando com o lugar sombrio em que eu me encontrava. Lá fora o tráfego era intenso: carroças carregadas de frutas ou de caixas, fiacres, carros conduzindo peixe para o mercado... Virei-me, com manchas coloridas dançando diante dos meus olhos, para a escuridão lá dentro. Minha excitação já dava lugar a uma preocupação bem clara sobre minhas perspectivas de sair dali. O quarto estava tomado por um odor muito leve de benzolina, que imaginei ser usada para limpar aquelas roupas.

“Comecei a vasculhar sistematicamente o local. Imaginei que o velho corcunda estava sozinho naquela casa já havia algum tempo. Ele era um personagem curioso. Comecei a amontoar naquele quarto das roupas todos os objetos que me poderiam ser úteis de alguma forma, para depois fazer uma seleção entre eles. Encontrei uma bolsa que me foi muito útil, com um pouco de pó, ruge e esparadrapo.

“Tinha pensado em cobrir meu rosto com pó e maquiagem, bem como quaisquer outras partes visíveis do meu corpo, mas a desvantagem desse método era que eu iria precisar de uma certa quantidade de terebintina e de um certo tempo para poder tornar-me invisível outra vez. Finalmente escolhi a máscara mais adequada possível, um rosto um tanto grotesco mas não mais do que o de muitos seres humanos; coloquei por cima dela óculos escuros, barbas falsas e uma peruca. Não encontrei roupas de baixo, mas isso eu poderia comprar mais tarde, e o melhor que pude fazer foi me enfiar em um traje de chita complementado por uma echarpe de casimira. Não encontrei meias, mas as botas do corcunda eram aproximadamente do meu tamanho e serviriam por enquanto. Numa gaveta da loja encontrei três soberanos e trinta xelins de prata, e num armário trancado que arrombei no quarto de dentro recolhi mais oito libras em ouro. Com isso, já estava equipado para sair de novo para o mundo.

“Então, comecei a hesitar. Será que eu tinha uma aparência aceitável? Olhei-me num pequeno espelho do quarto de dormir, observando-me de todos os ângulos em busca de alguma fresta no meu disfarce, mas tudo me pareceu em ordem. Achei que minha aparência era grotesca e teatral, como um mendigo numa peça, mas de modo algum uma impossibilidade física. Ganhando confiança, levei o espelho menor para a loja embaixo, cerrei as cortinas e me examinei de todos os ângulos com a ajuda do espelho maior.

“Esperei alguns minutos para ganhar coragem e, destrancando a porta da loja, saí para a rua,

deixando que o corcunda se livrasse do lençol quando bem entendesse. Em cinco minutos já tinha colocado uma dúzia de esquinas entre mim e a loja. Ninguém pareceu prestar atenção excessiva em mim. Minha última dificuldade parecia ter sido superada.”

Ele parou novamente.

— E você não voltou a perturbar o corcunda? — disse Kemp.

— Não — disse o Homem Invisível. — Nem voltei a ter notícias dele. Imagino que conseguiu se desamarrar e sair de dentro do lençol, embora os nós estivessem bem atados.

Ele ficou em silêncio e foi até a janela, espiando para fora.

— O que aconteceu quando você voltou a andar pelo Strand? — disse o doutor.

— Ah... mais uma decepção. Eu achava que meus problemas tinham terminado, e que eu agora estava livre para fazer o que quisesse, tudo, menos revelar o meu segredo. Pelo menos era esse o meu pensamento. Fizesse o que fizesse, as consequências não teriam importância. Eu precisaria apenas livrar-me das minhas roupas e sumir. Ninguém poderia me deter. Eu poderia apanhar qualquer dinheiro que visse. Decidi fazer uma bela refeição e depois me instalar num bom hotel, para poder começar a reunir um novo guarda-roupa. Sentia-me extraordinariamente confiante, e agora não é muito agradável lembrar como fui tolo. Sentei num restaurante e tinha acabado de pedir um almoço quando me ocorreu que eu não poderia comer sem expor o meu rosto invisível. Terminei de fazer meu pedido, disse ao garçom que voltaria em dez minutos, e saí dali, exasperado. Não sei se você já teve seu apetite frustrado dessa maneira.

— Não — disse Kemp — mas posso muito bem imaginar.

— Minha vontade era de arrebentar os imbecis que me atrapalhavam. Por fim, já caindo de fome e louco por uma refeição de verdade, entrei em outro restaurante e fui para um reservado. “Estou gravemente desfigurado”, expliquei. Eles me olharam com curiosidade, mas não era da conta deles, e por fim consegui fazer uma refeição. Não era das melhores mas me satisfez, e quando terminei fiquei fumando um charuto e tentando traçar uma linha de ação. Lá fora, a neve voltava a cair.

“Quanto mais eu pensava no assunto, Kemp, mais me convencia do absurdo de ser um homem invisível, num clima frio e sujo como aquele, e numa cidade grande e populosa como Londres. Antes de fazer aquela experiência maluca eu tinha pensado em mil vantagens; naquela tarde, só sentia desapontamento. Passei em revista todas as coisas que um homem pode desejar. Sem dúvida a invisibilidade me ajudaria a consegui-las, mas também tornaria impossível desfrutá-las. A ambição, por exemplo... de que adianta ocupar uma alta posição quando não se pode ser visto ali? O amor? De que serve o amor de uma mulher se cada uma delas pode se transformar numa Dalila? Nunca me interessei por política, pelas patifarias da fama, pela filantropia, pelo esporte. O que me restava fazer? Ali estava eu, um mistério enfaixado dos pés à cabeça, uma caricatura de homem coberto de ataduras!”

Ele fez uma pausa e lançou mais um olhar inquieto pela janela.

— Mas como veio parar em Iping? — perguntou Kemp, tentando fazer com que seu hóspede continuasse falando.

— Fui para lá a fim de trabalhar. Eu tinha uma única esperança. Era uma ideia incompleta, mas ainda está de pé, e agora a vejo em sua totalidade. Uma maneira de reverter o processo! De desfazer tudo que fiz, sempre que me der vontade, após ter feito o quiser, na condição de invisível. E é sobre isso que quero lhe falar agora.

— Você foi direto para Iping?

— Sim. Tive apenas que recolher meus três volumes de anotações, meu talão de cheques, minha bagagem com o restante das minhas roupas, encomendar uma boa quantidade de reagentes químicos para concretizar essa minha ideia — eu lhe mostrarei meus cálculos, assim que recuperar meus livros — e então pus-me a trabalhar. Por Deus! Ainda lembro aquela tempestade de neve, e o trabalho que me deu para

impedir que ela se acumulasse sobre meu nariz postiço.

— Mas no final — disse Kemp —, quero dizer, anteontem, quando eles o descobriram, você... bem... a julgar pelos jornais...

— Sim, fiz tudo aquilo. Será que matei aquele policial?

— Não — disse Kemp. — Dizem que ele vai se recuperar.

— É um homem de sorte, então. De fato eu perdi a cabeça, mas, com aqueles idiotas... Por que não me deixaram em paz? E o dono da tabacaria?

— Não há ninguém em estado grave — disse Kemp.

— E agora não tenho mais nenhuma pista daquele vagabundo que arranjei — disse o Homem Invisível, com um riso desagradável. — Meu Deus, Kemp, você não sabe o que é ficar furioso. Trabalhar durante anos, pesquisar, planejar, e depois ver um sujeito ignorante, pateta, atrapalhando seus planos! Parece até que todas as criaturas grosseiras do mundo foram enviadas para atravessar meu caminho! Se isso continuar, vou perder de vez o juízo e vou começar a passar por cima delas. Do jeito que as coisas estão, já me causaram problemas demais.

— Acredito que deve ser algo irritante — disse Kemp, secamente.

Capítulo XXIV

O plano que falhou

— Mas agora — disse Kemp, relanceando o olhar pela janela — o que vamos fazer?

Ele caminhou para junto do seu hóspede, colocando-se de maneira a que este não pudesse avistar os três homens que se aproximavam pela estrada — com uma lentidão insuportável, na opinião de Kemp.

— O que você estava pensando quando veio na direção de Port Burdock? — prosseguiu ele. — Tinha algum plano em mente?

— Pensava em deixar o país, mas mudei de ideia depois que o encontrei. Tinha pensado que seria mais prudente, agora que o clima está mais quente e posso explorar melhor minha invisibilidade, ir para o sul da Europa. Principalmente agora que meu segredo foi descoberto e todo mundo está à procura de um homem mascarado e agasalhado. Daqui deste porto, parte uma linha de navios a vapor para a França. Minha ideia era entrar num deles e correr o risco da viagem. Dali eu poderia ir de trem para a Espanha, ou até mesmo a Argélia. Não seria difícil. Ali, um homem pode ser invisível e viver em paz. E realizar alguma coisa. Eu estava usando aquele vagabundo como meu porta-moedas e carregador de bagagem, até poder decidir como meus livros e meus outros pertences me seriam remetidos.

— Parece bastante claro.

— E então o brutamontes resolve me roubar! Ele escondeu os meus livros, Kemp! Escondeu meus livros! Ah, se lhe ponho as mãos em cima...

— É melhor recuperar os livros primeiro.

— Mas onde ele está? Você tem ideia?

— Está na delegacia de polícia, trancado, a seu próprio pedido, na cela mais segura que eles têm.

— Diabos! — exclamou o Homem Invisível.

— Isso atrapalha um pouco os seus planos.

— Temos de reaver meus livros, esses livros são essenciais.

— Certamente — disse Kemp, um tanto nervoso, e imaginando se ouvira passos do lado de fora.

— Temos de mandar buscar esses livros, sem dúvida. Não deve ser difícil, se o sujeito não souber que eles se destinam a você.

— De fato — disse o Homem Invisível, pensativo.

Kemp tentou pensar em algo para manter a conversa fluindo, mas o Homem Invisível tomou a iniciativa.

— Quando entrei na sua casa, Kemp, isso mudou todos os meus planos. Você é um homem que pode me compreender. A despeito de tudo que aconteceu, de toda essa publicidade, da perda dos meus livros, de tudo que sofri, ainda tenho diante de mim grandes possibilidades, enormes possibilidades... — Ele se interrompeu bruscamente. — Você não disse a ninguém que eu estou aqui?!

Kemp hesitou e respondeu:

— Nem precisa perguntar.

— A ninguém? Tem certeza?

— Ninguém, absolutamente.

— Ah, bom. — O Homem Invisível ficou de pé, e com as mãos na cintura começou a andar pelo escritório. — Cometi um erro, Kemp, um grande erro, ao tentar conduzir essa empreitada sozinho. Desperdicei energia, tempo, oportunidades. Sozinho... É espantoso como um homem pode realizar poucas coisas quando está sozinho. Um furto aqui, uma agressão acolá, e isso é tudo.

“O que eu preciso, Kemp, é de alguém que cuide da retaguarda, um ajudante; e de um esconderijo seguro, um local onde eu possa dormir, comer, descansar em paz, sem despertar suspeitas. Preciso ter um sócio. Com um sócio, com alimentação e repouso... mil coisas se tornam possíveis.

“Até agora tenho feito tudo de improviso. Neste momento, o que precisamos é considerar tudo o que a invisibilidade proporciona, e tudo o que ela exclui. Por exemplo, ela acarreta muito poucas vantagens no que diz respeito a espionar outras pessoas, porque mesmo quando invisíveis produzimos sons. Ela ajuda muito pouco, só um pouquinho, a invadir uma casa. Se eu for apanhado numa situação assim, será fácil prender-me. Por outro lado, apanhar-me não é tão fácil assim. A invisibilidade só é fundamental em duas situações: para se aproximar de alguém e para fugir. Portanto, é muito útil para quem quer matar uma pessoa. Posso me aproximar de um homem, não importa a arma que ele tenha na mão, preparar meu ataque e abatê-lo do jeito que preferir. Posso esconder-me como quiser, fugir como quiser.”

Kemp alisava repetidamente o bigode. Será que tinha ouvido um barulho no andar de baixo?...

— E é para isso que tenho de me preparar, Kemp: para matar.

— Para matar — repetiu Kemp. — Estou ouvindo os seus planos, Griffin, mas veja bem, não concordo necessariamente com eles. *Por que* matar alguém?

— Não seriam mortes à-toa, mas execuções planejadas. A questão é: eles já sabem a esta altura da existência de um Homem Invisível. Pois este Homem Invisível, Kemp, precisa estabelecer agora um Reino do Terror. Vejo que isso lhe produz um choque. Mas estou falando sério. Um Reino do Terror. Ele deve se instalar numa cidade como Port Burdock, aterrorizá-la, dominá-la. Deve dar ordens. Pode fazer isso de mil maneiras diferentes... pedaços de papel enfiados por baixo das portas pode ser uma boa ideia. E ele deve matar todos os que desobedecerem a essas ordens e todos os que venham em defesa destes.

— Humpf! — exclamou Kemp, que já mal ouvia o que dizia Griffin, mas registrava o som da porta da frente abrindo e fechando. — Parece-me, Griffin, que o seu sócio iria ficar numa posição um tanto incômoda.

— Ninguém iria saber que ele tinha um sócio — disse o Homem Invisível, com segurança. E de repente: — Espere! Que barulho foi esse, lá embaixo?

— Não foi nada — disse Kemp, e começou a falar em voz mais alta e mais veemente. — Não concordo com isto que você propõe, Griffin, não concordo nem um pouco! Entenda bem, eu não estou de acordo. Por que esse sonho maluco de perseguir seus semelhantes? Que tipo de felicidade pessoal espera conquistar com isso? Não se transforme num lobo solitário. Publique suas pesquisas; trate o mundo, ou pelo menos este país, com confiança. Pense só no que você poderia conseguir, com milhões de pessoas ao seu lado...

O Homem Invisível o interrompeu, com o braço erguido.

— Tem alguém subindo a escada — disse ele.

— Absurdo — disse Kemp.

— Vejamos — disse o Homem Invisível, e avançou na direção da porta.

Foi tudo muito rápido. Kemp hesitou por um instante mas adiantou-se para interceptá-lo. O Homem Invisível teve um sobressalto e ficou imóvel.

— Traidor! — trovejou a Voz.

No mesmo instante o roupão se abriu e o Homem Invisível começou a se despir. Em três passos

rápidos Kemp chegou à porta, mas o Invisível — cujas pernas já tinham sumido — ficou de pé num salto. Kemp abriu a porta, enquanto já se ouvia no andar térreo o ruído de vozes e de passos apressados. Com um repelão, o doutor jogou o Homem Invisível para trás, saiu do escritório e bateu a porta. Havia deixado a chave do lado de fora, pronta para trancar o aposento. Mais um momento e Griffin estaria prisioneiro lá dentro, mas no seu nervosismo o doutor deixara a chave mal enfiada na fechadura; quando bateu a porta, ela caiu tilintando no piso. O rosto do doutor empalideceu, e ele agarrou a maçaneta com ambas as mãos. Durante um instante ele conseguiu imobilizá-la, mas logo ela foi forçada a girar e a porta se abriu uns centímetros. O doutor conseguiu fechá-la de novo, mas na segunda vez as mãos do outro lado a forçaram a abrir-se mais, e o braço do roupão se enfiou pela abertura. A garganta de Kemp foi agarrada por dedos invisíveis, e ele teve que largar a maçaneta para defender-se. Foi forçado a recuar, tropeçou e caiu pesadamente no chão, na extremidade do patamar. O roupão vazio foi arrancado e jogado sobre ele.

O coronel Adye, chefe de polícia de Burdock, a quem Kemp havia enviado o bilhete de alerta, já vinha subindo a escada e parou quando viu Kemp lutando sozinho diante da porta, caindo, e um roupão esvoaçando no ar. Viu o doutor cair e levantar-se quase imediatamente, e viu como voltou a cair de súbito, como um boi abatido.

E então o coronel sentiu uma pancada violenta vinda do nada, algo como um peso arremessado de encontro ao seu corpo, que o fez rolar escada abaixo, sentindo uma garra apertar-lhe a garganta e algo como um joelho acertando-lhe o baixo-ventre. Um pé invisível esmagou-lhe as costas, houve um ruído de passos fantasmagóricos, e ele ainda conseguiu ouvir os gritos dos dois policiais que deixara diante da porta da frente, que bateu com toda a força.

O coronel rolou sobre si mesmo e sentou no chão, olhando ao redor. Viu o doutor Kemp, que descia a escada cambaleando, o rosto pálido, a boca manchada de sangue, conduzindo nas mãos um roupão e algumas peças de roupa.

— Meu Deus! — exclamou o doutor. — Perdemos! Ele fugiu!

Capítulo XXV

A caça ao homem invisível

Por algum tempo Kemp foi incapaz de explicar a Adye, de forma coerente, o que tinha acabado de acontecer. Com as vestes deixadas por Griffin ainda no seu braço, ele conseguiu aos poucos explicar a situação ao coronel.

— Ele está louco — disse o doutor — e num estágio de completa desumanidade. É puro egoísmo. Não pensa em outra coisa senão no que lhe pode ser vantajoso, ou no que pode lhe dar segurança. Passei a manhã ouvindo uma história de egoísmo brutal. Ele feriu pessoas, e vai acabar matando alguém a menos que seja detido. Vai criar um pânico terrível por aqui. Nada pode impedi-lo. Está à solta... e furioso.

— Temos que apanhá-lo, não há dúvida — disse Adye.

— Mas como? — exclamou o doutor, que logo começou a sugerir ideias. — É preciso entrar logo em campo, coronel. O senhor deve convocar todos os homens à sua disposição, para evitar que ele fuja deste distrito. Se conseguir se afastar daqui, ele sairá pelo país afora, fazendo o que bem entender, matando, ferindo. Ele quer criar o Reino do Terror! Um Reino do Terror, é exatamente isso. É preciso dar o alarme nas estações de trem, nas estradas, nos portos. O exército pode ajudar. Telegrafe pedindo socorro. A única coisa que pode mantê-lo aqui nas redondezas é sua esperança de recuperar alguns livros de anotações que para eles são valiosíssimos. Posso garantir. Há um homem preso na chefatura de polícia... um tal de Marvel.

— Sei quem é — disse Adye. — E já ouvi falar sobre esses livros. Mas o tal vagabundo...

— O vagabundo diz que não está mais com os livros, mas Griffin acredita que sim. É preciso impedir que ele coma ou descanse; temos de colocar gente dando buscas dia e noite. Toda comida deve ficar trancada em segurança, tudo que puder servir de alimento, de modo que ele seja forçado a arrombar um local para obtê-la. As casas devem permanecer trancadas. Queira Deus que chova e que as noites sejam frias! Toda esta região deve sair à procura dele, Adye, esse homem é um perigo, é uma ameaça; a menos que ele seja encontrado e preso, causa medo pensar no que pode acontecer.

— E que outra coisa podemos fazer? — disse Adye. — Vou começar a organizar a caçada. Por que não vem comigo? Sim, sim, acompanhe-me. Temos que fazer uma espécie de conselho de guerra, chamar Hopps para que nos ajude, e o pessoal da ferrovia... Por Júpiter! É urgente. Vamos indo, e o senhor pode me contar o resto no caminho. O que mais podemos fazer? Largue aí essas roupas.

Adye conduziu o doutor até a porta da frente, onde os policiais olhavam em volta, atônitos.

— Ele conseguiu fugir, senhor — disse um deles.

— Vamos agora mesmo para a estação central — disse Adye. — Um de vocês vá chamar um carro. E agora, Kemp, o que mais podemos fazer?

— Cães — disse o médico. — Consiga cães. Não podemos vê-lo, mas eles podem farejá-lo. Arranje alguns cães.

— Muito bom — disse Adye. — Acho que não há muitos por aqui, mas os oficiais em Halstead conhecem um homem que tem cães farejadores. O que mais?

— Lembre-se de que as coisas que ele come aparecem — disse Kemp. — Enquanto não for

assimilada pelo organismo, a comida continua visível, de modo que depois de comer ele tem de se esconder. Devem dar uma busca geral, bater em cada arbusto, espiar cada recanto. E devem esconder todas as armas ou qualquer coisa que possa servir de arma; mas ele não pode conduzir algo assim por muito tempo. Tudo o que ele possa usar para ferir alguém deve ser mantido em lugar seguro.

— Muito bem — disse Adye. — Vamos apanhá-lo, pode acreditar.

— E nas estradas... — começou a dizer Kemp, e hesitou.

— O quê?

— Cacos de vidro. É cruel, eu sei, mas temos que pensar no perigo que ele representa.

Adye soltou um assobio baixo por entre os dentes.

— É uma falta de esportividade — disse. — Não sei... Em todo caso, pedirei a alguém para preparar. Se ele for longe demais...

— Ele não é humano, estou lhe dizendo — disse Kemp. — Tenho certeza de que vai mesmo criar um Reino do Terror, assim que se reorganizar após esta fuga. Nossa única chance é nos anteciparmos a ele. É uma criatura que entrou em guerra com sua própria espécie. Que o seu sangue recaia sobre sua própria cabeça.

Capítulo XXVI

O assassinato de Wicksteed

O Homem Invisível, ao que parece, fugiu da casa do dr. Kemp num estado da mais cega fúria. Uma criança que brincava nas proximidades do portão do doutor foi agarrada com violência e atirada a distância, tendo o tornozelo quebrado; e depois disso o Homem Invisível ficou durante algumas horas fora do alcance da percepção humana. Ninguém soube aonde ele foi, nem o que fez. Mas podemos imaginá-lo caminhando ao sol daquela manhã quente de junho, subindo a colina e depois descendo rumo ao descampado além de Port Burdock, vociferando sua raiva e seu desespero diante daquela fatalidade insuportável, e por fim buscando abrigo, exausto e coberto de suor, por entre os matagais de Hintondean, onde voltou a formular seus planos de guerra contra a humanidade. Este parece ter sido o local de refúgio mais provável que ele encontrou, porque foi ali que reapareceu da maneira mais trágica, por volta das duas horas daquela tarde.

Pode-se apenas imaginar qual seria seu estado de espírito durante aquele período, e que tipo de planos andou arquitetando. Não podia haver dúvida de que estava enfurecido, além de qualquer limite, pela traição do dr. Kemp, e embora possamos entender os motivos que levaram o médico a proceder assim, também podemos imaginar e compreender a fúria que tal fato produziu no Homem Invisível. Talvez ele tenha voltado a experimentar a mesma decepção arrasadora que lhe causou aquele seu primeiro passeio por Oxford Street; porque é fora de dúvida que ele contara como certa a adesão de Kemp ao seu plano brutal de dominar o mundo pelo medo. Em todo caso, ele desapareceu por volta do meio-dia e nenhuma testemunha pôde dar pistas do que ele fez até as duas e meia daquela tarde. Foi uma sorte para a humanidade, mas para ele esse intervalo de inatividade revelou-se fatal.

Durante esse período, uma multidão crescente de voluntários começou a se organizar e a se espalhar em buscas por toda aquela região. Até aquela manhã, o Homem Invisível tinha sido apenas uma lenda, um terror. À tarde, graças à proclamação feita em termos inequívocos pelo dr. Kemp, ele se tornava um antagonista tangível, alguém que deveria ser ferido, capturado ou abatido por qualquer meio, e a população começou a se organizar com rapidez espantosa. Por volta das duas da tarde ele ainda poderia ter se evadido daquela área por trem; dessa hora em diante, isso se tornou impossível. Todos os trens de passageiros ao longo das linhas do grande paralelogramo formado por Southampton, Manchester, Brighton e Horsham viajavam com as portas trancadas, e todo o tráfego de mercadorias tinha sido suspenso. E num grande círculo de trinta quilômetros em volta de Port Burdock, homens armados com rifles e porretes estavam se distribuindo em grupos de três ou quatro, acompanhados de cães farejadores, para vasculhar as estradas e os campos.

Policiais a cavalo percorriam as trilhas entre os povoados, detendo-se em cada pequena propriedade para avisar a todos que trancassem as portas e se mantivessem dentro de casa a menos que estivessem armados. Todas as escolas da região encerraram as aulas às três horas, e as crianças, assustadas e mantendo-se sempre em grupos, voltaram às pressas para casa. O alerta do dr. Kemp — assinado, é verdade, pelo Coronel Adye — estava pregado em postes e portas de todo o distrito entre as quatro e cinco da tarde. Ele resumia com clareza a natureza e as condições daquele combate e enfatizava a necessidade de privar o Homem

Invisível de sono e de alimentação, bem como de manter vigilância incessante para perceber qualquer indício de sua presença. Tão rápida e firme foi a ação das autoridades, e tão espontânea e universal era a crença naquela estranha criatura, que antes do anoitecer uma área de centenas de quilômetros quadrados se encontrava praticamente em estado de sítio. E, antes que escurecesse, um calafrio de horror se alastrou por todo o condado. Em cochichos passados nervosamente boca a boca, correu célere de ponta a ponta da região a notícia do assassinato do sr. Wicksteed.

Se é correta nossa suposição de que foram os matagais de Hintondean o refúgio do Homem Invisível naquele dia, então devemos supor que no começo da tarde ele arriscou-se a uma nova surtida, talvez com a intenção de apossar-se de algum tipo de arma. Não podemos mais saber os detalhes desse seu projeto, mas para mim é prova suficiente o fato de que antes mesmo de se deparar com o sr. Wicksteed ele já estava de barra de ferro em punho.

É evidente que não poderemos saber jamais os detalhes de como se deu aquele confronto. Ele ocorreu à entrada de uma mina de cascalho, a menos de duzentos metros dos portões do solar de Lord Burdock. Todos os sinais dão indícios de uma luta desesperada — o chão revolvido, os numerosos ferimentos infligidos ao sr. Wicksteed, sua bengala feita em pedaços; mas por que motivo ele foi atacado é difícil imaginar, a não ser que se considere um acesso de fúria homicida. Na verdade, a teoria que aponta para a loucura do criminoso é difícil de contradizer. O sr. Wicksteed era um homem de quarenta e cinco ou quarenta e seis anos, intendente de Lord Burdock, de aparência e hábitos inofensivos, a última pessoa no mundo que pensaria em desafiar tão formidável antagonista. Contra ele, o Homem Invisível usou uma barra de ferro arrancada de um pedaço partido da cerca. Ele abordou aquele pacífico senhor que estava indo para casa almoçar, atacou-o, destruiu seus frágeis meios de defesa, quebrou seu braço, derrubou-o ao chão, e reduziu sua cabeça a uma massa pastosa.

Era bem claro que ele devia ter arrancado a barra de ferro da grade antes de encontrar sua vítima; já devia estar trazendo-a consigo. Dois outros detalhes, apenas, merecem ser mencionados aqui com relação a este assunto. O primeiro é a circunstância de que a mina de cascalho não ficava situada no trajeto que o sr. Wicksteed percorria entre o solar e sua própria casa; na verdade, ficava a uns duzentos metros de distância. O outro é o testemunho de uma menina que, indo para a escola durante a tarde, avistou a vítima “trotando” de um modo peculiar no terreno que conduzia à mina. A pantomima feita por ela para ilustrar suas palavras sugeria um homem em perseguição de alguma coisa no chão à sua frente, tentando atingi-la com a bengala. Essa menina foi a última pessoa a ver o sr. Wicksteed com vida. O crime aconteceu já fora do seu campo de visão, oculto dos seus olhos por um pequeno bosque de árvores e uma depressão no terreno.

Bem; aos olhos deste redator, pelo menos, esses detalhes dão ao crime um perfil muito distante do crime gratuito. Podemos imaginar, sem dúvida, que Griffin recolheu a barra de ferro com a intenção de usá-la como instrumento, mas não necessariamente com o propósito de usá-la como arma. Wicksteed poderia estar passando casualmente por ali e ter notado a barra de ferro movendo-se inexplicavelmente no ar. Sem que lhe ocorresse a ideia de um homem invisível — já que Port Burdock fica a quinze quilômetros dali —, ele pode ter se aproximado do objeto; podemos mesmo supor que ele jamais tivesse ouvido falar do Homem Invisível. Podemos imaginar que o Homem Invisível tentava afastar-se dali, para evitar que sua presença naquelas redondezas fosse descoberta, e que Wicksteed, excitado e curioso, tenha ido em perseguição daquele objeto que parecia mover-se sozinho, e até mesmo tentado tocar nele com sua bengala.

É claro que em circunstâncias normais o Homem Invisível poderia ter facilmente deixado para trás um perseguidor mais idoso, mas a posição em que o corpo de Wicksteed foi encontrado sugere que ele teve a má sorte de encurralar o fugitivo num recanto entre um arbusto espinhoso e a entrada do poço da mina. Para os que já conhecem o temperamento raivoso do Homem Invisível, o desfecho dessa situação é fácil de conceber.

Mas tudo isso não passa de hipótese. Os únicos fatos indiscutíveis — porque mesmo o testemunho de uma criança pode às vezes não ser totalmente confiável — são a descoberta do corpo de Wicksteed, espancado até a morte, e a barra de ferro, manchada de sangue, jogada entre os espinhos. O fato de Griffin ter largado ali a barra sugere que, no tumulto emocional produzido pelo crime, o propósito para o qual ele a recolhera — supondo que houvesse um — foi deixado de lado. Ele era sem dúvida um indivíduo imensamente egoísta e insensível, mas a visão de sua vítima, sua primeira vítima, ensanguentada aos seus pés, pode ter lhe despertado uma onda de remorsos que por algum tempo fez submergir quaisquer planos de ação que ele tivesse em mente.

Após o assassinato do sr. Wicksteed, tudo indica que o criminoso fugiu pelo campo na direção da baixada próxima. Há relatos de que uma voz foi ouvida, já no fim da tarde, por dois homens que trabalhavam num campo próximo de Fern Bottom. A voz gemia e gargalhava, soluçava, grunhia e, de vez em quando, soltava gritos inarticulados. Atravessou um campo de trevo e sumiu na direção das colinas.

Naquela tarde, o Homem Invisível deve ter percebido o rápido uso que o dr. Kemp fez das suas confidências. Deve ter encontrado todas as casas trancadas com segurança; deve ter vagueado nos arredores das estações de trem e das tavernas, e sem dúvida deve ter lido os cartazes ali afixados, e compreendido a dimensão da campanha movida contra ele. À medida que a tarde ia avançando, os campos iam sendo invadidos por grupos de homens, aos três ou quatro, por entre os latidos dos cães. Todos tinham sido instruídos a dar apoio instantâneo a qualquer dos grupos que localizasse o fugitivo. Mas este conseguiu manter-se a distância. Podemos imaginar sua exasperação ao compreender que ele próprio fornecera as informações que agora estavam sendo usadas para persegui-lo. Naquele dia ele fraquejou; e por vinte e quatro horas, salvo quando agrediu Wicksteed, ele foi um homem caçado. Durante a noite deve ter dormido e se alimentado de alguma forma, porque na manhã seguinte deu mostras de estar recuperado, ativo, forte, raivoso e maligno, pronto para desfechar seu derradeiro ataque contra o mundo.

Capítulo XXVII

O cerco à casa de Kemp

O dr. Kemp estava lendo uma estranha carta, escrita a lápis num pedaço sujo de papel.

“Você se mostrou incrivelmente hábil e cheio de energia”, dizia a carta, “embora eu não possa imaginar o que tem a ganhar com isso. Você se tornou meu inimigo. Caçou-me durante um dia inteiro, tentou me privar até de uma noite de descanso. Mas eu consegui me alimentar, apesar de você, consegui dormir, apesar de você, e o nosso jogo está apenas começando. Não me resta saída senão iniciar o Reino do Terror. Esta carta proclama o primeiro dia do Terror. Port Burdock não está mais sob as ordens da Rainha. Diga isto ao chefe de polícia e a todos os outros: Port Burdock está sob minhas ordens, e eu sou o Terror. Hoje é o primeiro dia do ano 1 da nova era, a Era do Homem Invisível. Eu sou o Invisível Primeiro! A nova lei é fácil de entender. No primeiro dia haverá uma execução para servir de exemplo, a de um homem chamado Kemp. A morte dele começa agora. Ele pode se trancar, se esconder, cercar-se de guardas, vestir uma armadura, se quiser — mas a Morte, a Morte invisível, está se aproximando. Ele que tome as precauções que quiser, para impressionar as pessoas. A Morte dele começa hoje ao meio-dia, na sua caixa de correspondência, no momento em que o carteiro depositar ali esta carta. O jogo começou! A Morte está a caminho. Aviso a todas as pessoas que não tentem ajudá-lo, porque a Morte poderá levá-los também. Kemp morrerá hoje.”

O doutor leu a carta duas vezes.

— Não é falsa — murmurou. — É a voz dele próprio, sem dúvida. E fala sério.

Ele revirou o envelope; estava com o carimbo do correio de Hintondean, e com a anotação prosaica: “A cobrar — 2 *pence*.”

Ele ergueu-se, deixando o almoço pela metade — a carta chegara pelo carteiro da uma da tarde — e foi para o escritório. Tocou chamando a criada, e disse-lhe que fizesse uma revista imediata em toda a casa, trancando todas as janelas, portas e persianas. Ele próprio trancou a janela do escritório. De uma gaveta trancada que tinha no quarto de dormir retirou um pequeno revólver, examinou-o com cuidado, e guardou-o no bolso do casaco. Escreveu alguns bilhetes, um deles para o Coronel Adye, e pediu à criada que fosse levá-los, dando instruções explícitas sobre a maneira de sair de casa.

— Não há perigo — disse, e completou mentalmente: “Para a senhora.” Ficou pensativo por um bom tempo, e por fim retomou a refeição interrompida.

Comeu fazendo longas paradas para pensar, e por fim bateu com a mão na mesa.

— Pois então vamos pegá-lo — exclamou. — Eu serei a isca. E ele vai passar do limite.

Foi até o belvedere, fechando com cuidado todas as portas por trás de si.

— É um jogo — murmurou. — Um jogo estranho, mas as chances estão todas do meu lado, sr. Griffin, apesar de sua invisibilidade. Griffin contra o mundo... Uma bela vingança. — Ficou parado junto à janela, examinando o campo lá fora. — Ele precisa comer todos os dias, e não invejo sua situação. Terá mesmo dormido na noite passada? Ao ar livre? Ao abrigo de um encontro casual? Seria bom que tivéssemos mau tempo e não este calor. Ele pode estar me observando agora...

Chegou mais perto da janela. Alguma coisa chocou-se com o caixilho da janela, por cima de sua cabeça, fazendo-o recuar às pressas.

— Estou ficando nervoso... Deve ter sido um pardal.

Mas passaram-se uns cinco minutos até que ele fosse à janela novamente. Quando a campainha tocou, ele desceu às pressas, destrancou a porta, colocou a corrente de segurança e entreabriu uma fresta, até que ouviu uma voz familiar; era Adye.

— Sua criada foi atacada, Kemp — disse ele.

— O quê?!

— Os bilhetes que ela levava foram-lhe arrancados. Ele está aqui por perto. Deixe-me entrar.

Kemp soltou a corrente e Adye esgueirou-se para dentro, através do mínimo de abertura possível. Uma vez no saguão, olhou com enorme alívio o dr. Kemp trancando de novo a porta.

— Os bilhetes foram arrancados da mão dela — disse. — Ficou assustadíssima. Está lá na delegacia, histérica. E *ele* anda por perto. Qual o assunto dos bilhetes?

Kemp soltou uma praga.

— Como fui idiota. Devia ter previsto. De Hintondean até aqui é apenas uma hora de caminhada. Está pronto?

— Para quê?

— Venha ver. — Kemp conduziu o coronel até a sala e mostrou-lhe a carta do Homem Invisível. Adye soltou um assobio.

— E o que fez? — perguntou.

— Sugerir que preparássemos uma armadilha — disse Kemp. — E, como um idiota, mandei a proposta pela minha criada. Diretamente para as mãos dele.

Adye repetiu o mesmo xingamento do doutor.

— Ele vai sumir — disse.

— Ele, não — disse Kemp.

Um estrépito de vidros despedaçados veio do andar de cima, e Adye teve o vislumbre de um revólver na mão que Kemp mantinha enfiada no bolso.

— É uma das janelas de cima — disse Kemp, e seguiu na frente. Enquanto ainda estavam na escada, ouviu-se um barulho igual ao primeiro. Quando entraram no escritório, encontraram duas das janelas espatifadas, com cacos de vidro espalhados por todo o aposento; havia um pesado seixo caído em cima da escrivaninha. Os dois homens pararam no umbral da porta, avaliando os estragos. Kemp murmurou uma impreciação e nesse mesmo instante a terceira janela estilhaçou-se ruidosamente, oscilou e desabou em fragmentos de vidro sobre o tapete.

— O que diabo ele quer? — perguntou Adye.

— Isso é apenas o começo — disse Kemp.

— Não há como subir até essas janelas?

— Nem mesmo um gato.

— E as persianas?

— Aqui não tem nenhuma. Só nos aposentos de baixo.

Ouviu-se novo barulho, no andar imediatamente abaixo, como de uma porta de madeira sendo golpeada.

— Maldito seja — disse Kemp. — Isso deve ser... sim, é um dos quartos. Ele vai atacar a casa inteira. Mas é um maluco. As persianas estão trancadas, e o vidro vai cair do lado de fora. Vai acabar cortando os pés.

Outra janela proclamou a própria destruição. Os dois homens continuaram perplexos, parados no

patamar.

— Já sei — disse Adye. — Dê-me um bastão ou algo parecido. Vou até a delegacia e trago os cachorros. Isso vai dar um jeito nele! É coisa rápida, uns dez minutos...

Outra janela seguiu o caminho das anteriores.

— Não tem um revólver? — perguntou Adye.

Kemp enfiou a mão no bolso, e hesitou.

— Não, ou pelo menos só tenho este.

— Eu o trarei de volta — disse Adye. — Você está seguro aqui.

Kemp, constrangido por ter vacilado, estendeu-lhe a arma.

— Agora vamos até a porta — disse Adye.

Quando estavam no saguão, ouviram uma das janelas do primeiro andar sendo arrebentada. Kemp foi até a porta e começou a correr os ferrolhos sem fazer barulho. Seu rosto estava um pouco mais pálido que o usual.

— Saia logo — disse ele.

Um instante depois Adye estava do lado de fora e os ferrolhos voltavam a ser trancados. Ele hesitou um instante, sentindo-se menos confortável do que quando estava protegido pela porta. Depois que saiu, desceu os degraus, firme e empertigado, cruzou o jardim e aproximou-se do portão. Uma brisa ligeira pareceu passar por sobre a relva. Algo se movia perto dele.

— Pare aí — disse uma Voz. Adye imobilizou-se, e sua mão apertou mais forte o cabo do revólver.

— O que disse?... — perguntou, pálido, tenso.

— Faça-me o favor de voltar para a casa — disse a Voz, igualmente cheia de tensão.

— Sinto muito — disse Adye, com voz rouca, e umedeceu os lábios com a língua. A Voz vinha pouco da esquerda, pensou. E se arriscasse um tiro?

— O que está pensando? — disse a Voz.

Houve um movimento brusco, e o sol se refletiu em algo metálico à beira do bolso do coronel, que disse devagar:

— O lugar para onde vou é um assunto meu.

As palavras ainda estavam saindo de sua boca quando ele sentiu um braço rodear-lhe o pescoço e um joelho pressionar suas costas, arrastando-o para trás. Ele conseguiu puxar a arma e atirou às cegas, desajeitadamente. Um instante depois foi atingido na boca, e o revólver foi arrebatado de sua mão. Ele agarrou o que lhe pareceu uma perna escorregadia, mas não conseguiu firmar os dedos, e acabou caindo.

— Maldição! — exclamou.

A Voz soltou uma risada.

— Eu poderia matá-lo agora, mas seria desperdiçar uma bala — disse.

Adye viu o revólver parado no ar, dois metros à sua frente, apontado para ele.

— Bem?... — disse, sentando no chão.

— Levante-se — ordenou a Voz. Ele obedeceu. — Preste atenção. Não tente nenhum truque. Lembre-se de que eu posso vê-lo mas você não me vê. Agora volte para a casa.

— Ele não vai me deixar entrar — disse Adye.

— É uma pena — disse o Homem Invisível. — Meu acerto de contas não é com você.

Adye passou novamente a língua pelos lábios secos. Por trás do cano do revólver, ele podia ver ao longe o mar de um azul profundo sob o sol do meio-dia, o relvado verde e macio, as falésias brancas e a cidade que se espalhava para todos os lados; de repente ele pensou que a vida era uma coisa muito preciosa. Seus olhos voltaram a se fixar naquele objeto de metal suspenso entre o céu e a terra, dois metros à sua frente.

— O que tenho de fazer? — perguntou.

— O que pode fazer? — tornou o Homem Invisível. — Se você continuar vai trazer ajuda. Precisa voltar para a casa.

— Posso tentar. Se ele me deixar entrar, promete não invadir?

— Meu problema não é com você — disse a Voz.

Kemp havia subido para o andar de cima, depois da saída do coronel, e agora, agachado por entre os cacos de vidro, espiou por cima do peitoril da janela e viu Adye de pé, conversando com o Nada. “Por que não atira logo?”, murmurou consigo mesmo. Então o sol refletiu em algo metálico; ele protegeu os olhos e viu o revólver suspenso no ar.

— Ora, vejam — disse. — Adye entregou a arma!

— Prometa não forçar a entrada — estava dizendo o coronel. — Não force a mão num jogo em que já está em vantagem. Dê uma chance àquele homem.

— Você vai voltar para a casa. E não tenho nada para lhe prometer.

Adye tomou uma decisão súbita. Virou-se e começou a caminhar na direção da casa, com as mãos para trás. Kemp, perplexo, ficou observando; o revólver, um pequeno objeto avançando no ar, ora era visível ora invisível por trás do coronel. Então algo sucedeu, muito rápido. Adye deu um salto para trás, e um bote para agarrar o revólver, mas errou, e o dr. Kemp percebeu apenas uma fumaça azulada que brotava do ar e o coronel caindo de bruços. Não se ouviu o som do tiro. Adye ainda se contorceu, tentou erguer-se apoiado num cotovelo, mas voltou a tombar e ficou imóvel.

Por algum tempo Kemp ficou observando a imobilidade quase descuidada do corpo do coronel. A tarde era quente e tranquila, nada no mundo parecia estar se mexendo, salvo um par de borboletas amarelas que se perseguiam nos arbustos entre a casa e o portão. Adye estava caído a pouca distância do local. As casas que se avistavam dali estavam todas com as persianas cerradas, mas perto de uma delas via-se uma estufa onde uma silhueta de cabelos brancos parecia ser um homem adormecido. Kemp examinou todo aquele cenário em busca do revólver, mas ele desaparecera. Seus olhos voltaram para o corpo de Adye. Bom começo de jogo estava sendo aquele!

Ouviu-se então o som da campainha e de batidas na porta, cada vez mais ruidosas, mas segundo as instruções do doutor os criados haviam se trancado em seus aposentos. Depois, fez-se o silêncio. Kemp esperou, ficou sentado, então ergueu-se e foi espreitar por cada uma das três janelas. Depois saiu para o patamar da escada e ficou à escuta, inquieto. Foi buscar no quarto de dormir um atizador de ferro, e fez mais uma rodada pelas janelas do andar térreo, conferindo se estavam bem fechadas. Tudo parecia seguro e quieto. Ele voltou para o belvedere. Adye continuava caído na relva, na beira da alameda onde tinha sido derrubado. Ao longe, na estrada para o povoado, ele viu sua criada aproximando-se, escoltada por dois policiais.

Havia uma calma mortal perpassando tudo aquilo. As três pessoas na estrada caminhavam muito devagar. Kemp tentou imaginar o que seu antagonista estaria fazendo.

Nisso ouviu-se um estrondo continuado no andar de baixo. Kemp hesitou mas voltou a descer. A casa inteira estremecia com violentos golpes e barulho de madeira estilhaçando-se. Kemp ouviu o barulho de algo que se partia e o clangor de metal contra o metal das persianas. Ele girou a chave e abriu a porta que dava para a cozinha. Ao fazê-lo, fragmentos de vidro e de madeira saltaram na sua direção. A moldura da janela ainda estava inteira, salvo por uma das barras, mas todos os painéis de vidro tinham sido arrebatados. As persianas tinham sido botadas abaixo com um machado, que agora descia em golpes vigorosos sobre a moldura da janela, cujas barras ainda se aguentavam precariamente. De súbito o machado desapareceu. Kemp viu o revólver lá fora, pousado no chão, erguer-se subitamente no ar, e recuou para se proteger. O disparo veio tarde demais, e lascas da madeira da porta passaram por cima da cabeça do doutor.

Ele bateu a porta e trancou-a por fora, e ao fazê-lo ouviu a voz de Griffin do lado de fora, gargalhando e soltando gritos. E começaram as machadadas e o ruído da janela sendo demolida.

Kemp deteve-se no corredor, tentando organizar as ideias. Daí a alguns instantes o Homem Invisível estaria dentro da cozinha. Aquela porta não o deteria por muito tempo, e...

A campainha da porta tocou; deviam ser os policiais. Ele correu para o saguão, pôs a corrente da porta, e correu os ferrolhos. Exigiu que a criada falasse antes de abrir a porta, e os três entraram às pressas, tropeçando uns nos outros, e Kemp voltou a trancar a porta.

— O Homem Invisível! — disse ele. — Ele está com um revólver, e restam-lhe duas balas. Matou Adye. Ou pelo menos o derrubou com um tiro. Vocês o viram no jardim? Ele está lá.

— Quem? — perguntou um dos policiais.

— Adye — disse Kemp.

— Viemos pelo outro lado — disse a criada.

— Que barulho é esse? — perguntou o outro policial.

— Ele está na cozinha, ou vai estar lá daqui a pouco. Encontrou um machado.

E de repente a casa se encheu com o som das machadadas violentas do Homem Invisível na porta da cozinha. A criada começou a tremer e refugiou-se na sala de jantar. Kemp explicou tudo rapidamente, em frases entrecortadas, enquanto eles ouviam a porta cedendo de vez.

— Por aqui — disse o doutor, subitamente enérgico, empurrando os policiais para a porta da sala de jantar. — Os atizadores!

Ele correu para a lareira e apanhou um atizador, entregando-o a um dos policiais, e ao outro o que trouxera do andar de cima. Um deles soltou uma exclamação e usou o atizador, providencialmente, para aparar um golpe desferido pelo machado que se erguia em pleno ar. O revólver disparou sua penúltima bala, estragando uma valiosa tela de Sidney Cooper que ornamentava a parede da sala. O segundo policial desferiu um vigoroso golpe de atizador na arma, como quem esmaga uma vespa, e a fez cair a distância, rolando pelo chão.

Logo no primeiro golpe a criada começou a gritar, refugiou-se junto à lareira, e, ainda gritando, correu para abrir as persianas, talvez com a intenção de escapar pela janela semiarrombada.

O machado recuou alguns passos, e abaixou-se a uma altura de meio metro. Os três homens podiam ouvir a respiração arquejante do Homem Invisível.

— Afastem-se, vocês dois — disse ele. — Eu quero Kemp.

— E nós queremos você — disse o primeiro policial, avançando com firmeza e desferindo um golpe violento na direção da Voz. O Homem Invisível pareceu recuar, porque um porta-guarda-chuvas logo atrás foi ao chão. Enquanto o policial cambaleava pelo impulso do golpe, o Homem Invisível contra-atacou com o machado, o elmo metálico afundou-se como se fosse de papel, e o homem foi atirado a distância, ao pé da escadaria. Mas o segundo policial, mirando um pouco mais atrás do machado, acertou algo mole com seu atizador, que cedeu. Houve um grito de dor e o machado tombou ao chão. O homem desferiu outro golpe, que cortou o ar sem nada atingir; ele pisou com força no machado caído, e mais uma vez girou fortemente o atizador, e ficou em guarda, a arma erguida, pronto para atacar de novo.

Ele ouviu a janela da sala de jantar sendo aberta, e um rumor apressado de passos. Seu companheiro sentou-se no chão com dificuldade, o sangue escorrendo pelo rosto, e perguntou:

— Onde está ele?

— Não sei. Acertei nele, deve estar aí em alguma parte do saguão. A não ser que tenha passado por você. Dr. Kemp! — O policial esperou, e repetiu o chamado: — Dr. Kemp!

O outro policial levantou-se, ficou de pé, e nesse instante ouviu-se o ruído abafado de pés descalços na direção da cozinha.

— Aqui! — gritou ele, e vibrou um golpe com o atizador, despedaçando um candeeiro a gás. Fez menção de perseguir o Homem Invisível, mas mudou de ideia e foi até a sala de jantar.

— Dr. Kemp! — chamou ele, e deteve-se. Então murmurou: — O dr. Kemp é um verdadeiro herói.

O outro aproximou-se e olhou por cima do seu ombro. A janela da sala de jantar estava escancarada, e não havia sinal da criada nem do dr. Kemp.

O segundo policial emitiu uma opinião vívida e sincera sobre o dr. Kemp.

Capítulo XXVIII

O caçador caçado

O sr. Heelas, o vizinho mais próximo do dr. Kemp entre os proprietários de *villas* nas redondezas, estava adormecido na estufa de plantas, à certa distância de sua casa, quando teve início o cerco à casa do doutor. O sr. Heelas pertencia àquela minoria obstinada que se recusava a acreditar “em todo aquele absurdo” sobre um homem invisível. Sua esposa, entretanto, acreditava, fato de que ele iria ser lembrado em breve. Ele teimava em caminhar pelo jardim como se nada estivesse acontecendo, e, durante a tarde, deitou-se para fazer a sesta, como fazia havia anos. Quando as janelas do doutor foram destruídas, ele estava em pleno sono; mas quando despertou foi tomado pela estranha sensação de que havia algo errado. Olhou para a casa de Kemp, esfregou os olhos, olhou de novo. Então firmou os pés no chão e ficou à escuta. Murmurou pedindo que diabos o levassem, mas aquela imagem estranha continuou visível. A casa de Kemp tinha a aparência de estar abandonada havia semanas, e depois de um combate violento. Todas as janelas estavam quebradas, e todas elas, salvo as do belvedere, estavam com as persianas internas fechadas.

— Eu seria capaz de jurar — murmurou ele, olhando o relógio — que estava tudo normal há menos de vinte minutos.

Então ele percebeu um som de pancadas e de vidro se despedaçando a distância. E ficou boquiaberto ao se deparar com uma visão ainda mais extraordinária. As persianas da sala foram abertas com violência e ali surgiu a criada do dr. Kemp, vestida para sair, lutando para abrir os postigos e sendo ajudada pelo doutor Kemp em pessoa! Um instante depois, a janela era escancarada e a criada forçava-se a passar por ela, caindo do lado de fora e saindo a correr por entre os arbustos. O sr. Heelas ficou de pé, soltando uma vaga exclamação de espanto diante desse fato inusitado, e logo viu o próprio Kemp subir no peitoril, pular para fora, e reaparecer um instante depois correndo ao longo de um renque de arbustos, e correndo encurvado, como alguém que quer evitar ser visto. Logo ele sumiu por trás de uma moita de laburno, para reaparecer depois escalando uma cerca que dava para o descampado. Bastou-lhe apenas um segundo para saltar para o outro lado e disparar em tremenda velocidade ladeira abaixo, rumo à casa do sr. Heelas.

— Meu Deus! — gritou o sr. Heelas, a quem uma ideia ocorreu de repente. — É o bruto do Homem Invisível! Têm razão! Ele existe!

Com o sr. Heelas, pensar era agir; e sua cozinheira, que o avistava de uma janela no pavimento de cima, ficou espantada ao vê-lo partir na direção de casa a uma velocidade de uns bons quinze quilômetros por hora. Portas estrondaram, campainhas retiniram, e a voz do sr. Heelas elevou-se por sobre esse barulho como o mugido de um touro.

— Tranquem as portas! Tranquem as janelas! Tranquem tudo! O Homem Invisível vem aí!

No mesmo instante a casa encheu-se de um alarido de gritos, ordens e passos atropelados. Ele próprio encarregou-se de trancar as janelas da varanda, e ao fazê-lo avistou a cabeça e os ombros de Kemp que surgiam por cima da cerca viva do jardim. Um instante depois o doutor rompeu por entre os arbustos e cruzava a boa velocidade o relvado, na direção da casa.

— Não pode entrar! — gritou o sr. Heelas, correndo os ferrolhos. — Sinto muito se ele quer pegá-

lo, mas aqui você não entra!

Kemp colou à vidraça um rosto transido pelo terror, e pôs-se a bater e sacudir a janela em frenesi. Vendo que seus esforços eram inúteis, correu dando a volta à varanda, pulou a balaustrada do fim e veio esmurrar a porta lateral. Sem resposta, cruzou o portão lateral, rodeou até a parte fronteira da casa e dali disparou rumo à estrada da colina. Mal o sr. Heelas, com o rosto horrorizado colado à vidraça, viu o doutor desaparecer, percebeu os arbustos da sebe sendo curvados e pisados por algo invisível. Diante disso, fugiu escada acima, deixando assim de testemunhar o restante da caçada. Ouviu apenas, quando passou ao lado da janela da escada, a batida forte do portão.

Ao chegar à estrada da colina, Kemp naturalmente tomou o rumo da descida, e foi assim que veio a repetir em pessoa a mesma corrida desabalada que vira do belvedere, com olhos críticos, ser executada pelo vagabundo, dias antes. Ele imprimiu boa velocidade para um homem fora de forma, e, embora estivesse pálido e coberto de suor, mantinha uma certa frieza mental. Corria a passos largos, e onde quer que no chão à sua frente surgisse um trecho de terreno pedregoso, ou de cacos de garrafas, ele tomava esse rumo, deixando que os pés descalços que o perseguiam escolhessem o mesmo trajeto para alcançá-lo.

Pela primeira vez em sua vida, Kemp percebeu o quanto aquela estrada era indescritivelmente longa e deserta, que as primeiras casas da cidade lá embaixo ficavam a uma distância incrivelmente remota, e que nunca existira um método de avanço mais doloroso e mais lento do que o de correr. Todas as *villas* de silhuetas esguias, adormecidas ao sol da tarde, pareciam trancadas e barricadas — e, sem dúvida, estavam mesmo trancadas e barricadas, por ordem dele próprio. Mas com certeza alguém estaria vigiando, para o caso de uma situação como a sua! Agora a cidade já se erguia à sua frente, a visão distante do mar já desaparecera por trás dela, e algumas pessoas podiam ser vistas caminhando. Um *tramway* se aproximava no sopé da colina; mais além, via-se a delegacia de polícia. O que era aquele ruído atrás, pés que se aproximavam? O doutor acelerou o ritmo.

As pessoas já começavam a olhar na sua direção, um ou dois desataram a correr, e a respiração ardia em sua garganta. O *tramway* estava mais perto agora, e ele viu as pessoas no Jolly Cricketers fechando ruidosamente as portas. Por trás do *tramway* avistavam-se pilhas de madeira e montes de cascalho — obras de drenagem. Ele teve o impulso fugaz de correr para dentro do *tramway* e fechar as portas, mas preferiu seguir direto, rumo à delegacia. Um instante depois passou diante do Jolly Cricketers, e então estava em plena rua, machucado, extenuado, mas cercado de gente. O condutor do *tramway* e seu ajudante, que assistiam àquela furiosa corrida, mantinham-se imóveis, com os cavalos desatrelados. Lá na frente, operários com expressão perplexa o acompanhavam com os olhos, por trás de montes de cascalho.

Ele reduziu um pouco a velocidade, mas ouviu atrás de si os passos abafados de seu perseguidor, e voltou a acelerar. “O Homem Invisível!”, gritou para os operários, fazendo um gesto vago, e numa súbita inspiração pulou por cima de uma daquelas valas, colocando um grupo de trabalhadores entre ele e seu inimigo. Então, abandonando a ideia de ir para a delegacia, enveredou por uma ruazinha lateral, ultrapassou a carroça de um verdureiro, hesitou por um décimo de segundo à porta de uma loja de doces, e então tomou uma travessa que conduzia de volta a Hill Street. Duas ou três crianças brincavam ali, e espalharam-se gritando quando ele surgiu; portas e janelas começaram a se abrir, e as mães de família revelavam em altas vozes o que achavam daquilo. Kemp desembocou em Hill Street, agora uns trezentos metros do fim da linha do *tramway*, e imediatamente teve consciência de uma grande vociferação e de pessoas que acorriam em tumulto.

Virou-se para olhar e viu, a uma dúzia de metros, um operário corpulento disparando imprecações e dando golpes no ar com uma pá, e logo atrás dele o condutor do *tramway* correndo de punhos cerrados. Um grupo de homens acompanhava os dois, gritando e dando socos à toa. Da parte de baixo da cidade, homens e mulheres aproximavam-se correndo, e ele percebeu um homem emergindo de uma loja

empunhando um bastão. “Espalhem-se, espalhem-se!”, gritou alguém, e Kemp percebeu que a perseguição começava a se inverter. Ele deteve-se, ofegante.

— Ele está por aqui! — berrou. — Formem uma linha...

Uma pancada o atingiu embaixo do ouvido, e ele saiu cambaleando, tentando manter-se de frente para o agressor invisível. Conseguiu ficar de pé, mas quando esmurrou o ar foi em vão. Outro golpe o apanhou no queixo e ele se estatelou no chão. Um instante depois um joelho comprimiu seu diafragma e mãos ferozes agarram-lhe a garganta, mas uma delas tinha o aperto mais fraco que a outra. Ele conseguiu agarrar os pulsos e ouviu um grito de dor do adversário. Nisso ele avistou a pá empunhada pelo operário grandalhão cortar o ar à sua frente e parar de repente produzindo um ruído surdo. Algo líquido respingou no seu rosto. As mãos em sua garganta se afrouxaram, e, com um esforço convulsivo, Kemp se desembaraçou daquele aperto, agarrou um ombro nu e conseguiu derrubá-lo no chão, pondo-se por cima. Procurou agarrar e manter os braços invisíveis colados ao chão.

— Venham! Acudam! — gritou. — Ele está no chão! Segurem seus pés!

Um segundo depois todos em volta precipitaram-se sobre ele, e um estranho que cruzasse a rua naquele instante iria imaginar que ali se travava uma partida de *rugby* das mais renhidas. E depois do grito de Kemp, não se ouviu nenhuma outra voz, apenas a respiração arquejante dos homens e a saraivada de golpes.

Mas o Homem Invisível fez um último e desesperado esforço, jogou para o lado dois dos antagonistas e ficou de joelhos. Kemp agarrou-se a ele como um mastim se aferra a uma caça, e uma dúzia de mãos agarraram, arranharam e golpearam o Invisível. O condutor do *tramway* agarrou-o pelo pescoço e puxou-o para trás. Todo aquele amontoado de homens rolou por cima da presa, e receio que tenham sido desferidos violentos pontapés. Ouviu-se um grito de “Piedade! Piedade!” que em seguida se transformou num ruído de alguém sufocando.

— Parem, seus loucos — disse Kemp com voz rouca, empurrando os homens para trás. — Ele está ferido! Recuem!

Houve um recuo atropelado abrindo um clarão, e o círculo de rostos excitados contemplou o doutor, que parecia estar de joelhos a alguns centímetros no ar, agarrando braços invisíveis de encontro ao solo. Por trás dele, um policial agarrava um par de tornozelos invisíveis.

— Não o deixem escapar — disse um operário grandalhão, empunhando uma pá ensanguentada. — Está fingindo.

— Não, não está — disse o doutor, erguendo-se com cautela. — E eu vou segurá-lo.

Seu rosto estava arranhado e vermelho; ele falava com dificuldade devido a um grande inchaço no lábio. Ele soltou uma das mãos invisíveis e pareceu estar tateando um rosto.

— O rosto dele está todo molhado. Meu Deus!

Ele afastou-se, ficando de joelhos no chão, ao lado daquele inimigo que nenhum deles avistava. A multidão em volta agitava-se, empurrando-se uns aos outros, enquanto mais e mais gente afluía para olhar. Gente saía das casas, e a porta do Jolly Cricketers foi novamente aberta. Ninguém falava uma palavra.

Kemp voltou a apalpar aquele corpo, sua mão parecendo procurar alguma coisa no vazio.

— Não está respirando — anunciou. — E não consigo sentir o coração. E aqui do lado... meu Deus!

De repente uma velha que espreitava por baixo do braço do homem com a pá gritou:

— Olhem! — E apontou com um dedo encarquilhado.

E olhando na direção em que ela apontava todos viram algo, a princípio tênue e translúcido, como se feita de vidro, a silhueta de uma mão imóvel, com seu desenho de veias e artérias e ossos e nervos. Foi se tornando cada vez mais opaca enquanto todos a contemplavam.

— Olhem! — gritou o policial. — Os pés! Estão aparecendo!

E assim, bem devagar, começando pelos pés e mãos e estendendo-se ao longo dos ombros até os órgãos vitais do corpo, aquela estranha mudança prosseguiu, lembrando a maneira como um veneno se espalha no organismo. Primeiro surgiram os nervos finos e brancos, depois a silhueta difusa de um membro, depois os ossos vítreos e a intrincada rede de artérias, depois a carne, a pele, tudo isto surgindo de maneira enevoadada até se tornar denso e opaco. Por fim eles puderam ver o seu peito afundado por golpes e o contorno desfocado de suas feições encovadas.

Quando por fim a multidão abriu um pouco de espaço e Kemp ficou de pé, ali estava diante deles, nu, estirado no chão, o corpo ferido e machucado de um homem de seus trinta anos de idade. Seu cabelo e a barba por fazer eram brancos, não o branco da idade, mas o do albinismo, e seus olhos eram vermelhos. Suas mãos estavam crispadas, os olhos arregalados, e sua expressão era de raiva e desalento.

— Cubram o seu rosto! — gritou um homem. — Pelo amor de Deus, cubram esse rosto.

E três crianças que haviam se enfiado por entre as pernas dos adultos foram agarradas e retiradas dali às pressas.

Alguém trouxe um lençol do Jolly Cricketers e cobriu o corpo, que em seguida foi carregado para a taverna. E ali, numa cama barata, num quarto dos fundos mal-iluminado, encerrou-se a estranha carreira do Homem Invisível.

O Epílogo

E assim termina a história das façanhas extraordinárias e cruéis do Homem Invisível. Se algum de vocês quiser saber mais a seu respeito, deve dirigir-se a uma pequena taverna perto de Port Stowe e falar com o proprietário. A placa por sobre a porta dessa taverna tem a imagem de um chapéu sobre um par de botas, e o nome dela é o título desta história. O proprietário é um homem pequeno, corpulento, com um nariz de proporções cilíndricas, cabelos eriçados e um rosto que volta e meia se avermelha como púrpura. Bebe com generosidade, e com a mesma generosidade poderá contar-lhe tudo que lhe aconteceu depois daquela época, e de como os advogados tentaram arrancar das suas mãos a fortuna que encontraram em seu poder.

— Quando eles descobriram que não podiam dizer quem eram os donos daquele dinheiro, e quanto era de cada um, foi minha sorte — vive ele a repetir. — Sabe o que fizeram? Disseram que eu tinha encontrado um tesouro! Eu tenho cara de quem encontra tesouros?! E depois veio um cavalheiro que me contratou a um guinéu por noite para contar minha história no Empire Music Hall, contar tudo, tintim por tintim.

E se o ouvinte entediado quiser cortar de uma só vez o fluxo de suas reminiscências, basta perguntar-lhe o que aconteceu com os três livros de notas tantas vezes mencionados nesta história. Ele admite a existência de tais livros e o fato de que todos pensam que os livros ficaram em seu poder. Mas não foi assim!

— O Homem Invisível os tomou de mim para escondê-los, quando fugi dele na direção de Port Stowe. Foi o sr. Kemp que botou na cabeça das pessoas a ideia de que os livros ficaram comigo.

E então ele mergulha num estado pensativo, seu olhar se torna furtivo, ele mexe nervosamente nos copos e acaba pedindo licença para se retirar.

É um homem solteiro; sempre teve hábitos de solteiro, e não há uma mulher na sua casa. Quando sai de casa, suas roupas têm botões, pois é o que se espera de um cidadão como ele; mas na sua privacidade dá preferência a suspensórios feitos de barbante. Toca seu negócio sem muita ousadia, mas com sobriedade. Seus movimentos são vagarosos, e ele é um grande pensador. Tem reputação de sabedoria, de extraordinária parcimônia nos gastos; e seu conhecimento das estradas do sul da Inglaterra supera o de viajantes como Cobbett.

E nas manhãs de domingo, todas as manhãs de domingo do ano, quando seu estabelecimento fecha para fregueses, ou então depois da dez da noite, ele se instala em sua sala de visitas com uma dose de gim com água, coloca-a sobre uma mesa e passa a certificar-se de que as portas estão trancadas por dentro e todas as persianas descidas; chega mesmo a espiar embaixo da mesa. Após constatar que está sozinho ele destranca o armário, depois uma divisória interna, e abre uma gaveta no interior dessa divisória. Retira dali três volumes encadernados em couro marrom, colocando-os solenemente sobre a mesa. As encadernações estão manchadas com o verde das algas, porque houve um tempo em que esses volumes ficaram enterrados numa vala, e a tinta de algumas das páginas chegou a ser apagada pela umidade. O taverneiro senta numa poltrona, enche devagar um longo cachimbo sem tirar os olhos dos livros. Depois pega qualquer um deles, abre-o e começa a examiná-lo, virando as páginas para diante e para trás. Suas sobrancelhas estão contraídas e seu lábios movem-se com dificuldade.

— Xis... Um doizinho em cima... Uma cruz... Um desenhzinho... Meu Deus! Que sujeito intelectual!

Depois de algum tempo ele relaxa, recosta-se na poltrona e fica contemplando a fumaça que sobe para o teto, como se contemplasse coisas invisíveis a outros olhos.

— Cheio de segredos — murmura ele. — Segredos maravilhosos. No dia em que eu souber o que tem aí dentro... Ah, não vou fazer o que ele fez! O que vou fazer é...

Ele puxa baforadas profundas do cachimbo e mergulha num devaneio, o maravilhoso e interminável devaneio em que se tornou sua vida. E embora o dr. Kemp continue procurando sem cessar aqueles livros, e Adye tenha interrogado com afinco todos os envolvidos no caso,¹⁴ nenhum ser humano, salvo o taverneiro, sabe o que foi feito deles, e do intrincado segredo da invisibilidade, e mais uma dúzia de outros segredos ali guardados. E ninguém o saberá enquanto ele for vivo.

Notas

1. Segundo as notas de Andy Sawyer para a edição da Penguin Books de *The invisible man*, das cidades do Sussex mencionadas por Wells no romance somente Iping é verdadeira, ficando alguns quilômetros a noroeste de Midhurst. As demais são fictícias, mas inspiradas (segundo Patrick Parrinder, na mesma edição) em cidades reais: Bramblehurst (=Midhurst), Port Stowe (= Portsmouth), Port Burdock (= Southsea) etc.
 2. A sra. Hall se refere aos pintores que, durante o verão, viajam para o campo a fim de pintar paisagens.
 3. Aqui há um lapso de Wells. O Homem Invisível chegou a Iping no dia 9 de fevereiro (capítulo III). O hipotético crime deveria ter acontecido, portanto, a partir de meados ou final de janeiro.
 4. Referência à parábola da Bíblia (Mateus, 25:15-30). Um patrão distribui talentos (moedas) entre seus servos, e no fim premia os que multiplicaram essa riqueza e castiga o homem que recebera um só talento, porque este, em vez de investir a riqueza que possuía, esconde-a. Silas Durgan parece sugerir que o estranho se recusa a faturar com sua deformidade, seja ela qual for.
 5. Flor que se abre e exala perfume ao anoitecer, como a “boa-tarde” e outros tipos.
 6. Wells alude ao fato de que os cervejeiros da época diluíam a cerveja em água, para aumentar sua quantidade, e adicionavam salsaparrilha, para dar à mistura um gosto mais parecido com o da cerveja.
 7. Uma citação das Obras morais de Plutarco (46-126 d.C.): *Vox et praeterea nihil*, “uma voz e nada mais”, ou “um simples som”. Wells mostra que Marvel, mesmo sendo agora um vagabundo, é um homem semieducado.
 8. Um descuido do autor. No capítulo XVII, horas antes desta cena, ele diz: “A lua em quarto crescente flutuava sobre a colina do lado oeste...”
 9. Os raios descobertos em 1895 por Wilhelm K. Roentgen (1845-1893) são hoje chamados de “raios X”.
 10. Mais conhecida como um poderoso veneno, a estricnina já foi usada, em doses muito pequenas, como estimulante ou laxativo.
 11. Este detalhe indica uma das questões mais levantadas pela crítica ao romance de Wells. A visão requer que a luz seja refratada no interior da córnea e bloqueada pela área pigmentada da íris. Um olho totalmente invisível (transparente) seria também incapaz de ver. Wells reconheceu isso numa carta de 1897 para Arnold Bennett, que, numa crítica ao romance, havia chamado a atenção para o perigo da superexposição à luz para olhos cujas pálpebras são transparentes.
 12. Este trecho prefigura, de certo modo, o conto “The country of the blind”, um dos mais famosos de Wells, publicado em 1904.
 13. Loja fictícia. Segundo Andy Sawyer, as grandes lojas de departamentos já existentes na França desde os anos 1860 e nos Estados Unidos desde os 1870 passaram a surgir na Inglaterra na década de 1890, como a Harrods, em Knightsbridge, e a John Lewis, em Oxford Street.
 14. O coronel Adye foi visto pela última vez no Capítulo XXVII, caído no jardim do dr. Kemp, depois de ser alvejado pelo Homem Invisível. Wells parece sugerir que ele sobreviveu ao tiro.
- [1] Uma fada bem-nascida (pelo que me disseram)/ sempre mantém sua palavra:/ Old Peter sumiu num instante,/ mas não suas roupas./ E ali estavam um paletó azul,/ um colete, um par de óculos,/ sua casaca, seus sapatos, até suas meias,/ e um par de... oh, isso não posso dizer.